

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA**

ROSALVA DE OLIVEIRA RAMOS

**FEITIÇOS HODIERNOS: O IMAGINÁRIO DA BRUXA NA LITERATURA
INFANTIL CONTEMPORÂNEA**

VACARIA 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

R175f

Ramos, Rosalva de Oliveira

Feitiços hodiernos [recurso eletrônico] : o imaginário da bruxa na literatura infantil contemporânea / Rosalva de Oliveira Ramos. – 2025. Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2025.

Orientação: Douglas Ceccagno.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Literatura infantil - Crítica e interpretação. 2. Feiticeiras. 3. Letramento. I. Ceccagno, Douglas, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 82-93.09

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

FEITIÇOS HODIERNOS: O IMAGINÁRIO DA BRUXA NA LITERATURA INFANTIL
CONTEMPORÂNEA

Rosalva de Oliveira Ramos

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura,

Área de Concentração: Estudos de Linguagem,
Literatura e Cultura.

Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 29 de abril de 2025.

Banca Examinadora:

Dr. Douglas Ceccagno
Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cristina Löff Knapp
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Márcio Miranda Alves
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Ricardo Postal
Universidade Federal de Pernambuco

Com gratidão e admiração, dedico este trabalho ao meu orientador, Prof. Dr. Douglas Ceccagno, por ter me ajudado nesta jornada acadêmica. Aprofundar nos estudos sob sua supervisão não apenas ampliou meu conhecimento, mas também me inspirou na busca por excelência em cada passo do caminho. Agradeço por acreditar em meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, cuja presença e orientação foram fundamentais em todos os momentos desta jornada. Sua luz me guiou e me deu forças nos momentos de dúvida e desafios.

Agradeço a UCS – Universidade de Caxias do Sul pelo auxílio financeiro.

Agradeço também ao meu orientador, Douglas Ceccagno, pela sua orientação, paciência e apoio incondicional. Sua sabedoria e encorajamento foram essenciais para a realização desta dissertação e para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Às minhas filhas, Patrícia, Alana Deserê e Maria Vitória, agradeço por serem minha fonte de inspiração e motivação. Vocês me lembram diariamente da importância de lutar pelos nossos sonhos e de buscar o conhecimento.

Agradeço à minha mãe, Dorcelina, por seu amor e apoio constantes, e ao meu pai Érico, que infelizmente faleceu antes de poder testemunhar a conclusão desta etapa. Sua memória e ensinamentos permanecem vivos em meu coração e são um forte impulso para seguir em frente.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta jornada, meu sincero agradecimento. Esta conquista é, de fato, um reflexo do apoio e amor que recebi ao longo do caminho.

Uma bruxa jamais estará totalmente imersa em luz ou trevas, seu reino é o crepúsculo e o amanhecer, para ela direita ou esquerda não importa, ela anda no gume da faca e faz sua própria sorte.

Michael Nefer

RESUMO

Esta dissertação propõe uma análise dos livros infantis, *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, de Heloisa Prieto (2001); *Nem isso, nem aquilo*, de Nye Ribeiro (2006); *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, de Ardem Druce (2008); *A vassoura mágica e a fada encantada*, de Nádia Aguiar (2009) e *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof (2014), que apresentam personagens bruxas, a partir do conceito de imaginário na perspectiva de Gilbert Durand (2001). Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como a literatura infantil contemporânea brasileira representa a bruxa, com base na teoria do imaginário. Ao longo deste estudo, exploramos as diversas representações da bruxa, levando em consideração como as figurações moldam a nossa percepção sobre as bruxas e como elas são percebidas com as mudanças sociais. Justifica-se a relevância de estudar a personagem bruxa pelo profundo impacto que exerce sobre o imaginário infantil. Analisamos a literatura infantil, a forma como foi composta e como foi vista ao longo do tempo e também como foram produzidos os primeiros livros para crianças. Estudamos o conceito de imaginário e o papel da bruxa na literatura infantil, seguindo em busca de compreender o imaginário através da teoria de Gilbert Durand (2001), de Mircea Eliade (1991,1979) e do pensamento de Marie-Louise Von Franz (1990), Carl Gustav Jung (2000). Também realizamos uma leitura e análise dos livros infantis mencionados, estudando a bruxa e sua trajetória. Observamos individualmente as suas características, a fim de demonstrar a bruxa e suas mudanças conforme as relações sociais. Conclui-se que a literatura infantil contemporânea traz a personagem bruxa, menos assustadora, mas com a mesma magia.

Palavras-chave: bruxa; literatura infantil; imaginário; letramento literário.

RESUMEN

Esta disertación propone un análisis de los libros de literatura infantil contemporánea, *La guerra de los gatos contra la bruja callejera*, de Heloisa Prieto (2001); *Ni esto ni aquello*, de Nye Ribeiro (2006); *Bruja, bruja, ven a mi fiesta*, de Ardem Druce (2008); *La escoba mágica y el hada encantada*, de Nádia Aguiar (2009) y *Uxa, ahora hada, ahora bruja*, de Sylvia Orthof (2014), que presentan personajes de brujas, desde el concepto de imaginario desde la perspectiva de Gilbert Durand (2001). Esta investigación tiene el objetivo general de investigar cómo la literatura infantil brasileña contemporánea representa a la bruja, a partir de la teoría del imaginario. A lo largo de este estudio exploramos las diferentes representaciones de las brujas, teniendo en cuenta cómo las figuraciones moldean nuestra percepción de las brujas y cómo se perciben con los cambios sociales. La relevancia de estudiar el personaje de la bruja se justifica por el profundo impacto que tiene en la imaginación infantil. Analizamos la literatura infantil, cómo se compuso y cómo fue vista a lo largo del tiempo, y también cómo se produjeron los primeros libros para niños. Estudiamos el concepto de imaginario y el papel de la bruja en la literatura infantil, buscando comprender lo imaginario a través de la teoría de Gilbert Durand (2001), Mircea Eliade (1991, 1979) y el pensamiento de Marie-Louise Von Franz (1990), Carl Gustav Jung (2000). También leímos y analizamos los libros infantiles mencionados, estudiando a la bruja y su trayectoria. Observamos sus características individualmente, para demostrar la bruja y sus cambios según las relaciones sociales. Se concluye que la literatura infantil contemporánea presenta el personaje de la bruja, menos aterrador, pero con la misma magia.

Palabras Clave: bruja; literatura infantil; imaginario; alfabetización literaria.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A ABORDAGEM HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL.....	20
2.1 TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DA LITERATURA INFANTIL	22
2.2 PRESENÇA DO SOBRENATURAL NA LITERATURA INFANTIL	31
3 CONCEITO DE IMAGINÁRIO.....	40
3.1 TEORIAS DO IMAGINÁRIO	42
3.2 IMAGINÁRIO DA BRUXA NA LITERATURA INFANTIL	49
4 PAPEL SIMBÓLICO DA BRUXA NAS NARRATIVAS INFANTIS.....	61
4.1 ASPECTOS FÍSICOS DA BRUXA	65
4.2 RELAÇÕES SOCIAIS DA BRUXA.....	75
4.3 A PERSONALIDADE DA BRUXA E SEUS PODERES MÁGICOS.....	82
4.4 A BRUXA COMO REPERTÓRIO DE VALORES MORAIS	92
5 CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS	108
ANEXO A – CAPAS DAS NARRATIVAS INFANTIS ANALISADAS	111

1 INTRODUÇÃO

A figura da bruxa é um dos elementos mais emblemáticos do folclore e das narrativas infantis. Ao longo dos anos, sua representação na literatura infantil tem passado por diversas mudanças, carregando consigo aspectos históricos-sociais e culturais da época em que foram criadas.

Os aspectos físicos da bruxa variam de acordo com a cultura e com a representação que é feita delas. No folclore ocidental, as bruxas são normalmente retratadas como mulheres idosas, enrugadas, com nariz grande, queixo pontudo e dentes amarelados ou faltando. Com cabelos desganhados e grisalhos, com chapéu pontudo, costumam usar roupas escuras e longas, representadas com suas vassouras, que são associadas às lendas do voo. Porém, essas descrições podem variar muito e são influenciadas pela cultura e pela mídia. Em algumas representações contemporâneas, as bruxas são mostradas como mulheres jovens e atraentes, desafiando os estereótipos tradicionais.

É importante compreender que a personagem bruxa é uma construção cultural que se originou em sociedades europeias que viam como suspeitas as mulheres que se opunham aos papéis sociais impostos, sendo dignas de perseguição. No século XVI, nos povos europeus, essas mulheres foram associadas à magia, ao ocultismo e a outras práticas que as tornavam diferentes do padrão imposto pela sociedade. Silvia Federici, historiadora e feminista, aborda em sua obra *Calibã e a Bruxa* a questão da caça às bruxas e a perseguição das mulheres acusadas de bruxaria na Europa no século XVII.

A caça às bruxas foi também a primeira perseguição, na Europa, que usou propaganda multimídia com o objetivo de gerar uma psicose em massa entre a população. Uma das primeiras tarefas da imprensa foi alertar o público sobre os perigos que as bruxas representavam, por meio de panfletos que publicizavam os julgamentos mais famosos e os detalhes de seus feitos mais atroz. [...] Mas foram os juristas, os magistrados e os demonólogos, frequentemente encarnados na mesma pessoa, os que mais contribuíram na perseguição: eles sistematizaram os argumentos, responderam aos críticos e aperfeiçoaram a maquinaria legal que, por volta do final do século XVI, deu um formato padronizado, quase burocrático, aos julgamentos, o que explica as semelhanças entre as confissões para além das fronteiras nacionais (Federici, 2017, p. 299).

A caça às bruxas foi um fenômeno histórico complexo que teve profundas implicações sociais, econômicas e políticas. A perseguição começava com acusações anônimas e denúncias de pessoas da comunidade. Os julgamentos de bruxas eram altamente injustos, com base principalmente em confissões obtidas sob tortura. As mulheres acusadas de bruxaria eram

queimadas vivas, enforcadas ou afogadas, enquanto outras enfrentavam exílios ou encarceramentos.

A partir do século XVIII, a bruxa é relacionada ao imaginário ao tornar-se personagem da literatura infantil. No século XVIII, o advento das escolas e a preocupação com o ensino fizeram surgir o que conhecemos hoje por literatura infantil. Um dos primeiros autores a se dedicar exclusivamente à literatura infantil foi John Newbery, que escreveu livros com linguagem simples e conteúdo educativo. Além disso, havia os contos maravilhosos recolhidos e recontados por Charles Perrault e pelos Irmãos Grimm. No século XIX, a literatura infantil se tornou mais popular e começou a ser vista como um gênero específico. Lewis Carroll, Hans Christian Andersen e Beatrix Potter são alguns dos autores mais famosos da época. No século XX, a literatura infantil se tornou mais diversa e inclusiva, com autores de diferentes nacionalidades e culturas. A literatura infantil contemporânea também é marcada pela experimentação formal e a incorporação de livros ilustrado, ou seja, uma literatura mais interativa com imagens em alto relevo. No Brasil, no século XX, surgiram obras que passaram a considerar de forma mais significativa o público infantil como leitor. Entre os anos 1920 e 1940, destacaram-se o escritor Monteiro Lobato, com a criação do Sítio do Pica-Pau Amarelo, e a personagem Emília, que logo se tornaria um ícone da literatura infantil brasileira. A partir daí, surgiram diversos outros autores que também foram importantes para a consolidação da literatura infantil do Brasil, como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo, André Neves, Eva Furnari, entre outros.

Ruth Rocha é considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras de literatura infantil, tendo escrito mais de 150 obras. Ziraldo ficou especialmente conhecido pelas suas obras, que trouxeram à tona a crítica social, como é o caso da famosa obra *O menino maluquinho*. Já André Neves é um autor que utiliza principalmente a ilustração em seus livros, tendo recebido diversos prêmios por sua obra, como o Prêmio Jabuti em 2013. Eva Furnari, por fim, é uma autora que ficou conhecida por sua criatividade e humor.

Em síntese, a literatura infantil no Brasil deve muito a autores pioneiros que, através de suas obras, ajudaram a consolidar o gênero. Embora o foco da pesquisa se concentre no imaginário, é fundamental reconhecer as contribuições desses autores para a literatura infantil brasileira e seu impacto duradouro nas gerações futuras.

A literatura infantil tem passado por transformações significativas ao longo da história. Desde o século XVIII, a concepção de infância mudou, e com ela a forma como os autores abordavam as crianças em seus livros. Antes dessa época, os contos populares eram vistos como

uma ferramenta de ensino, com histórias didáticas que estimulavam o comportamento correto. No entanto, a partir do final do século XIX, surgiram novos estilos de literatura infantil, como a literatura de aventura e de fantasia. Autores como Lewis Carroll, Jules Verne e Mark Twain escreveram histórias voltadas para crianças com um humor ácido e um imaginário rico, que rompiam com a tradição da moralidade e da didática. Com o surgimento da indústria editorial e da produção em massa de livros, a literatura passou a ser vista como um produto de consumo. As histórias se tornaram mais estereotipadas.

No entanto, a partir dos anos 1960 e 1970, houve um movimento de renovação na literatura infantil, surgiu uma grande variedade de gêneros, estilos e temas, refletindo a evolução das ideias sobre a infância, sendo vista como uma ferramenta de empoderamento e educação. Além disso, a literatura infantil também se tornou um terreno fértil para a experimentação formal, com livros que exploram diferentes formatos e estruturas narrativas.

Dentre todas essas produções literárias para crianças, há muitos livros que se concentram em histórias com elementos sobrenaturais, como fadas, fantasmas e bruxas. Esses personagens são apresentados de maneiras diferentes em diferentes histórias, algumas vezes como amigáveis e outras vezes como malévolas. A presença do sobrenatural na literatura infantil pode ajudar as crianças a desenvolver a imaginação, a criatividade e a resiliência. Além disso, pode ajudá-las a lidar com questões difíceis, como a morte e o medo do desconhecido, de maneiras que são seguras e compreensíveis para elas.

A bruxa é um personagem universalmente reconhecido e tem sido retratado em muitas histórias diferentes ao longo dos anos. Desde as bruxas más de *João e Maria* (1812), até às bruxas simpáticas de *Kiki - A Aprendiz de Bruxa* (1985), a figura da bruxa serve como uma fonte de fascínio e medo para as crianças. A bruxa também pode ensinar importantes lições sobre confiança, coragem e empatia. Muitas histórias de bruxa apresentam protagonistas jovens que precisam superar seus medos e enfrentar os desafios para alcançar seus objetivos.

A representação da bruxa na literatura infantil também evoluiu ao longo do tempo. Hoje em dia, há muitas histórias que apresentam bruxas como personagens simpáticos e solidários, que ajudam os outros e que lidam com os problemas de uma forma mágica e criativa. Em resumo, o papel da bruxa na literatura infantil é complexo e multifacetado. Sua representação evoluiu ao longo do tempo, mas o fascínio que causa nas crianças e o apelo para esse público continuam intactos.

A literatura infantil do século XXI representa as personagens bruxas de maneiras diversas, mas com uma perspectiva crescente no sentido de promover representações negativas

associados a elas, promovendo histórias que as apresentam como protagonistas fortes, corajosas e independentes. Alguns livros apresentam bruxas como personagens principais, com personalidades variadas e interessantes, retratam mulheres como seres mágicos e poderosos que lutam contra o mal e a injustiça. Por outro lado, muitos livros infantis apresentam bruxas de forma mais tradicional, como personagens malignas ou vilãs, mas, mesmo nesses casos, os autores tentam quebrar os estereótipos negativos ao humanizar e dar complexidade às suas motivações, aproximando-as dos leitores. Assim, talvez, a literatura infantil do século XXI representa as personagens bruxas no imaginário infantil de forma mais diversa e abrangente, procurando fugir dos estereótipos do passado. Mesmo assim, em alguns casos, as velhas abordagens sobre as bruxas continuam presentes.

Na literatura infantil, a bruxa é uma personagem arquetípica, como um símbolo de transformação, que enriquece a literatura infantil. Ela se diferencia pela aparência, comportamentos e habilidades mágicas. Em muitas histórias tradicionais, a bruxa é descrita como uma figura maligna que pretende prejudicar a heroína. No entanto, na contemporaneidade, a representação da bruxa tem se diversificado.

O imaginário da bruxa surgiu a partir das crenças populares sobre mulheres que praticavam magia e participavam de tradições pagãs. Além disso, associadas a elementos como gato preto, à lua cheia, à noite, à floresta e à presença de deuses pagãos. Embora tenha sido objeto de perseguição e discriminação ao longo da história, a figura da bruxa também foi utilizada por feministas para simbolizar a resistência e a luta contra as opressões sociais.

Muitas vezes a bruxa demonstra sabedoria, como curandeira, mulher sábia, representando o domínio dos conhecimentos mágicos, uma figura presente em todos os ciclos da mulher; ela pode ser a líder da comunidade, ocupando um lugar de destaque na tradição, nos ensina a respeitar o tempo e o envelhecimento, a honrar o legado das mulheres mais velhas em nossa cultura.

Na literatura infantil, as personagens bruxas aparecem em suas mais diversas representações com características próprias, carregadas de traços causadores de medo, com pele rugosa, nariz grande, dentes anormais, verrugas, além de terem suas roupas e acessórios extravagantes, de cor escura e assustadora. Com sua capacidade de realizar feitiçarias e manipular a magia, sempre despertaram curiosidade e medo na sociedade, muitas vezes representando uma figura maléfica. Entretanto, na contemporaneidade, a personagem bruxa adquiriu novos sentidos, ampliando seus espaços e importância em diversos gêneros literários.

De acordo com o livro *A literatura infantil brasileira*, de Regina Zilberman (2005), essa personagem as vezes é apresentada como uma figura misteriosa, que vive isolada e usa seus poderes mágicos para fazer o mal. A obra destaca que a bruxa muitas vezes é associada a imagens sombrias e macabras, como as das vassouras voadoras, caldeirões borbulhantes e poções mágicas. Essas imagens, por sua vez, originam-se de tradições folclóricas e mitológicas, presentes em diversas culturas ao redor do mundo.

Na literatura infantil, a figura da bruxa tem sido utilizada como uma forma de demonstrar valores éticos e morais para as crianças. É comum, por exemplo, que as bruxas sejam tratadas como vilãs em histórias, mostrando que o mal é sempre derrotado no final. Em contrapartida, o livro *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*, de Zilberman (2005), destaca algumas obras que procuram humanizar a figura da bruxa, mostrando que ela é uma personagem complexa, com motivações próprias.

No entanto, com o passar do tempo, a representação da bruxa se transformou significativamente, na literatura infantil contemporânea. Hoje as bruxas aparentemente são retratadas de forma mais positiva e empoderada, às vezes até mesmo como protagonista das histórias. Desse modo, a figura da bruxa apresenta-se em uma visão contemporânea, presente na sociedade humanizada e mostrando que nem todas são más. Nesse cenário, a bruxa tem desempenhado um papel significativo, nas narrativas brasileiras.

Fadas ocupando o título de narrativas brasileiras para as crianças tornam-se mais frequentes [...] Eliane Ganem publica *A Fada Descantada* (1975) e Bartolomeu Campos Queirós, *Onde Tem Bruxa, Tem Fada* (1979), dois exemplos da tendência a recorrer ao tradicional imaginário da literatura infantil para apresentar temas novos e inquietantes. O primeiro conta a trajetória de uma fada que quer renunciar à condição dentro da qual nasceu: recusa a obrigação de fazer magias para ajudar os outros, defender um desvalido a quem protege. Quer mudar de vida e de profissão, o que consegue graças à decisão de se transferir para uma cidade moderna, [o segundo] *Onde tem Bruxa tem Fada* compartilha o cenário urbano vivenciado pela protagonista de *A Fada Descantada* e, como os anteriores, atualiza espaços e personagens para exibir temas contemporâneos e controversos (Zilberman, 2005, p. 57).

As fadas inseridas nas narrativas brasileiras trazem consigo uma riqueza de elementos culturais, mitológicos e folclóricos que refletem a diversidade do imaginário brasileiro. Ao estudar a presença das fadas nas narrativas infantis, é possível perceber alguns poderes especiais e culturais. Constantemente são contextualizadas em ambientes mágicos, que contribuem para a enriquecer as histórias com elementos geográficos, naturais, sociais e culturais, como florestas e castelos.

A personagem da bruxa na literatura infantil pode refletir os medos da sociedade em relação ao desconhecido e ao poder feminino, mas também pode ser uma metáfora para a luta do bem contra o mal e dos valores morais contra o egoísmo e a crueldade. Além disso, a figura bruxa também é utilizada como um símbolo de subversão e resistência, especialmente em histórias em que ela é perseguida e discriminada pela sociedade em função de sua aparência ou habilidades mágicas.

Atualmente, a literatura infantil brasileira apresenta uma variedade imensa de boas obras. Segundo Zilberman,

centenária, a literatura infantil brasileira oferece ao leitor atual um acervo respeitável de boas obras, para serem lembradas por adeptos de várias gerações. Vale a pena recapitular sua trajetória, para atender as qualidades que exhibe aos leitores contemporâneos de todas as idades (2005, p. 11).

A literatura infantil é uma forma de introduzir as crianças ao mundo da leitura e da imaginação. É um gênero que abrange uma ampla variedade de obras, livros ilustrados coloridos e divertidos, até romances complexos para leitores mais avançados.

Além disso, a literatura infantil desenvolve a imaginação e o pensamento criativo das crianças, ao estudar mundos fantásticos e personagens cativantes. Há uma variedade de boas obras na literatura infantil, tanto clássicas, como também há muitos autores contemporâneos produzindo obras inovadoras e envolventes.

A literatura infantil não apenas entretém as crianças, mas também promove seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social, considerada uma parte essencial do processo de crescimento, proporcionando às crianças acesso a uma ampla gama de experiências e conhecimentos. Por esse motivo, pesquisamos a literatura infantil primeiramente para compreender a evolução histórica desse gênero literário e perceber as mudanças sociais e culturais presentes na sociedade atual.

O problema desta pesquisa é: Como a Literatura Infantil do Século XXI representa as personagens bruxas na perspectiva do imaginário? O corpus desta dissertação é composto por um conjunto de obras literárias infantis que apresentam a figura bruxa em diferentes contextos. A relevância temática das obras escolhidas abordam a figura da bruxa na literatura infantil contemporânea, que reflete nas mudanças sociais e culturais em curso, permitindo entender como a figura da bruxa pode ser reinterpretada, desafiando estereótipos e oferecendo novas perspectivas que são fundamentais para o imaginário infantil. As obras selecionadas são de

autores reconhecidos na literatura infantil, a inclusão de suas obras garante que a pesquisa esteja fundamentada em narrativas que possuem uma recepção crítica significativa, permitindo dialogar com a produção literária atual. Realizaremos o estudo da construção do imaginário sobre as bruxas representadas na Literatura Infantil contemporânea nas obras *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof (2014); *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, de Heloisa Prieto (2001); *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, de Arden Druce (2008); *A vassoura mágica e a fada encantada*, de Nádía Aguiar (2009) e *Nem isso, nem aquilo*, de Nye Ribeiro (2006). Por meio da pesquisa, acreditamos poder evidenciar que a literatura infantil contemporânea tem explorado a figura da bruxa de maneiras diferentes, com estereótipos menos assustadores, e com os enredos das histórias apresentando algumas magias para despertar o leitor infantil. Assim, buscamos entender a ressignificação da imagem para compreender essa personagem, analisando o imaginário sobre as bruxas representadas na literatura infantil contemporânea nas narrativas mencionados.

Ressaltando o sobrenatural presente nas histórias infantis, esse elemento pode incluir as bruxas e seus poderes mágicos presentes nos livros infantis selecionados. Os eventos sobrenaturais e os cenários extraordinários transcendem a realidade cotidiana e convidam as crianças a adentrar nos universos imaginativos.

É possível que no conto *A vassoura mágica e a fada encantada*, da autora Nádía Aguiar, a personagem bruxa torna-se uma figura empoderada e inclusiva, representando as mulheres que são vistas como diferentes, mas podendo ser ela mesma bruxa e boazinha. Ao mesmo tempo, na literatura infantil contemporânea, muitos livros se utilizam da figura da bruxa como uma forma de discutir questões relevantes, como justiça social, empatia, respeito às diferenças, valorização da natureza. No conto infantil *Bruxa, bruxa venha à minha festa*, a autora Arden Druce convida a bruxa para a sua festa de aniversário, numa perspectiva de empatia, respeito às diferenças e a valorização de todos os convidados da festa.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como a literatura infantil contemporânea brasileira representa a bruxa, com base na teoria do imaginário. Para tanto, fazemos uma relação das personagens bruxas presentes nos livros infantis selecionados; ao mesmo tempo, refletimos sobre o imaginário das bruxas na literatura infantil contemporânea, mostrando a trajetória da personagem da Idade Média até a contemporaneidade. A análise das narrativas e seu entendimento no que se refere ao imaginário estão baseados nas ideias de Marie-Louise Von Franz (1990):

Contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Consequentemente, o valor deles para a investigação científica do inconsciente é sobrejamente superior a qualquer outro material. Eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa. Nessa forma pura, as imagens arquetípicas fornecem-nos as melhores pistas para compreensão dos processos que se passam na psique coletiva (Franz, 1990, p. 9).

Os contos de fada são histórias que foram transmitidas ao longo dos séculos e que têm elementos simbólicos profundos que refletem os processos psíquicos do inconsciente coletivo, expressões simbólicas que retratam dramas psicológicos universais, como o conflito entre o bem e o mal, personagens arquétipos, como o herói, a heroína, o vilão e o mentor, os quais representam aspectos básicos da psique humana.

Para isso, serão analisadas obras literárias infantis contemporâneas, que apresentam personagens femininas bruxas, a fim de compreender como a figura da bruxa é construída dentro do universo infantil e como isso se relaciona com os valores culturais e sociais do nosso tempo. A pesquisa buscará identificar as principais características e estereótipos que são associados a essas personagens, bem como as representações positivas e negativas que são criadas a partir delas. Além disso, serão investigados os diferentes recursos e narrativas que os autores utilizam para construir a imagem da bruxa e de que forma isso contribui para a sua representação no imaginário infantil. Com base nesses dados, espera-se contribuir para uma reflexão crítica sobre as representações das personagens bruxas na literatura infantil contemporânea.

Os objetivos específicos deste trabalho são: a) Estudar o papel da bruxa na literatura infantil; b) Abordar o conceito e as teorias do imaginário; c) Analisar o papel simbólico da bruxa nas obras *Uxa, ora fada, ora bruxa*; *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*; *Bruxa, bruxa, venha em minha festa*, *A vassoura mágica e a fada encantada* e *Nem isso, nem aquilo*, da perspectiva do imaginário.

A seleção dessas obras para o corpus da dissertação se justifica pela diversidade de representações da figura bruxa e pela riqueza de temas que elas abordam, cada história oferece uma perspectiva única que contribui para a construção do imaginário infantil.

A pesquisa justifica-se da escolha dos livros infantis que exploram o imaginário da bruxa, levando em conta as diversas razões pedagógicas e psicológicas que enriquecem tanto o processo de aprendizado das crianças quanto o desenvolvimento das habilidades essenciais para a sua formação. Apresento também a escolha das narrativas infantis analisadas a sua importância para a prática profissional na Educação Infantil. Como pesquisadora do imaginário destacamos a contribuição e a experiência com as crianças, para compreender a figura bruxa, a construção de valores e ensinamentos por meio de histórias infantis, bem como observar as

representações da personagem bruxa na literatura infantil contemporânea. Ainda este trabalho permitirá novos conceitos para futuras investigações, devido ao assunto “imaginário” ser abrangente e presente na literatura, na educação na formação das crianças e como teoria, pois a pesquisa é aberta e com possibilidades de continuidade com novos conhecimentos e aprendizagens.

No primeiro capítulo, será feita uma análise histórica da literatura infantil, investigando a forma como essa literatura foi composta e como foi vista ao longo do tempo. Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância” (Zilberman, 2003, p. 15).

As fábulas de Esopo são um exemplo disso. Cada uma delas possuía uma lição moral clara e objetiva. Abordaremos a presença do sobrenatural na literatura infantil. Um dos exemplos mais populares de literatura com uma forte presença do sobrenatural é a série Harry Potter, que apresenta uma visão do mundo fantástico com criaturas lendárias, feitiços e poções mágicas.

No segundo capítulo, estudaremos literatura, o conceito de imaginário e o papel da bruxa na literatura infantil. A bruxa é um dos personagens mais populares nas narrativas infantis. Ela é retratada como uma figura mágica e misteriosa, com habilidades sobrenaturais e conhecimentos místicos. Na maioria das vezes, ela é vista como uma vilã que representa o mal da história.

Veremos o conceito de imaginário, que pode ser definido como o conjunto de imagens, símbolos, crenças, valores e representações mentais compartilhados por um grupo social ou cultural, que influenciam a forma como seus membros percebem e interpretam o mundo ao seu redor. Pode ser uma construção simbólica e subjetiva, a qual pode se manifestar em diferentes áreas da vida, como a arte, a religião, a política e a cultura popular. Seguindo na busca de compreender o imaginário através da pesquisa, nos guiamos pela teoria seguinte: “Portanto, o imaginário, nas suas manifestações mais típicas (o sonho, o onírico, o rito, o mito, a narrativa da imaginação etc.)” (Durand, 2001, p. 87). Entretanto o imaginário representa o conjunto de imagens e símbolos, o sonho é uma manifestação durante o sono, repleta de simbolismo, o mito são as narrativas que fazem parte do imaginário coletivo e a narrativa é a forma como as histórias são contadas.

Mircea Eliade (1991) também enfatiza a importância do imaginário na criação e manutenção da ordem cósmica, argumenta que as narrativas mitológicas e os rituais religiosos

ajudam a estabelecer uma ordem duradoura, fornecendo um modelo de como viver em harmonia com o mundo natural e com divino.

O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos - que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. (Eliade, 1991, p. 08).

Essa contribuição é relevante para compreendermos o pensamento simbólico, ou seja, é a capacidade inerente a todos os seres humanos, que transcende. Ao analisarmos os livros infantis, seguiremos a orientação de Marie-Louise Von Franz, que sugere: “Contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo” (Franz, 1990, p. 9). O motivo da criança não representa apenas algo que existiu no passado longínquo, mas também algo presente; não é somente um vestígio, mas um sistema que funciona ainda, destinado a compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência (Jung, 2000, p. 161).

No último capítulo serão feitas leitura e a análise das narrativas selecionados, estudando a bruxa e sua trajetória nesses textos. Muitas vezes, a bruxa representa o mal ou a maldade, e é vista como um obstáculo a ser vencido pelos personagens principais. Além disso, a bruxa também pode representar a figura da mulher que não se enquadra nos padrões sociais estabelecidos

Através da análise dos contos selecionados, veremos individualmente as suas características e semelhanças, bem como um estudo detalhado e comparativo, tendo como hipótese do trabalho as questões enunciadas que seguem e dissertando sobre o imaginário da bruxa, na perspectiva do enredo de cada uma das obras. Nos subcapítulos, examinamos a personagem bruxa, suas características e qual seu papel dentro da narrativa, a bruxa como repertório de valores morais, as relações sociais, os aspectos físicos e a personalidade da bruxa e seus poderes mágicos.

Fazendo uma busca no banco de teses na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) com os termos: bruxa, contemporânea, imaginário e século XXI, foram encontradas duas dissertações: “Integração da sombra do feminino em Corola Saavedra e Alina Paim à luz da psicologia profunda: bruxas e suas casas”, de Andressa de Sousa Silva (Dissertação de mestrado em Literatura na Universidade de Brasília, 2021) e “Da modernidade à contemporaneidade: figurações da bruxa nas literaturas inglesa e norte-americana”, de Isabelle Rodrigues de Matos Costa (Dissertação de mestrado em Letras na Universidade do Rio de

Janeiro, 2016). Porém o nosso trabalho ele vai para outro caminho ele traz um acréscimo, a sua originalidade oferecendo espaço para novas interpretações a personagem bruxa.

Com base nas pesquisas, a justificativa do tema imaginário da personagem bruxa na literatura infantil contemporânea se ancora na perspectiva de Andressa de Souza Silva (2021), que conforme Carl Gustav Jung utilizou os contos de fadas e o sobrenatural como ferramentas valiosas em sua abordagem psicológica, enxergando neles não apenas narrativas, mas reflexos simbólicos e reveladores da psique humana. No conto *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, aparece que a visão da autora é coerente com a de Silva; já no conto *Uxa, ora fada, ora bruxa*, a bruxa é vista como uma personagem que retrata o trajeto de fada para bruxa. Em contraposição ao conto *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, a personagem demonstra arrependimento das atitudes e evolui no trabalho e na sociedade, pintando os quadros e viajando pelo mundo.

A escolha desse tema se dá pela relevância da bruxa na cultura popular atual, sendo frequentemente representada em filmes, séries, livros e outras formas de arte. Além disso, a pesquisa possibilita compreender a evolução das representações da bruxa na literatura infantil, podendo fornecer um importante contexto histórico e cultural sobre as mudanças e permanências “de caracteres, símbolos e mitemas” nas obras infantis *Uxa, ora fada, ora bruxa*; *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*; *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*; *A vassoura mágica e a fada encantada* e *Nem isso, nem aquilo*

2 A ABORDAGEM HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL

Neste capítulo, será apresentada a história da literatura infantil, dividida em séculos com apresentação das mudanças sociais de cada período. Utilizaremos os seguintes teóricos Nelly Novaes Coelho (1987), Regina Zilberman, (2005, 2012), Marisa Lajolo (2002).

A história da literatura infantil remonta a séculos atrás, primeiramente com a intenção de fornecer educação para crianças. Ao final do século XVII, na França, nasce a literatura infantil com Charles Perrault.

É dentro desse contexto [de oposição entre o racionalismo e o conto de fadas de Perrault estão a recriação do maravilhoso popular, já que enquanto o primeiro busca explicar os fenômenos de forma lógica e racional, o segundo recorre a elementos fantásticos e mágicos para contar suas histórias] que Charles Perrault sente-se atraído pelos relatos maravilhosos/exemplares, guardados pela memória do povo, e dispõe-se a redescobri-los. Com esse trabalho de exegese, e obviamente ignorado o alcance que teria, Perrault cria o primeiro núcleo da literatura infantil ocidental: Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades – Contos da minha Mãe Gansa (Contes de ma Mère l'Oye, 1697) (Coelho, 1987, p. 66).

Essa obra é considerada uma das primeiras coletâneas de contos de fadas na literatura ocidental e teve um impacto significativo no gênero.

Foi no século XVIII que a literatura infantil começou a se desenvolver como um gênero específico. *As mil e uma noites* é uma coleção de contos populares do Oriente Médio. A autora Nelly Novaes Coelho menciona em sua obra, *O conto de Fadas*:

Como se vê, a atmosfera já estava preparada para acolher o maravilhoso erótico de *As mil e uma noites*. A voga das fadas e do maravilhoso feérico resiste até fins do século XVIII, quando, entre 1785 e 1789, é publicada a série Gabinete de Fadas - Coleção Escolhida de Contos de Fadas e Outros Contos Maravilhosos (na qual como se vê pelo subtítulo, fazia-se distinção entre duas espécies narrativas que, mais adiante, definiremos) (Coelho, 1987, p. 70).

A obra também é valorizada por sua representação da cultura e da tradição do Oriente Médio, bem como por suas reflexões sobre temas como amor, poder, justiça e moralidade. *As mil e uma noites* continua a ser uma fonte de inspiração e entretenimento para leitores de todas as idades em todo o mundo.

Porém, esse gênero começou a se desenvolver de forma mais significativa no Brasil a partir do século XIX. Os primeiros livros escritos para crianças e publicados no Brasil representaram um marco importante na literatura infantil do país. Naquele período, houve um crescente interesse em produzir obras literárias voltadas especificamente para o público infantil.

Vale a pena mencionar os nomes desses pioneiros. Um deles, Carl Jansen (1823 ou 1829-1889), nasceu na Alemanha, mudando-se, jovem, para o Brasil, onde trabalhou como jornalista e professor. Percebeu logo que, no Brasil, faltavam livros de histórias apropriados para os alunos e, entre, aproximadamente, 1888 e 1890, tratou de traduzir alguns clássicos, como os já lembrados *Robinson Crusóé* (1885) e *Viagem de Gulliver* (1888), [...]. *As aventuras do Celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891) e *D. Quixote de la Mancha* (1886) (Zilberman, 2005, p. 17).

Juntamente com Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac uniram-se para prosseguir com a literatura infantil brasileira. No mesmo período, este gênero obteve uma grande expansão e diversificação. Autores renomados, como os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, escreveram contos de fadas que se tornaram clássicos e ainda são populares até hoje. Essas histórias geralmente apresentavam elementos mágicos, personagens fantásticos e lições morais. Elas estimulavam a imaginação das crianças e tratavam de valores importantes, como coragem, segurança e perseverança.

A escrita de narrativas, bem como a divulgação foram influenciadas por diversas fontes, incluindo os contos dos Irmãos Grimm, introduzidos por meio de adaptações.

Entre os mais conhecidos dos contos de Grimm, que circula em tradução portuguesa, entre nós, estão: “A Bela Adormecida”, “Os músicos de Bremen”, “Os sete anões e a Branca de Neve”, “O Chapeuzinho Vermelho”, “A Gata Borracheira”, “O corvo”, “As aventuras do Irmão Folgazão”, “A dama e o leão” etc. (Coelho, 1987, p. 74).

A literatura infantil brasileira, ainda no século XIX, também começou a abordar temas mais realistas e contemporâneos, refletindo as mudanças sociais e culturais. “Os primeiros livros brasileiros escritos para crianças aparecem ao final do século XIX, de modo que a literatura infantil nacional contabiliza mais de cem anos de história” (Zilberman, 2005, p. 11).

Um patrimônio cultural disponível para todas as faixas etária, desde os clássicos até obras contemporâneas, esses livros proporcionam o desenvolvimento da imaginação e da formação de valores do leitor.

Foi somente no final do século XIX e início do século XX que a literatura infantil no Brasil começou a se consolidar e a ganhar mais destaque, com autores como Monteiro Lobato, que escreveu as obras *O Sítio do Pica Pau Amarelo* e *Reinações de Narizinho*.

A história da literatura infantil do século XX é marcada por uma série de mudanças e evoluções significativas. Durante esse período, houve uma maior valorização da literatura infantil como uma forma de arte e expressão, bem como maior diversidade de temas, estilos

literários e abordagens pedagógicas com a valorização de obras que estimulam a formação de valores.

Um marco importante na literatura infantil do século XX foi a publicação do livro *Peter Pan* (1930), de James Barrie, que se tornou um clássico da literatura infantil. Na primeira década desse mesmo século, surgiram também importantes escritores e ilustradores de livros infantis, como Beatrix Potter, com suas histórias encantadoras sobre animais.

Na década de 1960, a literatura infantil passou por uma revolução com o surgimento de obras que abordavam temas mais realistas e contemporâneos. Ao decorrer na década de 1970, houve uma maior diversificação de temas e estilos na literatura infantil. Autores como Mario Quintana, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector contribuíram com esse gênero.

O século XXI é marcado por uma série de mudanças significativas. Com o avanço da tecnologia e a crescente diversidade de públicos e leitores, a literatura infantil passou por transformações tanto em termos de conteúdo quanto de formato. Uma das principais mudanças na literatura infantil do século XXI é a inclusão. Autores e ilustradores têm se esforçado para criar histórias que reflitam a diversidade étnica, cultural, de gênero e de experiências das crianças. Essa representatividade é importante para que as crianças se identifiquem nas histórias que leem. Além disso, a literatura infantil do século XXI tem abordado uma variedade de temas relevantes para as crianças, como questões ambientais, diversidade familiar, saúde mental, bullying, entre outros.

Os autores têm buscado tratar esses temas de forma sensível e acessível, ajudando as crianças a compreender e a lidar com questões do mundo real. Outra mudança é a incorporação de elementos multimídia na literatura infantil. Com o avanço da tecnologia, os livros digitais, aplicativos interativos e e-books têm se tornado cada vez mais populares. Esses recursos permitem uma experiência de leitura mais imersiva, com animações, sons e interatividade, tornando a literatura infantil ainda mais cativante para as crianças. Com a popularização dos dispositivos móveis, os autores têm explorado novas formas de contar histórias, como livros interativos, narrativas em formato de jogo e histórias em quadrinhos digitais.

Portanto, é possível observar as transformações na literatura infantil e como essa forma de expressão artística se adaptou para acompanhar as mudanças sociais, culturais e educacionais.

2.1 TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DA LITERATURA INFANTIL

Neste subcapítulo veremos um estudo sobre as transformações sócio-históricas da literatura infantil, refletindo mudanças sociais, culturais e pedagógicas em diferentes contextos. Autores como Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman e Marisa Lajolo são referências importantes na pesquisa e na análise dessas transformações.

Na Idade Antiga, não havia uma distinção clara entre literatura infantil e literatura para adultos. As histórias e mitos eram transmitidos oralmente e visavam, entre outras coisas, a ensinar lições morais e a educar as crianças.

Na Idade Média, a literatura infantil era constituída por contos com tradição oral, valores morais e religiosos. No Iluminismo (séculos XVII e XVIII), a literatura infantil assumiu um papel mais educativo e instrutivo, os livros começaram a ser escritos com o objetivo de ensinar conteúdos acadêmicos e valores éticos infantis. O Romantismo (séculos XVIII e XIX), voltado mais para a imaginação e para a fantasia, produziu contos de fadas, que se tornaram populares, e a fantasia tornou-se uma característica dos livros para crianças. No século XX, a literatura infantil passou por várias transformações, surgiram novos gêneros, como a literatura infantil realista e a literatura infantil de aventura. Entrando no século XXI, continua a evoluir: há um foco crescente na representação da inclusão de diferentes culturas, bem como uma maior utilização de tecnologia e mídia digital. Contemplaremos o estudo a partir do período do Iluminismo nos séculos XVII e XVIII, quando ocorreram mudanças sociais, políticas e culturais, e a educação das crianças também se tornou um tema de grande importância.

A literatura infantil tem uma longa trajetória, como vimos. No entanto, o conceito de literatura especificamente destinada às crianças como um público-alvo distinto emergiu apenas no final do século XVII. Antes desse período, as histórias contadas e os livros disponíveis para as crianças eram principalmente adaptações de contos populares, mitos e lendas transmitidos oralmente ao longo dos séculos. No entanto, com o surgimento da imprensa e o crescimento da alfabetização, começaram a ser criados livros escritos especialmente para esse público.

Os Contos da Mamãe Gansa, de Charles Perrault, publicado pela primeira vez em 1697, inclui histórias conhecidas como *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho* e, embora tenha sido escrito originalmente para um público adulto, atualmente essas narrativas fazem parte da literatura infantil.

Ao final do século XVII, na França, todo esse caudal de narrativas maravilhosas já entrara em declínio: parte delas fora absorvida pelo povo e transformara-se em narrativas populares folclóricas, esvaziadas de sua essencialidade primitiva; outra parte diluíra-se nos romances preciosos, nos quais as aventuras heroico-amorosas da

novelística medieval tendem a ser substituídas pelas aventuras sentimentais, patéticas, ou pelo heroísmo da paixão, intensificando-se o maravilhoso que lhes servia de espaço (Coelho, 1987, p. 65).

Diferentes fatores e contextos contribuíram para essas mudanças significativas. Enquanto as narrativas maravilhosas, como contos de fadas e fábulas, eram amplamente aceitas e valorizadas no passado, a visão das pessoas sobre a infância e a educação evolui ao longo do tempo. Novas correntes pedagógicas e pesquisas acadêmicas começaram a questionar o papel e a influência dessas narrativas na formação das crianças.

No século XVII, algumas fábulas, como as escritas por Jean de La Fontaine, buscavam ensinar lições morais por meio de histórias com animais antropomorfizados. No geral, essas histórias proporcionam menos entretenimento e mais ensinamentos para as crianças. Outro importante autor desse período, Charles Perrault, na França, escrevia contos de fadas, que se tornaram extremamente populares entre as crianças. Essas histórias apresentavam elementos mágicos e morais, além de lições de vida.

A partir daí Perrault volta-se inteiramente para essa redescoberta da narrativa popular maravilhosa, com um duplo intuito: provar a equivalência de valores ou de “sabedoria” entre os Antigos greco-latinos e os Antigos nacionais, e, com esse material redescoberto, divertir as crianças, principalmente as meninas, orientando sua formação moral (Coelho, 1987, p. 68).

Perrault, conhecido por seus contos clássicos, registrou histórias em forma de escrita, popularizando-as e tornando-as acessíveis a um público mais amplo. Os contos de Perrault apresentavam elementos de fantasia, magia, aventura e romance, que eram novidades emocionantes para o público leitor da época e se tornaram a base para outras obras literárias posteriores, influenciando escritores como os irmãos Grimm.

Foi um período importante para a literatura infantil, marcado pelo surgimento de histórias voltadas especialmente para crianças e pela popularização do livro como ferramenta de aprendizado e entretenimento. Durante essa época, a literatura infantil começou a se desenvolver de forma considerável, principalmente na Europa. Outra das primeiras obras relevantes para crianças foi *O pássaro Azul*, escrito por Madame d’Aulnoy, em 1697. Essa história foi outra das primeiras a serem especificamente destinadas ao público infantil e ajudou a impulsionar o interesse por esse tipo de literatura. Conforme Coelho (1987), o conto foi refeito no século XVII por Mme D’Aulnoy, a transformação do amante em pássaro, a fantasia e realidade trazem esta linha tênue entre os dois personagens transportados de um mundo real para um mundo imaginário.

No entanto, foi apenas no século XVIII que a literatura infantil começou a se desenvolver como um gênero específico e reconhecido. No início, era predominantemente didática e moralista, com o objetivo de ensinar lições e valores às crianças, através de fábulas e contos maravilhosos, com o uso dos animais para apontar lições morais aos jovens leitores.

Nesse mesmo período, o gênero da literatura infantil se expandiu com a publicação de fábulas e histórias de aventura, que seriam, mais tarde, adaptadas ao público infantil, como *As Aventuras de Robinson Crusóé* e *As Viagens de Gulliver*. Esses livros influenciaram gerações de crianças e ajudaram a estabelecer a importância da literatura infantil como uma ferramenta educacional e significa que a Europa tinha exemplos ou padrões de escrita que eram utilizados ao escrever para crianças em outros países. Conforme Zilberman (2005, p. 16):

Essas soluções [a tradução de livros e adaptação para o público infantil, bem como a seleção de temas e conteúdo que sejam apropriados para a idade da criança, de forma a manter seu interesse e engajamentos na leitura] não foram inventadas pelos brasileiros, e é aí que se explicita pela primeira vez com a lei de Lavoisier,[...]. A Europa, que inspirava a mudança de regime político, oferecia também os modelos utilizados para se escrever para crianças. Se traduções foram menos frequentes no Velho Continente, muito se adaptou, a ponto de certas obras passarem a ser conhecidas quase que exclusivamente como infantis.

Isso implica que a Europa possuía uma tradição ou histórico de produção de literatura infantil, os autores poderiam se inspirar ou seguir esses modelos ao escreverem para o público infantil.

Outro autor importante desse período foi o britânico John Newbery, considerado o pai da literatura infantil, pois publicou livros especialmente escritos para crianças. O século XVIII foi um marco importante para a literatura infantil, porque foi nessa época que se consolidaram as bases para o desenvolvimento desse gênero literário. O surgimento de histórias voltadas especificamente para as crianças, o aumento da produção de contos de fadas e fábulas e o trabalho de autores pioneiros contribuíram para o crescimento e para a popularização da literatura infantil nos séculos seguintes. Segundo Coelho, (1987, p.75) “tanto em Grimm como em Perrault predomina a atmosfera de leveza, bom humor ou alegria, que neutraliza os dramas ou medos existentes na raiz de todos os contos. Daí essa literatura entender-se tão bem com o espírito das crianças”.

A contribuição dos irmãos Grimm para a literatura infantil e para o estudo da linguagem e cultura alemã é inestimável. Eles desempenharam um papel fundamental na influência e popularização dos contos de fadas em todo o mundo, e muitas de suas histórias se tornaram clássicos da literatura infantil. Segundo Zilberman (2012), os contos de fadas foram bem

recebidos pelo público infantil por terem sido adaptados para esse fim. Originalmente criados por camponeses do centro da Europa, esses relatos foram recolhidos e editados por Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm, alcançando tanto êxito que passaram a servir de modelo para outros autores interessados em escrever para o mesmo público.

Eles ficaram famosos por seu trabalho na coleta e compilação de contos populares alemães, que resultou na publicação dos contos de fadas para crianças e adultos.

No século XIX, surgiu uma nova forma de literatura infantil com o advento dos livros de imagens predominantemente visual. Com poucas palavras, as imagens são responsáveis por contar a história e envolver a imaginação da criança. Os livros ilustrados contêm imagens, mas têm mais foco no texto, as ilustrações complementam a narrativa escrita. Com o uso de ilustrações coloridas, os livros se tornaram mais atraentes para as crianças e estimularam o desenvolvimento de sua imaginação e criatividade. A literatura infantil do século XIX passou por um período de grande desenvolvimento e diversificação. Durante essa época, houve um aumento significativo na produção de livros voltados para crianças, com o objetivo de educar e entreter.

Um dos marcos importantes nesse período foi a publicação do livro *Alice no País das Maravilhas* (1865), escrito por Lewis Carroll. Essa obra revolucionou a literatura infantil ao apresentar uma narrativa fantasiosa e imaginativa, que cativou tanto crianças quanto adultos.

Coelho (1987) destaca a importância desta obra:

O grande exemplo desse novo maravilhoso (de base racionalista) é o famoso livro de Lewis Carroll, publicado na Inglaterra em 1865. Com suas peripécias absolutamente ilógicas, absurdas, fantásticas e inverossímeis, *Alice no País das Maravilhas* torna-se uma das obras mais famosas da literatura infantil ocidental. Entretanto, vem sendo redescoberta pelos adultos, como uma das sátiras mais contundentes e profundas do racionalismo "vitoriano" (e, por extensão, da sociedade burguesa herdada por nosso século) e suas certezas, normas e limites absolutos. Na verdade, *Alice...* inaugura, sob as aparências do "infantil", a linha do nonsense ou do realismo absurdo, que vai ter ampla aceitação na literatura adulta em nossos tempos (Coelho, 1987, p. 81).

A partir de um olhar contemporâneo, é possível perceber como Alice representa a figura de uma criança questionadora, curiosa e em busca de conhecimento. Sua jornada pelo país das maravilhas pode ser interpretada como um questionamento do mundo adulto e de suas convenções sociais. Alice desafia constantemente as regras e expectativas impostas e busca um entendimento próprio dos eventos e personagens que encontra. Por isso, essa redescoberta de Alice no país das maravilhas pelos adultos revela uma obra rica em significados sociais e históricos.

Além disso, há outros autores renomados da literatura infantil no século XIX. Dentre eles, destaca-se Hans Christian Andersen, autor dinamarquês conhecido por suas histórias como *A Pequena Sereia* (1837) e *O Patinho Feio* (1843). No entanto, é válido ressaltar que a literatura infantil do século XIX também abordava as normas e valores da sociedade da época. Muitas vezes, as histórias evidenciam ideais conservadoras e reforçam estereótipos de gênero e papéis sociais: “O mais conhecido e mais bem-sucedido foi o dinamarquês Hans Christian Andersen (1805- 1875), que soube extrair a lição contida naquelas histórias tradicionais, tratando, por sua vez, de aperfeiçoá-las” (Zilberman, 2012, p. 142).

Sua escrita envolvente e imaginativa cativou crianças e adultos por gerações. Andersen foi pioneiro ao trazer elementos de fantasia, emoção e moralidade para suas narrativas. Além disso, seu estilo de escrita visual e descritivo permite às crianças mergulharem completamente em seus contos, estimulando sua imaginação e proporcionando uma experiência única de leitura.

No Brasil, como já vimos, Carl Jansen colaborou na tradução de alguns clássicos entre 1880 e 1890, como *Robinson Crusóe* (1885) e *Viagens de Gulliver* (1888). Em 1894, surgem os *Contos da Carochinha*, marco inicial da tradição brasileira de histórias infantis permeadas por vivências locais e pela cultura nacional. Outro autor de destaque é Olavo Bilac, cujos poemas ainda são recitados atualmente.

Conforme Zilberman (2005), na mesma época em que surgiam linhas editoriais voltadas ao público infantil, impulsionadas por nomes como Carl Jansen e Figueiredo Pimentel, foram publicadas diversas *Seletas*, *Antologias* e *livros de leitura*, amplamente utilizados por professores, que os indicavam aos alunos ou liam trechos em voz alta para a turma. Algumas dessas obras ultrapassavam os limites da sala de aula e se tornavam leitura apreciada por gerações anteriores. Dentre os autores mais difundidos, destaca-se Olavo Bilac (1865–1918), cujas poesias, frequentemente memorizadas por crianças, traziam forte apelo cívico — como no poema “A Pátria”, que conclamava os jovens ao orgulho nacional e exaltava o amor pela terra natal.

No cenário brasileiro, ainda no século XIX, acontece a valorização do gênero literário e suas publicações.

interessado em valorizar o folclore nacional, publicara *Contos Populares do Brasil*, antologia que reunia as várias expressões da tradição oral do país (Zilberman, 2005, p. 95).

A autora afirma que neste período no Brasil artistas e escritores procuram evidenciar a cultura através das histórias e coletâneas.

No século XX, a literatura infantil continuou a se modificar. Uma das principais diferenças dos séculos passados foi o reconhecimento e a valorização da literatura infantil como um gênero literário importante. Anteriormente, os livros para crianças eram predominantemente didáticos, morais ou religiosos. Outra mudança significativa refere-se aos diferentes estilos e temas, com rimas divertidas, com histórias sobre animais falantes, novos gêneros. A literatura direcionada para crianças começou a abordar questões mais complexas e importantes, como a diversidade, a igualdade de gênero, a preservação do meio ambiente, a literatura fantástica, histórias de aventura e livros educativos. Como exemplo, pode-se citar Monteiro Lobato (1921), com o livro *Narizinho Arrebitado*, para fins de leitura nas escolas primárias. Afirma Lajolo (2002, p. 46):

Entre estes dois limites cronológicos, 1920-1945, toma corpo a produção literária para as crianças, aumentando o número de obras, o volume das edições, bem como o interesse das editoras, algumas delas, como a Melhoramentos e a Editora do Brasil, dedicadas quase que exclusivamente ao mercado constituído pela infância. E, se Lobato abre o período com um best-seller, o sucesso não o abandona; nem a ele, nem ao gênero a que se consagra, o que suscita a adesão dos colegas de ofício, a maior parte originária da recente geração modernista.

A produção literária voltada para as crianças destacou nesse cenário Monteiro Lobato, considerado o pai da literatura infantil brasileira. No contexto literário brasileiro, especialmente no gênero do conto e da literatura infantil, seus livros são marcados pela narrativa leve, lúdica e cheia de magia, características primordiais para cativar os leitores mais jovens. Importante destacar que a produção literária infantil no Brasil ganhou maior destaque a partir do movimento modernista no início do século XX. Monteiro Lobato foi contemporâneo desse movimento, que buscava uma nova identidade para a cultura brasileira, valorizando o estilo nacional e a valorização das raízes brasileiras.

Zilberman (2005) afirma que houve uma maior diversificação de temas, estilos e abordagens na escrita para crianças, buscando atender às necessidades e interesses das novas gerações. Uma das principais correntes literárias que influenciaram a literatura infantil neste mesmo período foi o movimento do realismo mágico, que trouxe elementos fantásticos e surreais para as histórias. Autores como Antoine de Saint-Exupéry, escritor e ilustrador francês,

com seu famoso livro *O Pequeno Príncipe* (1943), e Roald Dahl, escritor britânico, com obras como *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (1964), exploraram a imaginação e a reflexão sobre questões existenciais por meio de narrativas cativantes.

Afirma Zilberman (2012) que, na década de 50 do século XX, com Ana Maria Machado, tem início a escrita de teatro para crianças, demonstrando outras formas de literatura infantil. Entra em cena *O rapto das cebolinhas e Pluft, o fantasminha*.

Conforme Zilberman (2005), no Brasil, poetas como Vinicius de Moraes, Cecília Meireles e Mário Quintana, como vimos, marcaram época com suas escritas para crianças. Logo também surge Manoel de Barros. A ficção escrita para crianças contou com os autores Sérgio Caparelli, Roseana Murray e Elias José.

Além disso, a literatura infantil do século XX também foi influenciada pelo avanço da tecnologia e da mídia. A popularização do cinema e da televisão levou à adaptação de muitas obras literárias para essas mídias, como os livros de JK Rowling, escritora, roteirista e produtora cinematográfica, da série *Harry Potter* (1997-2007), que se tornaram sucesso tanto nos livros quanto nos filmes.

Já a literatura infantil do século XXI tem sido descrita por uma ampla diversidade de temas, estilos e formatos. Também representam suas culturas através de histórias e imagens.

Sobre esse fator da literatura infantil contemporânea, comenta o escritor Daniel Munduruku:

Eu acho que permanece tudo e transparece muito. Eu tenho um forte apego às narrativas ancestrais. E eu procuro - na verdade, talvez essa tenha sido a razão do sucesso dos meus livros - trazer uma linguagem para a literatura infantil e juvenil que é muito próxima da narrativa oral, próxima à oralidade. Os meus escritos são falados, praticamente. As pessoas conseguem me escutar quando leem meus livros. Elas não apenas me leem, mas me escutam também¹ (Munduruku, 2017, p. 21).

Uma das tendências marcantes na literatura infantil do século XXI é a inclusão de personagens diversos e representativos, que refletem a realidade multicultural e promovem a valorização da diversidade. Enriquecida com a inclusão de livros indígenas, histórias brasileiras, essas obras oferecem às crianças a oportunidade de conhecer e valorizar a diversidade cultural, além de promover o respeito e a compreensão das tradições indígenas.

¹ Daniel Munduruku escritor indígena em entrevista à Ana Carolina Cernicchiaro. “É claro que a temática vai nessa mesma corrente, porque, embora tenha escolhido o público infantil e juvenil para conversar sobre a cultura indígena, eu, na verdade, escrevo para todo mundo. Eu escrevo para as infâncias que moram nas pessoas.” (Munduruku, 2017, p. 21).

Os autores contemporâneos exploram uma variedade de gêneros, como contos de fadas tradicionais, histórias de aventura, ficção científica e realismo mágico.

Zilberman (2012) observa que, no caso de leitores muito jovens, é possível optar por obras da literatura infantil, cuja oferta aumentou significativamente nos últimos anos. Esse crescimento ocorreu, em parte, devido ao sucesso da série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e também à proliferação de inúmeras *fanfictions* disponíveis na internet.

Essa abordagem busca proporcionar às crianças uma maior identificação com as histórias e promover a empatia e a compreensão do mundo ao seu redor. Além disso, a tecnologia tem desempenhado um papel significativo na literatura infantil atual. Livros interativos, aplicativos e e-books têm se tornado cada vez mais populares, oferecendo experiências de leitura imersivas e interativas para as crianças, embora ainda possa haver questionamento sobre a validade dessas experiências de leitura fora do livro físico.

Outra característica importante da literatura infantil do século XXI é a abordagem de temas relevantes e complexos, como questões ambientais e diversidade de gênero. Os autores buscaram tratar desses assuntos de forma sensível e acessível, proporcionando às crianças entretenimento e estimulando a imaginação que se manifesta por meio de histórias infantis.

Hoje a literatura infantil continua a ser um gênero literário em constante transformação, com uma ampla variedade de estilos, temas e autores. É reconhecida como uma forma poderosa de promover a imaginação e a empatia nas crianças, além de proporcionar momentos de prazer e diversão.

O conto de fadas moderno tem se tornado cada vez mais popular entre os leitores, com narrativas envolventes e características contemporâneas, que mescla elementos de fantasia e realidade.

Eis o conto de fadas moderno, de que é exemplo a saga de Harry Potter (1997-2007), imaginada por J.K Rowling (1965): também o jovem feiticeiro vive o contraponto entre dois mundos, sendo o da fantasia mais atraente, ainda que mais perigoso. Nesse plano sobrenatural, porém, ele pode se revelar herói, defender valores positivos, vivenciar a amizade e o amor. A fantasia não apenas ajuda a solucionar problemas, ela é superior ao contexto cinzento da rotina e da experiência doméstica (Zilberman, 2012, p. 144).

A história traz consigo uma série de elementos fantásticos e mágicos, como feitiços, criaturas mágicas e até mesmo um vilão poderoso. Através desses elementos fantásticos, o conto nos transporta para um mundo de possibilidades e aventuras, nos fazendo sonhar e imaginar além dos limites da realidade.

Atualmente, a literatura infantil do século XXI representa as personagens bruxas de forma mais diversa e inclusiva, ao invés de perpetuar estereótipos negativos e pejorativos. Muitas vezes, essas personagens são retratadas como heroínas empoderadas que usam seus poderes para fazer o bem, em vez de serem vistas como vilãs cruelmente malvadas. Veremos se as bruxas seguem a tendência no século XXI, dos estereótipos de gênero em relação às bruxas, idade ou aparência física, e se isso não afeta sua capacidade de fazer magia ou de ter uma personalidade complexa e interessante.

2.2 PRESENÇA DO SOBRENATURAL NA LITERATURA INFANTIL

Neste subcapítulo, contemplaremos a presença do sobrenatural nas histórias infantis, que têm encantado e cativado crianças de todas as idades, oferecendo uma fuga para mundos imaginários e inspirando a fantasia.

É importante ressaltar que o sobrenatural, na literatura infantil no século XVII, era visto como uma ferramenta para ensinar lições morais e valores às crianças. Essas histórias geralmente apresentam personagens que enfrentam dificuldades e obstáculos, mas através do auxílio do sobrenatural, muitas vezes, alcançam a felicidade e o sucesso.

A presença do sobrenatural na literatura infantil no século XVII era bastante comum. Nessa época, na Europa, as crianças eram criadas em um ambiente religioso e supersticioso, no qual as crenças em bruxas, demônios e seres místicos eram amplamente difundidas. A educação estava fortemente ligada à Igreja Católica, que exercia um papel fundamental na formação das crianças. Naquele contexto, o sobrenatural ocupava um lugar em destaque na educação. A magia presente nas histórias infantis muitas vezes serve como uma metáfora para questões mais profundas e complexas da vida humana, como podemos perceber.

A visão mágica do mundo deixou de ser privativa das crianças, para ser assumida pelos adultos. *A bela adormecida, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho* e mil outras narrativas maravilhosas ainda terão algo a nos dizer? Sem dúvida que sim. O que nelas parece apenas “infantil”, divertido ou absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida (Coelho, 1998, p. 9).

Essas histórias infantis deixaram de ser vista como algo exclusivo para crianças e passaram a ser apreciadas por adultos também, revelando a capacidade atemporal e universal das narrativas infantis de encantar, inspirar e tocar o coração de leitores de todas as idades.

No universo sobrenatural, nosso imaginário é despertado para um mundo além do comum, onde criaturas mágicas e seres extraordinários habitam. Podemos nos deparar com seres como dragões, unicórnios, fadas e bruxas. Esses seres místicos e misteriosos podem ser facilmente encontrados nas narrativas maravilhosas.

Segundo Coelho (1998), a literatura representa uma das formas mais significativas do desejo humano de compreender e dominar a existência, algo que atravessa todas as épocas. Essa ânsia também se manifesta nas narrativas populares herdadas de tempos remotos, como fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos jocosos, romances, contos maravilhosos e contos de fadas. Esses elementos compõem um repertório narrativo heterogêneo que está na origem das literaturas modernas e transmite um saber fundamental.

A magia das histórias infantis pode ser explicada como um elemento que transcende a realidade e adiciona um elemento de encanto e maravilha à narrativa. Ela geralmente envolve a realização de feitos impossíveis ou o uso de poderes especiais por parte de personagens mágicos.

Outro importante autor dessa época é Jacob Grimm que, juntamente com seu irmão Wilhelm Grimm, compilou famosos contos de fada, entre eles *Branca de Neve*, com seus elementos mágicos e místicos presente na história. A narrativa apresenta um espelho mágico capaz de responder a perguntas e revelar a verdade, podendo ser considerado uma representação do sobrenatural, pois possui uma habilidade mágica potente. A morte e o retorno à vida da Branca de Neve, embora não sejam tão proeminentes no conto quando comparados com outros contos de fadas, podem adicionar um toque de mistério e encantamento. Percebemos, no conto *Branca de Neve*, a princesa envenenada através da maçã.²

O sobrenatural se faz presente com a chegada do príncipe, quando a princesa retorna de um sono profundo. Nesta mesma magia maravilhosa, temos outros contos com a presença de elementos mágicos no mundo real, encontrado em contos de fadas: animais que falam, objetos inanimados ganham vida e desejos podem se tornar realidade. Podemos observar no clássico *A Bela e a Fera*. A magia sobrenatural vem de uma fonte, ser místico ou da espiritualidade e pode envolver elementos de bruxaria ou feitiçaria. No conto *João e o Pé de Feijão*, o personagem encontra uma fada mágica que lhe concede poderes especiais.

² Os lacaios do príncipe colocaram o caixão nos ombros e o carregaram. Mas um dos carregadores tropeçou numa raiz e o solavanco fez Branca de Neve expelir o pedaço de maçã que ficara entalado em sua garganta. Livre do naco envenenado, ela abriu os olhos, levantou o tampo de vidro e se ergueu. Voltara à vida! (Bourguignon, 2013, p. 29).

A literatura infantil no século XVIII ainda estava em sua fase inicial e o sobrenatural não era um tema muito explorado. A maioria das histórias destinadas às crianças nesse período eram fábulas e lendas morais que ensinavam lições de vida. Os elementos sobrenaturais eram mais comumente encontrados nas histórias populares e na literatura oral transmitida de geração em geração.

Além disso, o sobrenatural, também desempenhava um papel importante. Charles Perrault, em 1667, demonstra essa presença da magia através de algumas histórias, como em *A Bela Adormecida*. Em função do nascimento da protagonista, é realizada uma grande cerimônia, mas seus pais esquecem de convidar uma pessoa, a qual chega inesperadamente e amaldiçoa a criança. O conto traz a fada má que afronta a heroína.

A presença dessa personagem [a fada má] não provoca nenhum estranhamento; nem sua ação é percebida como incomum; a magia está presente no universo das figuras ficcionais como se fosse natural, embora nem sempre desejada. O que espanta, no caso, não é a circunstância de uma figura deter um poder sobrenatural, mas a extensão da maldade cometida por ela, pois deseja a morte da criança inocente (Zilberman, 2012, p. 139).

No conto *A Bela Adormecida*, o elemento sobrenatural está presente na forma da maldição lançada pela fada vingativa. No início do conto, todas as fadas são convidadas para o batizado da princesa, exceto uma, que se sente desprezada e decide se vingar. Ela lança uma maldição sobre a princesa: ao completar quinze anos, furaria o dedo no fuso de uma roca e cairia em um sono profundo.

No entanto, é inegável que o sobrenatural tem o poder de transformar uma narrativa comum em uma experiência mágica, para leitores de todas as idades. No conto *A Bela Adormecida*, em que a princesa cai em profundo sono, a maldição contagia todo o reino e todos adormecem. Todavia, essa condição é quebrada pelo príncipe encantado, que chega no momento certo e desperta a princesa com um beijo de amor verdadeiro.

Esse evento é claramente sobrenatural, pois não é algo que acontece no mundo real. A maldição da fada é um elemento mágico que dá início à história. Além disso, a presença de fadas, que possuem poderes mágicos, também contribui para a atmosfera de sobrenatural no conto.

A presença do sobrenatural na narrativa permite a criação de personagens, cenário e eventos que prendem a atenção e despertam a imaginação do público leitor. Entretanto, o sobrenatural e o maravilhoso transcendem o conto, adentrando universos de magia e mistério que vão além da compreensão humana.

A noção do maravilhoso não se restringe aos chamados contos de fadas: o sobrenatural, o conto maravilhoso transpõe as fronteiras dos contos de fadas, apresentando elementos diversificados, e destinam-se a todos os públicos: adultos e crianças (Amaral, 2022, p. 188).

Estabelecendo uma conexão com a magia, Bruno Vinicius Kutelak Dias traz no artigo *A Imagem da bruxa: Da antiguidade histórica às representações fílmicas contemporâneas* (2019): “Das culturas mais “primitivas” até o mundo contemporâneo, a magia faz parte da sociedade, independentemente de como ela é vista ou quais são as opiniões sobre ela. [...] a magia se transforma de acordo com a modificação dos contextos sociais [...]”

Nesse contexto, o autor contempla em sua fala a magia da bruxa como uma prática ancestral que remonta a culturas antigas e revela a importância e a relevância dessa prática.

Assim, ao introduzir o conto de fadas e o maravilhoso como elementos mágicos e fantásticos na literatura, somos convidados a mergulhar em narrativas cativantes e atemporais que transcendem as fronteiras do real e nos transportam ao mundo do imaginário.

Em ambos, [conto de fadas e maravilhoso], há a onipresença de elementos mágicos ou fantásticos. Fantasia é palavra-chave. Tudo que foge da realidade é considerado fantasia. Fantasia envolve o que não existe, e que possivelmente nunca existirá, mas que pode ser visto, pensado e vivenciado apenas na imaginação. Em *Fadas no Divã*, Diana Lichtensein e Mário Corso explicam que o elemento fantástico presente enquanto maravilhosos nas narrativas garantem a existência e a compreensão de outra dimensão, outro mundo de possibilidades e lógicas diferentes (Amaral, 2022, p. 187).

O conto de fadas, ao ser estudado, revela um universo maravilhoso repleto de elementos mágicos e fantásticos que transportam o leitor para um mundo de aventura e encantamento. Esses elementos desempenham um papel fundamental na criação de mundos ficcionais ricos, complexos e envolventes, que desafiam as noções convencionais da realidade e exploram territórios desconhecidos da mente humana.

Cada história traz consigo uma dimensão de elementos maravilhosos, como fadas, bruxas, transformações mágicas e seres encantados. Em *Cinderela*, narra-se a história de uma jovem órfã, que vive sobre a tirania de sua madrasta e suas duas meias-irmãs. No entanto, o sobrenatural desempenha um papel importante nessa história, pois é através de elementos mágicos que Cinderela consegue alcançar sua felicidade. O primeiro deles encontrado é a fada madrinha da protagonista, que aparece magicamente para ajudar a heroína em sua busca por um vestido e um meio de transporte para o grande baile do príncipe. Com sua varinha de condão, a

fada madrinha transforma uma abóbora em carruagem, ratos em cavalos e besouros em cocheiros. Esse poder mágico concedido a Cinderela permite que ela tenha a oportunidade de participar do baile e, eventualmente, conquistar o coração do príncipe.

A presença da magia como um elemento capaz de modificar os acontecimentos é o que distingue o conto de fadas. Esse elemento, porém, raramente é manipulado pelo herói, mas por seu auxiliar ou por seu antagonista, pois a personagem principal, aquela que dá nome à narrativa (Branca de Neve, Bela Adormecida, Cinderela, João e Maria), é pessoa desprovida de qualquer poder. Por essa razão, o leitor pode se identificar com ela, vivenciando, ao seu lado, os perigos por que passa e almejando uma solução para os problemas (Zilberman, 2012, p. 141).

Além disso, o sobrenatural também é evidenciado por meio dos animais falantes. Essa conexão especial entre a protagonista e os animais dá um toque mágico e sobrenatural à história. Enfim, o conto de Cinderela permite à heroína enfrentar as dificuldades impostas por sua madrasta e encontrar a felicidade ao lado do príncipe encantado. Esses elementos mágicos capturam a imaginação dos leitores e criam um mundo de fantasia.

A literatura infantil do século XIX apresentou uma série de elementos sobrenaturais que encantaram e assombraram os jovens leitores da época e repetidamente eram usados para apresentar lições morais e ensinamentos de uma forma imaginativa e cativante.

No entanto, foi apenas no século XX que a literatura infantil passou a abordar de forma mais ampla a temática do sobrenatural.

Coelho (1987) afirma que vivemos um momento favorável ao ressurgimento do maravilhoso, o que se reflete na redescoberta dos tempos míticos e no fascínio pelas origens arcaicas, aspectos que se manifestam de diversas formas na literatura contemporânea. O Realismo Mágico ou Maravilhoso, especialmente a partir das décadas de 1950 e 1960 (ainda que com precursores no início do século), consolidou-se como uma das correntes mais ricas da nova literatura. Elementos como o maravilhoso, o imaginário, o onírico e o fantástico deixaram de ser vistos apenas como fantasia ou invenção, passando a ser compreendidos como caminhos para revelar verdades humanas profundas.

A volta do maravilhoso é uma temática recorrente na literatura contemporânea. Em contraponto ao realismo e à racionalidade que dominaram o cenário literário nas últimas décadas, muitos autores têm explorado o imaginário e resgatado elementos mágicos, fantásticos e surreais em suas obras. Essa volta pode ser vista como uma maneira de escapar da monotonia e da banalidade do dia a dia, resgatando a sensação de encantamento e surpresa que a literatura pode proporcionar. Ao analisar mundos mágicos, seres fantásticos e situações impossíveis, os

escritores contemporâneos buscam despertar a imaginação dos leitores e jogar com suas expectativas.

Além disso, a volta do maravilhoso permite a abordagem de verdades humanas de forma mais simbólica e metafórica. Ao criar personagens e situações ficcionais, os escritores têm a liberdade de expor aspectos da condição humana que seriam difíceis ou até mesmo impossíveis de serem tratados realisticamente.

No Brasil, o sobrenatural tem sido explorado por diversos autores ao longo dos anos. Desde contos de fadas populares até obras contemporâneas, o sobrenatural é utilizado como um recurso narrativo para despertar a imaginação e o interesse das crianças. Um dos exemplos mais clássicos é a obra de Monteiro Lobato, que traz personagens como Saci Pererê, Cuca e Visconde de Sabugosa, seres fantásticos e mágicos que habitam o Sítio do Pica-Pau Amarelo. Esses personagens encantam e assustam as crianças ao mesmo tempo, estimulando a curiosidade sobre o desconhecido. “Monteiro Lobato, cujas *Histórias de Tia Nastácia*, em 1937, estão profundamente calcadas nos *Contos Populares do Brasil*” (Zilberman, 2005, p. 93).

Além disso, a literatura infantil brasileira também aborda o sobrenatural em histórias de fantasmas, lobisomens, bruxas e outros seres fantásticos. O livro *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, traz uma narrativa sobre princesas famosas que desaparecem misteriosamente, envolvendo elementos mágicos e sobrenaturais. Conforme Zilberman (2005, p. 58):

“O Fantástico Mistério de Feiurinha” (1986), de Pedro Bandeira, inverte essa equação, lidando com os mesmos termos. A protagonista do título é a figura esquecida dos contos de fadas, que precisa ser lembrada para não desaparecer. Na companhia das personagens tradicionais dos contos de fadas, como Branca de Neve ou Chapeuzinho Vermelho, Feiurinha representa a memória do passado que, mesmo filtrado pela desmitificação e atualização, igualmente presentes na narrativa de Bandeira, precisa ser mantido, por que constitui a tradição e a história a que pertence o leitor.

Como podemos perceber, as fadas, são retratadas como seres benevolentes, representam um símbolo de esperança, bondade e proteção. Elas utilizam sua magia para auxiliar os protagonistas das histórias, concedendo-lhes presentes mágicos, conselhos sábios e proteção contra os perigos que os rodeiam. Além disso, as fadas são responsáveis por trazer felicidade, amor e harmonia às narrativas, sendo fundamentais para a resolução positiva dos conflitos. As bruxas, por outro lado, muitas vezes têm características negativas e são associadas a poderes malignos, sua magia é utilizada para criar obstáculos e provocar o mal aos protagonistas; elas

representam a força das trevas e o desafio que os heróis precisam superar para alcançar seus objetivos.

No entanto, a presença das bruxas nas histórias infantis também traz a lição de que, com coragem e determinação, é possível vencer as adversidades e o mal. As princesas, por sua vez, são figuras icônicas em histórias infantis, elas representam a inocência, a beleza, a bondade e a esperança. Muitas vezes, estão em busca do amor verdadeiro, desafiando as dificuldades impostas pelas bruxas e outros antagonistas. Através de sua coragem, inteligência e virtudes, as princesas se tornam exemplos a serem seguidos, inspirando gerações de leitores. Todavia, as fadas, bruxas e princesas nas histórias infantis podem ser considerados elementos fundamentais, bem como, a moralidade, ensinamentos sobre o bem e o mal, além de despertar a imaginação e encantar crianças e adultos. São elas que proporcionam a magia e fantasia presentes nessas histórias, permitindo aos leitores adentrar em um lugar mágico.

O sobrenatural nas histórias infantis é bastante comum e cativante para as crianças, pois desperta sua imaginação e curiosidade sobre o desconhecido. Essas narrativas apresentam personagens malvados ou antagonistas que possuem características ou poderes sobrenaturais, o que acrescenta ainda mais tensão e emoção à trama. Por outro lado, o sobrenatural na literatura infantil pode ser apresentado de forma amigável e divertida, como no caso dos personagens mágicos e encantados das histórias infantis. No entanto, como mencionado anteriormente, também pode haver elementos mais assustadores e sombrios, os quais podem ajudar as crianças a enfrentar seus medos e a lidar com situações difíceis de uma forma segura e controlada.

O conto de fadas e o sobrenatural são dois elementos que se entrelaçam na literatura e na cultura popular. São histórias que têm suas raízes na tradição oral e muitas vezes são protagonizadas por personagens mágicos, como fadas, bruxas, criaturas fantásticas e até mesmo seres sobrenaturais.

Enfim, os contos de fadas e os contos maravilhosos expressam atitudes humanas bem diferentes diante da vida. Optar por uma ou outra é questão do quê? Destino? Personalidade? Circunstância de vida? de meio social? Influências culturais? Quem o pode responder com exatidão? A verdade é que através dos milênios as duas atitudes vêm tendo expressão na Literatura, porque vêm sendo vividas na vida (Zilberman, 1987, p. 14).

Os contos de fadas e histórias infantis podem ser vistos como uma forma de escapismos, oferecendo um refúgio do mundo real e suas limitações. Eles nos transportam para um cenário mágico, onde o impossível se torna possível e o sobrenatural se torna parte do cotidiano. Esses elementos fantásticos podem vir na forma de objetos encantados, como uma varinha mágica ou

uma maçã envenenada, ou até mesmo na forma de personagens que possuem habilidades extraordinárias.

Como já mencionamos anteriormente, segundo Zilberman (2012), nos livros de fantasias no século XX, a magia nas histórias infantis se tornou ainda mais popular, com a série de *Harry Potter*, de J. K. Rowling, que apresenta uma escola de magia e bruxaria, a qual transporta as crianças para um mundo mágico. Além disso, também pode ser utilizado como uma metáfora para tratar de questões emocionais e morais, ajudando as crianças a lidarem com assuntos como medo, tristeza e coragem.

Nos tempos atuais, a literatura infantil continua a encantar e a cativar os leitores com histórias repletas de magia. Ainda que haja uma ampla variedade de temáticas e gêneros literários direcionados para o público infantil, a presença da magia e do sobrenatural se mantêm como uma das mais populares, despertando a imaginação e a curiosidade das crianças.

O outro fator advém da presença da magia, resultante da ação de seres dotados de propriedades sobrenaturais, como fadas, bruxas, feiticeiros. Nem sempre o componente mágico coincide com uma personagem; pode provir, por exemplo, do fato de animais falarem, como em “Chapeuzinho Vermelho”, das metamorfoses experimentadas por seres vivos, como em “O Príncipe Sapo”, ou do ambiente fantástico por onde circulam heróis e antagonistas, como o palácio encantado de “A Bela e a Fera” (Zilberman, 2005, p. 91).

A magia na literatura infantil permite que os jovens leitores vivenciem e explorem mundos imaginários, nos quais a realidade e as possibilidades são ampliadas. Essas temáticas permitem que as crianças se identifiquem com personagens que possuem habilidades especiais e que enfrentam desafios extraordinários.

De forma geral, a presença do sobrenatural na literatura infantil contribui para um mundo mágico e imaginativo, onde as crianças podem sonhar e se aventurar. Além disso, essas histórias também podem transmitir importantes lições sobre moralidade, amizade, superação e aceitação.

Na literatura infantil, as narrativas apresentam características tanto da criança quanto do herói juvenil, personagens que compartilham a trajetória de enfrentar adversidades e superar obstáculos.

Conforme Jung (2000), a criança pode assumir aspectos da divindade infantil ou do herói juvenil. Ambos compartilham traços como o nascimento miraculoso e as dificuldades enfrentadas na primeira infância, como o abandono e a perseguição. Enquanto a criança divina é essencialmente sobrenatural, o herói juvenil, embora humano, é elevado a um patamar semidivino, aproximando-se do extraordinário.

A dualidade entre a divindade criança e o herói juvenil é uma das características importantes da mitologia e das narrativas. Em concordância com Jung (2000), a divindade criança, arquétipo presente em diversas manifestações na forma de uma criança, muitas vezes nasce de maneira miraculosa, com eventos sobrenaturais. O herói juvenil, por outro lado, é um personagem humano que, apesar de suas origens terrenas, é dotado de qualidades extraordinárias e destinado a realizar feitos grandiosos.

A criança divina é um arquétipo que simboliza a inocência, a pureza, a criatividade e a conexão com o divino. Ela representa a parte mais autêntica e espontânea de nós mesmos, livre de preocupações e medos. A criança divina também pode representar um potencial para crescimento e transformação, uma energia criativa e uma fonte de inspiração. Por outro lado, o herói é outro arquétipo importante, que simboliza a coragem, a determinação, a capacidade de enfrentar desafios, superar obstáculos e enfrentar seus medos mais profundos em busca de autoconhecimento e crescimento pessoal. Ou seja, quando falamos sobre a criança divina sendo também o herói, ele está se referindo à ideia de que o verdadeiro desenvolvimento pessoal e a jornada de autoconhecimento envolvem a reconexão com a nossa criança divina e a capacidade de confrontar e superar desafios e adversidades.

Embora as narrativas contemporâneas frequentemente abordem a figura da bruxa de maneira complexa, é fundamental reconhecer que os contos de fadas tradicionais oferecem uma perspectiva diferente. Segundo Franz (1981, p. 15), “[...] mas nos contos de fadas existe um material cultural consciente muito menos específicos e, conseqüentemente, eles espelham mais claramente as estruturas básicas da psique.” Esse aspecto revela como essas histórias, através de seus arquétipos e simbolismos, tocam em temas universais que ressoam nas profundezas da experiência humana, proporcionando um espaço para a reflexão sobre medos e desejos.

Assim, os arquétipos são herdados geneticamente e são compartilhados por toda a humanidade, eles representam as diferentes facetas da psique humana, como o herói, a mãe, o pai, o sábio, entre outros, e representam padrões universais de comportamento e pensamento que moldam nossa psique e influenciam nossas ações e percepções, eles são elementos essenciais para a compreensão da natureza humana e do processo de individuação.

3 CONCEITO DE IMAGINÁRIO

Neste segundo capítulo, investigamos o conceito de imaginário na perspectiva de Mircea Eliade (1991), Gilbert Durand (2001) e Michel Maffesoli (2001). Mircea Eliade, em *Imagens e Símbolos* (1991), define o imaginário como capacidade humana de conceber e representar simbolicamente a realidade. Para Gilbert Durand (2001), em *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*, o imaginário é uma dimensão universal que permeia a mente humana e se manifesta por meio de imagens, símbolos e mitos. Ainda sobre o imaginário, Michel Maffesoli, na entrevista intitulada *O imaginário é uma realidade* (2001), declara: “Para mim, sem tentar precisar a posição de Gilbert Durand, só existe imaginário coletivo. Por isso, falei na ideia da aura que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo”.

Dentro do campo dos estudos da literatura e da cultura, de acordo com Maffesoli (2001),

O imaginário é também a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo. Em geral, quem adere a uma ideologia imagina fazê-lo por razões necessárias e suficientes, não percebendo o quanto entra na sua adesão outro componente, que chamarei de não racional: o desejo de estar junto, o lúdico, o afetivo, o laço social, etc. O imaginário é, ao mesmo tempo, impalpável e real.

O imaginário é construído e compartilhado através da cultura, inclusive de criações literárias, influenciando a forma como as pessoas compreendem e se relacionam com ele, ou seja, um espaço onde a imaginação e a fantasia se manifestam e vão além da realidade concreta e tangível. Segundo Durand (2001), o imaginário não se limita apenas ao campo da fantasia, mas também está presente no nosso cotidiano, influenciando nossas percepções, emoções e decisões.

Marie-Louise Von Franz (1990), numa outra perspectiva, se refere à capacidade humana de criar e conceber mundos e situações que não existem na realidade concreta. O imaginário, para ela, é uma forma de escapar da realidade cotidiana e de analisar novas possibilidades, desejos e medos. Ela acredita que o imaginário é uma ferramenta fundamental para a criatividade, a arte e o pensamento crítico, pois nos permite questionar a realidade e nos conectar com nossas emoções mais profundas.

Ainda nessa perspectiva junguiana, o imaginário se refere ao mundo interior e subjetivo do indivíduo, que é composto por simbolismos, imagens, mitos, arquétipos e conteúdos pessoais e coletivos. Assim afirma Jung (2000): o imaginário é fundamental para a compreensão da

psique humana, pois nele se manifestam os processos inconscientes e as experiências simbólicas que influenciam o comportamento e a forma como percebemos a realidade.

O imaginário pode se expressar na literatura por meio de personagens, lugares, eventos e situações, especialmente em mitos, lendas e histórias de ficção científica e fantasia; está relacionado à capacidade de criar, visualizar, fantasiar e imaginar.

Portanto, o imaginário nas suas manifestações mais típicas (o sonho, o onírico, o rito, o mito, a narrativa da imaginação etc.) e em relação à lógica ocidental desde Aristóteles [o imaginário permite criar ideias e não precisa seguir regras estabelecidas pela razão, ou seja, permite liberdade de pensamento], quando não a partir de Sócrates, é alógico [o imaginário se distancia, não segue padrão de pensamento] (Durand, 2001, p. 87).

Podemos dizer que o imaginário está mais próximo da criatividade e da imaginação, enquanto a lógica busca coerência. Nesse sentido, o mito segue uma lógica própria.

Durand (2001, p. 82) explica que a lógica presente no mito difere da lógica clássica ensinada desde Aristóteles até Léon Brunschvicg. Essa distinção tem gerado, ao longo do tempo, uma desconfiança quase religiosa em relação ao imaginário, além de resistências e hostilidades por parte de diversas disciplinas acadêmicas em relação aos estudos sobre esse campo.

A abordagem mencionada valoriza a imaginação simbólica, os arquétipos universais, as conexões simbólicas, a funcionalidade e o sentido dos mitos, bem como sua capacidade de promover transformação e renovação. Essa perspectiva enriquece nossa compreensão dos mitos como expressões profundas da psique humana e como fontes de inspiração continuam a ressoar em nosso imaginário coletivo.

Além disso, o imaginário literário também reflete as crenças, valores e preocupações de uma sociedade em determinado momento histórico. Em *As Estruturas Antropológicas do imaginário de Gilbert Durand em Cinco Pinturas de Arcimboldo*, artigo publicado por Sandra Iris Abelha e Rafael Raffaelli (2011, p. 228), afirma-se que:

Gilbert Durand (2002) construiu a sua abordagem ao imaginário partindo de sua apreensão e discordância quanto à desvalorização das imagens por perspectiva teóricas que enfatizam a concordância racional, em detrimento do aspecto da realidade que não pode ser explicado ou compreendido exclusivamente pela razão, como o inconsciente, a imaginação, a fantasia, os mitos e a subjetividade.

Durand (2002) destaca a importância da imagem como um elemento fundamental na estruturação do imaginário humano, enfatizando sua função simbólica e sua capacidade de evocar significados profundos e arquetípicos.

O imaginário da bruxa na literatura infantil é caracterizado por uma figura maligna, geralmente retratada como uma mulher idosa, com aspecto enrugado, nariz adunco e um chapéu pontiagudo, ela usa vestes escuras e carrega uma vassoura, um caldeirão e outros objetos mágicos. Mas esse imaginário pode mudar ao longo do tempo, como veremos no capítulo 3.

3.1 TEORIAS DO IMAGINÁRIO

O imaginário é um conjunto de representações simbólicas, a partir de imagens, ideias, permitindo a criação de novas possibilidades, visões de mundo e significados. O imaginário pode estar presente em sonhos, fantasias, mitos, lendas, contos de fadas, obras de arte, religiões e diversas outras manifestações culturais. Ele desempenha um papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, influenciando nossas percepções, emoções, pensamentos e comportamentos.

As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiqué; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser. Por isso, seu estudo nos permite melhor conhecer o homem, “o homem simplesmente”, aquele que ainda não se compôs com as condições da história. (Eliade, 1991, p. 08).

Para Eliade, os símbolos não são meramente representações convencionais ou arbitrariamente atribuídas, mas sim manifestações de uma realidade sagrada e arquetípica que transcende o mundo material e racional. Eles têm o poder de conectar o homem com o divino, com o sagrado e com as dimensões mais profundas da existência, são veículos de significados e revelações que transcendem a linguagem verbal e racional, permitindo a comunicação com o inconsciente coletivo, o mundo espiritual e a essência da realidade. Ressalta Eliade (1979, p.168): “Em suma, é a presença das imagens e dos símbolos que conserva as culturas “abertas”: a partir de qualquer cultura, tanto australiana como ateniense, as situações-limite do homem são perfeitamente reveladas graças aos símbolos que sustentam essas culturas. ”

O imaginário pode ser vivenciado em outras gerações e pode mudar ao longo do tempo, dependendo das transformações sociais e culturais que ocorrem na sociedade, influenciado por diversos fatores, como cultura, religião, história e arte, e pode variar entre diferentes grupos e

indivíduos. Ele pode ter grande impacto sobre nossa forma de compreender e interpretar o mundo ao nosso redor.

Já os arquétipos são padrões universais e simbólicos encontrados no inconsciente coletivo humano, imagens, símbolos ou conceitos que representam ideias e emoções que são compartilhadas por todas as culturas e atravessam o tempo, expressões de nossas experiências coletivas que ajudam a moldar as crenças, valores, comportamentos e percepções do mundo. Eles são uma forma de compreender e interpretar a realidade e fornecem contextos para nosso entendimento da vida, a relação com outras pessoas e a compreensão do ser humano. Conforme a abordagem junguiana, ao entender melhor esses arquétipos, como eles influenciam nosso comportamento, podemos criar uma cultura mais saudável e significativa. Afirma Jung (1964, p. 69): “O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias.”

Para Carl Gustav Jung (1964), os arquétipos são elementos fundamentais inatos e universais da psique humana que transcendem a individualidade e fazem parte de uma realidade psíquica profunda e coletiva.

O imaginário refere-se às representações simbólicas que criamos em nossa mente a respeito do mundo e de nossas experiências. Essas representações podem estar relacionadas à fantasia, à memória, à cultura e ao inconsciente, entre outras coisas. Nas afirmações de Eliade (1952, p. 17):

A mais apagada existência está pejada de símbolos, o homem mais realista vive de imagens. [...], os símbolos nunca desaparecem da atualidade psíquica: podem mudar de aspecto, mas a sua função continua a ser a mesma: basta retirar-lhes as suas novas máscaras.

O imaginário pode ser influenciado por fatores externos e internos, como a educação, a religião, a arte, as emoções e os sonhos. Ele desempenha um papel importante na nossa percepção da realidade e na nossa capacidade de criar e inovar.

Para compreender as estruturas da representação do imaginário e seus conteúdos, trazemos Durand (2001, p. 96), que destaca:

Portanto os conteúdos imaginários (os sonhos, desejos, mitos etc.) de uma sociedade nascem durante um percurso temporal e um fluxo confuso, porém importante, para finalmente se racionalizarem numa “teatralização” (Jean Duvignaud, Michel Maffesoli) de usos “legalizados” (Algirdas, Greimas, Yves Durand), positivos ou negativos, os quais recebem suas estruturas e seus valores das várias “confluências” sociais (apoios políticos, econômicos, militares etc), perdendo assim sua espontaneidade mitogênica em construções filosóficas, ideologias e codificações.

O indivíduo pode receber influências sociais e perder sua espontaneidade, o que está relacionado à forma como as construções simbólicas imagéticas são moldadas e condicionadas pelo contexto cultural, social e histórico em que estão inseridas. Essa dinâmica sugere que o imaginário humano não é um território isolado, mas sim permeável às influências externas que podem moldar e modificar sua expressão original e espontânea.

Uma construção mental que tem como base as experiências, vivências e conhecimentos de uma determinada pessoa ou sociedade, com o passar dos anos muda, varia conforme o período, mas tem o mesmo sentido arquetípico, porém de uma forma atualizada. Refere-se a ideias, conceitos, imagens e narrativas, construídas através do imaginário coletivo. Outros elementos importantes são os símbolos noturnos, que remetem arquétipos representando aspectos sombrios e inconscientes da experiência humana, associados ao desconhecido, aos medos, às angústias e às emoções mais profundas e complexas que podem emergir durante a noite, quando a escuridão e o silêncio proporcionam um terreno fértil para a reflexão e para a exploração interior. Isso deixa marcas no folclore: “No folclore, a hora do fim do dia, ou a meia-noite sinistra, deixa numerosas marcas terrificantes: é a hora em que os animais maléficos e os monstros infernais se apoderam dos corpos e das almas” (Durand, 2002, p. 91).

Os símbolos noturnos também podem evocar temas como morte e renascimento, transformação, mistério, magia, sonhos e intuição, convidando os indivíduos a examinar as profundezas de sua psique e a integrar os aspectos sombrios de sua própria existência.

Essas reflexões simbólicas contemplam a natureza cíclica do tempo, o mistério da vida e a integração de opostos que permeiam a experiência humana. Ao estabelecer a ligação entre as experiências humanas e o imaginário, é possível enriquecer a compreensão das dinâmicas complexas que moldam a psique, a cultura e a sociedade, revelando a interconexão entre o indivíduo e o coletivo, entre o consciente e o inconsciente e entre o pessoal e o universal.

O imaginário coletivo se expressa através de diferentes meios, como literatura, arte, mídia e tradições culturais. As imagens acabam se consolidando na mente das pessoas e influenciando suas percepções e entendimento sobre o mundo.

No ciclo incessante da vida no mundo, o regime diurno da imagem se revela como uma manifestação constante e dinâmica da presença simbólica que permeia nossas experiências cotidianas.

O regime diurno, conforme explicado por Gilbert Durand (2002), refere-se a um conjunto de símbolos que permeiam a experiência humana durante o período diurno, como um

aspecto fundamental do imaginário humano que se contrapõe ao regime noturno, simbolizando qualidades e significados opostos e complementares. No regime diurno, a luz é um símbolo central que representa a consciência, a razão, a clareza, a ordem e a visibilidade.

Durante o período diurno, a luz do sol ilumina e revela um mundo repleto de cores, formas e texturas, criando um cenário em constante mutação. A primeira parte do livro *As estruturas antropológicas do imaginário* é intitulada *Os símbolos teriomórficos* e, conforme Durand (2012, p. 69):

De todas as imagens, com efeito, são as imagens animais as mais frequentes e comuns. Podemos dizer que nada nos é mais familiar, desde a infância, que as representações animais. [...] É de resto notável que as crianças nunca tenham visto a maior parte dos animais com que sonham, nem os modelos das imagens com que brincam. Do mesmo modo, verifica-se que existe toda uma mitologia fabulosa dos costumes animais que a observação direta apenas poderá contradizer. E, no entanto, a salamandra permanece, para a nossa imaginação, ligada ao fogo, a raposa à astúcia, a serpente continua a “picar” contra a opinião do biólogo, o pelicano abre o coração, a cigarra entenece-nos, enquanto o gracioso ratinho repugna-nos.

Os símbolos e significados atribuídos a determinados animais ao longo da história e em diferentes culturas destacam o papel dessas representações na construção do imaginário coletivo e na expressão simbólica da psique humana. O cavalo, por exemplo, é um dos símbolos mais significativos na simbologia arquetípica e reflete dimensões psicológicas, culturais e mitológicas profundas, que representam força, transformação e viagem. Ao analisar a bruxa juntamente com o símbolo do cavalo, é possível perceber como essas narrativas oferecem uma compreensão mais rica das forças primitivas que moldam a psique humana, revelando a bruxa como uma figura arquetípica que representa aspectos sombrios da experiência humana.

Segundo Durand (2012, p. 75), os poetas apenas resgatam o símbolo arquetípico do cavalo infernal, presente em inúmeros mitos e lendas. Essa figura aparece associada a constelações aquáticas, ao trovão, aos infernos e, posteriormente, aos mitos solares. Todas essas representações, inclusive a solar, estão vinculadas a um mesmo tema emocional: o medo diante da passagem do tempo, simbolizado por elementos como a mudança e o ruído.

Esse é um dos símbolos atribuídos ao cavalo, em outras culturas podemos ter outros significados. É possível perceber essa relação entre bruxa e o cavalo, historicamente, o cavalo tem sido associado ao poder e à fertilidade, ao explorar essa conexão, pode-se entender como bruxas expressam um poder feminino que desafia as convenções patriarcais, reforçando a ideia de que a bruxa pode ser uma representação de resistência e empoderamento. Assim como esse imaginário colabora para a imagem da bruxa, vem também fazendo uma ligação com a figura

mãe, arquétipo universal. O cavalo e seu ato de cavalgar estão intrinsecamente ligados a noções da psicanálise. Uma delas, a figura materna, o ato de cavalgar na mãe, pode evocar múltiplos significados. Conforme Durand (2012, p. 76),

[...] sugerindo com isso que a mãe é o primeiro utensílio que a criança cavalga, e igualmente que a mãe e a ligação à mãe podem assumir um aspecto terrificante. Uma vez mais acrescentaremos que o sentido psicanalítico e sexual da cavalgada aparece de fato na constelação hipomórfica, mas que vem simplesmente sobredeterminar o sentido mais geral que é o de veículo violento, de corcel cujas passadas ultrapassam as possibilidades e que Cocteau, com um instinto muito seguro, saberá modernizar no seu filme *Orfeu*, transformando-o em motocicletas mensageiras do Destino.

A relação com a maternidade alinhada à força e à proteção expressa aspectos essenciais da experiência humana e da ligação entre a figura materna e seus filhos. Essa leitura simbólica amplia a compreensão do cavalo como um arquétipo poderoso, profundamente conectado à psique humana e à cultura.

Durand (2012) observa que, apesar das diferenças aparentes, o cavalo associado ao sol pode ser facilmente relacionado ao cavalo de natureza ctônica. Ele ressalta que o próprio sol, como arquétipo, não é estável e pode, dependendo das condições climáticas e culturais, adquirir um sentido negativo. Além disso, o cavalo aparece ligado tanto ao sol quanto à lua, como demonstram os mitos de deusas lunares da tradição grega, escandinava e persa, que viajam em carruagens puxadas por cavalos. Assim, o cavalo simboliza o tempo, por estar associado aos grandes ciclos naturais — sendo representado como o próprio tempo: o corpo do cavalo corresponde ao ano, seu dorso ao céu e sua cabeça à aurora.

A representação simbólica do cavalo está associada ao sol, à luz, à transformação e à renovação. A luz do sol simboliza a iluminação, a clareza e a consciência, a capacidade de iluminar a escuridão. Conforme o Dicionário de símbolos, o sol é um dos símbolos mais ricos e significativos em diversas culturas e tradições.

O simbolismo do sol é tão diversificado quanto é rica de contradições a realidade solar. Se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma **manifestação da divindade** (epifania uraniana). Pode ser concebido como o filho do Deus supremo e irmão do arco-íris. É o olho do Deus supremo, para os pigmeus semong, os fueguinos e os boximanes. Na Austrália, é considerado filho do Criador e figura divina favorável ao homem...Os samoiedos veem no Sol e na Lua os olhos de Num (= Céu): o Sol é o bom olho, a Lua o mau. O SOL também é considerado fecundador. Mas também pode queimar e matar (Chevalier, 1906, p. 836).

O sol é associado à vida e à fertilidade, representando a fonte de energia vital que sustenta toda a vida na terra, sua capacidade de aquecer, iluminar e nutrir a natureza é simbolicamente ligada à ideia de crescimento e renovação. Também visto como uma fonte de luz que se dissipa na escuridão, revela a verdade e guia o caminho, o sol, com seu movimento diário de nascer e se pôr, simboliza o ciclo de renovação e renascimento.

Temos também a água como um dos símbolos mais ricos e universais nas culturas e tradições ao redor do mundo, sendo carregada de múltiplos significados simbólicos. Conforme descrito no *Dicionário de símbolos* (Chevalier, 1906, p. 15), a água pode ser compreendida a partir de três grandes temas simbólicos: como fonte de vida, meio de purificação e centro de regeneração. Esses aspectos estão presentes nas mais antigas tradições e aparecem organizados em diversas combinações imaginárias, geralmente coerentes entre si. As águas, enquanto massa indiferenciada, representam a totalidade dos possíveis — tudo aquilo que ainda está por se formar ou se realizar. Elas contêm tanto o potencial de criação e desenvolvimento quanto o risco de retorno ao caos. Mergulhar nas águas, portanto, simboliza um processo de transformação que pode envolver uma espécie de morte simbólica, necessária para o renascimento.

A água é associada à fertilidade e à renovação, simbolizando a vida, o crescimento e a regeneração, vista como uma fonte de vida que nutre e sustenta todos os seres vivos, no sentido de purificação e limpeza, tanto física quanto espiritualmente, por meio da renovação e da liberdade de impurezas.

Ao adentrar nesse universo simbólico, Carl Gustav Jung (1964) revela as camadas de significados ocultas nas imagens e narrativas que permeiam a mente humana, convidando-nos a uma jornada de autodescoberta e compreensão das forças inconscientes que moldam nossa experiência de vida. *O homem e seu símbolos*, escrito por Carl Gustav Jung (1964) e revisado por Mircea Eliade, para publicação em 1964, contribuiu para estudos do inconsciente.

O pensamento de Jung coloriu o mundo da psicologia moderna [...]. Mas a sua mais notável contribuição ao conhecimento psicológico é o conceito de inconsciente [...] como um mundo que é parte tão vital e real da vida de um indivíduo quanto é o mundo consciente e “meditador” do ego. E infinitamente mais amplo e mais rico. A linguagem e as “pessoas” do inconsciente são os símbolos, e os meios de comunicação com este mundo são os sonhos (Eliade, Apud Jung, 1964, p. 12).

Ele desenvolveu o conceito de inconsciente, que abriga os arquétipos universais e os padrões simbólicos compartilhados pela humanidade ao longo da história. Alguns arquétipos representam aspectos fundamentais da psique humana e manifestam-se por meio de imagens e símbolos em sonhos, mitos e contos de fadas. Conforme Eliade, Apud Jung (1964, p. 12),

[]. Para os jungianos o sonho não é uma espécie de criptograma padronizado que pode ser decifrado através de um glossário para a tradução de símbolos. É, sim, uma expressão integral, importante e pessoal de inconsciente particular de cada um e tão “real” quanto qualquer outro fenômeno vinculado ao indivíduo.

Essa dimensão única e pessoal do inconsciente de cada indivíduo é formada por experiências, memórias, traumas e complexos individuais. Enquanto o inconsciente coletivo abrange os elementos universais e arquétipos compartilhados pela humanidade, o inconsciente particular de cada pessoa é composto por conteúdos pessoais que influenciam sua psique de maneira única. O sonho é fundamental na compreensão da psique humana e na busca do autoconhecimento, uma expressão direta do inconsciente, uma janela para os conteúdos ocultos da mente, na vida emocional de cada indivíduo e os símbolos. Para Jung (1964, p. 20), “o que chamamos símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional.”

Os sonhos proporcionam acesso direto ao conteúdo do inconsciente, revelando aspectos pessoais e coletivos da psique, eles expressam simbolicamente desejos, oferecendo uma visão profunda da mente inconsciente.

Somos convidados a adentrar em um universo de significados e representações que permeiam as interações sociais e moldam a experiência humana na era pós-moderna. Sua teoria do imaginário lança luz sobre os meandros do simbólico, revelando como os mitos, os rituais e as imagens coletivas desempenham um papel central na construção da realidade social. Ao estudar as dinâmicas do imaginário, Michel Maffesoli, em uma entrevista intitulada *O imaginário é uma realidade* (2001), declara que:

[...] Quero dizer que, tratando de imaginário em outros países, mesmo europeus, sempre observei que havia certa ambiguidade. Em geral, opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro. O imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível (Maffesoli, 2001, p. 74).

Essa dimensão transcende a dicotomia entre realidade e ficção, destacando a importância da imaginação e dos símbolos na construção da experiência social e cultural. Para Maffesoli, o imaginário não deve ser visto como uma mera fantasia ou ilusão, mas como uma forma de conhecimento e compreensão da realidade que opera em um plano simbólico e subjetivo. Afirma Maffesoli (2001), em sua entrevista:

O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de improvável, um certo mistério da criação ou da transfiguração (Maffesoli, 2001, p. 75).

O imaginário não é uma simples reprodução da realidade objetiva, mas sim uma criação coletiva que reflete as aspirações, os valores e os desejos de uma determinada sociedade em um dado momento histórico. Ele destaca a importância das narrativas simbólicas e das ficções sociais na construção de identidades coletivas e na articulação de formas de sociabilidade e pertencimento. Na entrevista, Maffesoli enfatiza a importância do imaginário como um elemento fundamental na vida em comunidade e destaca que o imaginário é um fenômeno coletivo: “O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-Nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual.”

3.2 IMAGINÁRIO DA BRUXA NA LITERATURA INFANTIL

A bruxa é um personagem recorrente na literatura infantil. Ao longo dos anos, diversas histórias foram contadas sobre bruxas e suas magias, cativando a imaginação dos pequenos leitores. Neste subcapítulo, veremos a personagem bruxa e suas diversas formas, as quais são representadas nas diferentes histórias, com seus poderes sobrenaturais.

No imaginário popular, a bruxa é geralmente retratada como uma mulher malvada, com aparência envelhecida e feia, nariz adunco, cabelos desganhados e roupas esfarrapadas, ela é associada à magia negra, feitiçaria e malevolência. As bruxas são seguidamente apresentadas como vilãs em contos de fadas e histórias infantis, como a bruxa má da Cinderela e a bruxa malévola da Bela Adormecida. Também costumam ser representadas vivendo em florestas escuras e sinistras, em cabanas feitas de doces ou em caldeirões gigantes, onde preparam poções mágicas. As personagens representadas há séculos em histórias, lendas e mitos, despertam tanto medo quanto curiosidade no imaginário coletivo, e sua presença na cultura popular é notória em diferentes contextos e períodos da história. Entretanto, Estés (1994) refere-se aos contos de fadas, envolvendo a personagem bruxa:

Os contos de fadas, os mitos e as histórias proporcionam uma compreensão que aguça nosso olhar para que possamos escolher o caminho deixado pela natureza selvagem. As instruções encontradas nas histórias nos confirmam que o caminho não terminou, mas que ele ainda conduz as mulheres mais longe, e ainda mais longe, na direção do

seu próprio conhecimento. As trilhas que todas estamos seguindo são aquelas do arquétipo da Mulher Selvagem, o Self instintivo inato (Estés, 1994, p. 9).

As histórias desempenharam um papel importante na construção de representações simbólicas da figura da bruxa na sociedade, como a da mulher selvagem, presente na citação acima. Muitas das narrativas refletem e reforçam visões estereotipadas sobre as mulheres, explorando temas de poder, força e conexão com a natureza. Por outro lado, essas narrativas contribuem para a construção de imagens e representações do arquétipo da bruxa.

Ao examinar essas narrativas, podemos aguçar nosso olhar para compreender as nuances e significados dessas figuras icônicas na história e na cultura. Conforme Estés (1994, p. 16),

Às vezes, várias camadas culturais superpostas desorganizam os esqueletos das histórias. Por exemplo, no caso dos irmãos Grimm (entre outros colecionadores de contos de fadas dos últimos séculos), existe forte suspeita de que os informantes (os contadores de histórias) daquela época às vezes "purificavam" as histórias em consideração aos irmãos religiosos. Também suspeitamos de que os famosos irmãos tenham continuado a tradição de cobrir antigos símbolos pagãos com outros cristãos, de tal modo que uma velha curandeira num conto passava a ser uma bruxa perversa; um espírito transformava-se num anjo; um véu ou coifa iniciática tornava-se um lenço; ou uma criança chamada Bela (nome costumeiro para a criança nascida durante os festejos do solstício) era rebatizada de Schmerzenreich, Dolorosa. Os elementos sexuais eram omitidos. Animais e criaturas prestimosas eram transformados em demônios e espíritos do mal.

Para entendermos essas histórias, especialmente dos irmãos Grimm, seu trabalho de coleta e reescrita de contos de fadas envolveu transformações que visavam adequar as descrições aos padrões morais e religiosos da época. Ao analisar estas narrativas, podemos refletir sobre as diferentes camadas de significado, transformações culturais e as complexidades envolvidas na transmissão dos contos de fadas ao longo da história.

Na Idade Média, muitas narrativas envolvendo a bruxa apresentavam a personagem como uma ameaça à ordem religiosa predominante e, muitas vezes, era perseguida e queimada na fogueira, acusada de heresia e associação ao diabo, sendo temida e repudiada. Contudo, veremos se ao passar dos tempos a bruxa pode ter assumido outras características com novos significados na cultura popular.

A função do imaginário nos contos de fada, nos quais a magia representa um aspecto da psique humana, que está além das fronteiras da razão e do conhecimento consciente, as personagens dessas narrativas são capazes de superar suas limitações e alcançar seus objetivos. A importância da figura da bruxa como um símbolo enigmático nos convida a expor os aspectos sombrios e desconhecidos da psique humana, bem como a celebrar a energia feminina e os elementos importantes do imaginário coletivo. De acordo com Franz (1915, p. 05), a melhor

maneira de compreender os contos de fada é por meio da própria experiência psicológica e de estudos comparativos, que permitem revelar as conexões entre as imagens arquetípicas apresentadas nessas narrativas. Para o autor, o significado dos contos está justamente na totalidade dos temas que estruturam e conectam o enredo, sendo o próprio conto sua melhor explicação.

As imagens arquetípicas desempenham um papel fundamental nos contos de fadas, servindo como elementos simbólicos que expressam padrões universais da psique humana e da experiência coletiva. Os contos de fada evocam emoções, desejos, medos e aspirações profundamente enraizados no inconsciente coletivo.

O conceito de bruxas e o imaginário associado a elas são ancestrais e encontram-se em diferentes culturas. Embora muitas vezes associadas a estereótipos negativos, as bruxas são personagens que transcendem culturas, assumindo diferentes significados e simbolismos. No entanto, pode-se dizer que o surgimento das histórias de bruxas, como as que conhecemos hoje, nas narrativas contemporâneas, refletem as complexidades do seu surgimento e os primeiros registros das suas relações de poder nas sociedades.

Impossível determinar com exatidão o ponto geográfico ou o momento temporal em que as fadas teriam nascido. Entretanto, o mais provável é elas terem surgido e se arraigado naquela fronteira ambígua entre o real e o imaginário, que vem, desde a origem dos tempos, atraindo os homens (Coelho, 1987, p. 32).

As histórias de bruxas, no entanto, podem ser encontradas em diferentes mitologias e tradições culturais mais antigas. O nascimento das bruxas e o imaginário associado a elas têm raízes em diferentes culturas e períodos históricos, contribuindo para a construção coletiva desse arquétipo ao longo dos séculos. “A imagem de velha, feia e malvada então não é de agora, foi algo construído social, cultural e discursivamente, e ganhou corpo no imaginário coletivo” (Gama-Khalil, 2024, p. 2).

O imaginário da bruxa no passado era marcado por uma mistura de medo e fascínio. As bruxas eram vistas como mulheres misteriosas e poderosas, capazes de lançar feitiços, curar doenças e se comunicar com o além. No entanto, também eram temidas por supostos poderes em feitiçarias e por serem responsáveis por desastres naturais e epidemias.

A Idade Média, que abrange aproximadamente o período do século V ao século XV, foi uma época marcada pelo poder da igreja Católica e pela forte influência da religião na sociedade. Conforme Federici (2017), a relação entre a caça às bruxas e a perseguição dos

hereses na história reflete uma continuidade de práticas de repressão e controle social que visavam silenciar formas de subversão e dissidência em nome da ortodoxia religiosa.

Em contos populares, assim como em histórias modernas, na maioria das vezes, a bruxa é retratada como uma figura malvada, muitas vezes associada a maldições, venenos e magia negra, consideradas inimigas da sociedade e da igreja. “E é logo depois dessa época, no período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII que aconteceu o fenômeno generalizado em toda a Europa: a repressão sistemática do feminino. Estamos nos referindo aos quatro séculos de ‘caça às bruxas’” (Kramer, 2000, p. 13).

Durante esse período, a crença em bruxas e na prática da feitiçaria era comum e considerada uma grave ameaça à ordem estabelecida. A caça às bruxas, também conhecida como caça às feiticeiras, intensificou-se principalmente a partir do século XIV. A igreja Católica começou a considerar a bruxaria como uma heresia e uma ameaça ao cristianismo. Isso levou à criação de tribunais e eclesiásticos especializados em julgar e condenar aqueles que eram acusados de bruxaria.

Assim é como devemos ler o ataque contra a bruxaria e contra a visão mágica do mundo que, apesar dos esforços da Igreja, seguia predominante em escala popular durante a Idade Média. O substrato mágico formava parte de uma concepção animista da natureza que não admitia nenhuma separação entre a matéria e o espírito, e deste modo imaginava o cosmos como um organismo vivo, povoado de forças ocultas, onde cada elemento estava em relação “favorável” com o resto (Federici, 2017, p. 257).

A caça às bruxas acontecia por interpretações errôneas e preconceituosas, pois, muitas vezes, as bruxas eram acusadas de causar doenças, maus resultados nas colheitas e outros infortúnios que ocorriam na comunidade. Eram vistas como responsáveis por tempestades, pragas de insetos e até mesmo pela morte de crianças. A caça às bruxas foi uma prática comum durante a Idade Média e resultou no julgamento e condenação de muitas mulheres acusadas de bruxarias. Em alguns casos, essas mulheres eram queimadas vivas na fogueira.

A extensão da caça às bruxas é espantosa. No fim do século XV e no começo do século XVI, houve milhares e milhares de execuções - usualmente eram queimadas vivas na fogueira na Alemanha, na Itália e em outros países. A partir de meados do século XVI, o terror se espalhou por toda a Europa, começando pela França e pela Inglaterra. Um escritor estimou o número de execuções em seiscentas por ano para certas cidades, uma média de duas por dia, ‘exceto aos domingos’. Novecentas bruxas foram executadas num único ano na área de Herzberg, e cerca de mil na diocese de Como. Em Toulouse, quatrocentas foram assassinadas num único dia; no arcebispado de Trier, em 1585, duas aldeias foram deixadas apenas com duas mulheres moradoras cada uma. Muitos escritores estimaram que o número total de mulheres executadas subia à casa dos milhões, e as mulheres constituíam 85% de todos os bruxos e bruxas que foram executados (Kramer, 2000, p. 13).

A Europa testemunhou uma série de julgamentos e execuções de pessoas, principalmente mulheres, como vimos anteriormente. É importante ressaltar que a ideia de bruxaria era amplamente baseada em superstições e crenças populares, e muitas vezes as acusações eram feitas com base em rumores, ciúmes, disputas pessoais ou busca por poder. As bruxas queimadas eram submetidas a torturas físicas e emocionais para confessarem seus supostos crimes. Elas eram, então, executadas de diversas maneiras, sendo a queima na fogueira uma das mais comuns. Além disso, as bruxas queimadas também eram estigmatizadas e marginalizadas pela sociedade.

O fato de que a maior parte das vítimas na Europa tenham sido mulheres camponesas talvez possa explicar o motivo da indiferença dos historiadores com relação a tal genocídio; uma indiferença que beira a cumplicidade, já que a eliminação das bruxas das páginas da história contribuiu para banalizar sua eliminação física na fogueira, sugerindo que foi um fenômeno com um significado menor, quando não uma questão de folclore (Federici, 2017, p. 290).

A perseguição às bruxas era comum na Idade Média e na época da inquisição, quando muitas mulheres foram acusadas de bruxaria e queimadas na fogueira. O medo e a superstição em torno das bruxas persistiram por séculos, influenciando a cultura popular com bruxaria e magia negra. Como podemos ver essa perseguição segue em outros momentos da história, conforme Gama-Khalil (2024). A crença generalizada no final do século XVI, entre os europeus instruídos de que as bruxas praticavam magia e se envolviam em atividades diabólicas estava profundamente enraizada na cultura e nas tradições da época. Essa crença era amplamente difundida em virtude de uma série de fatores históricos, sociais e culturais que moldaram a visão da sociedade sobre as mulheres e sobre a prática da bruxaria.

O olhar masculino sobre as bruxas era permeado por uma mistura de medo, desconfiança e misoginia, refletindo os temores e as inseguranças da sociedade patriarcal em relação às mulheres que desafiavam as normas estabelecidas. As bruxas apresentavam características ameaçadoras ou subversivas, como a independência, a sexualidade, o conhecimento e o poder, que eram vistos como desafiantes à autoridade masculina e à ordem estabelecida. Além disso, as acusações de bruxaria pode ser uma forma de controle sobre as mulheres que se desviam das normas de gênero impostas pela sociedade, reforçando a submissão e a obediência feminina sob a ameaça de punição e perseguição.

Foi a *Constitutio Criminalis Carolina* — o Código Legal Imperial promulgado pelo rei católico Carlos V, em 1532 — que estabeleceu que a bruxaria seria penalizada com

a morte. Na Inglaterra protestante, a perseguição foi legalizada por meio de três Atos do Parlamento, aprovados, respectivamente, em 1542, em 1563 e em 1604, sendo que o último introduziu a pena de morte inclusive na ausência de dano a pessoas ou a coisas (Federici, 2017, p. 297).

A associação da bruxaria com a pena de morte ao longo da história é um tema sombrio que revela a intensidade da perseguição e repressão sofrida por aqueles acusados de praticar magia ou de desafiar as normas sociais e religiosas estabelecidas.

Somente a partir do final do século XVII, com o iluminismo e o avanço da ciência, a crença na bruxaria começou a ser questionada e a perseguição às bruxas diminuiu significativamente. A história das bruxas na Idade Média é marcada por uma combinação de crenças supersticiosas, repressão religiosa e violência, que levou à morte de milhares de pessoas inocentes.

A crença nas bruxas e a caça a elas diminuíram ao longo dos séculos seguintes. Veremos atualmente se a bruxa é vista sob uma perspectiva muito diferente das bruxas da Idade Média ou se ainda temos esta visão mais ligada à figura do folclore e da magia benigna.

Durante três séculos o *Malleus* foi a Bíblia dos Inquisidores e esteve na banca de todos os julgamentos. Quando cessou a caça às bruxas, no século XVIII, houve grande transformação na condição feminina. A sexualidade normatiza e as mulheres se tornam frígidas, pois orgasmo é coisa do diabo e, portanto, possível de punição. Reduzem-se exclusivamente ao âmbito doméstico, pois sua ambição também era passível de castigo. O saber feminino popular cai na clandestinidade, quando não é assimilado como próprio pelo poder médico masculino já solidificado. As mulheres não têm mais acesso ao estudo como na Idade Média e passam a transmitir voluntariamente a seus filhos valores patriarcais já então totalmente introjetados por elas (Kramer, 2000, p. 16).

Após o século XVIII, a perseguição e o julgamento de bruxas começaram a diminuir significativamente na Europa, isso não significa que a crença em bruxas desapareceu completamente. O iluminismo e a revolução industrial influenciaram a mudança de perspectiva em relação às bruxas. Com o avanço do conhecimento científico e a disseminação da razão e do pensamento crítico, as pessoas começaram a questionar existência e o poder das bruxas

Com a perseguição à curandeira popular, as mulheres foram expropriadas de um patrimônio de saber empírico, relativo a ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração a geração — uma perda que abriu o caminho para uma nova forma de cercamento: o surgimento da medicina profissional que, apesar de suas pretensões curativas, erigiu uma muralha de conhecimento científico indisputável, inacessível e estranho para as “classes baixas” [...]. A substituição da bruxa e da curandeira popular pelo doutor levanta a questão sobre o papel que o surgimento da ciência moderna e da visão científica do mundo tiveram na ascensão e queda da caça às bruxas. [...]. Por um lado, há a teoria originada no Iluminismo, que reconhece o advento da racionalidade científica como fator determinante para o fim da perseguição (Federici, 2017, p. 364).

A transição do uso de ervas e práticas tradicionais associadas às bruxas para a medicina praticada por médicos reflete mudanças significativas na história. Durante séculos, as ervas e remédios utilizados pelas chamadas “bruxas” desempenharam um papel importante na medicina popular. Com o avanço da ciência e da medicina, houve uma transição gradual destes rituais. Federici (2017, 367) explica que, com o declínio do mecanicismo filosófico no início do século XVIII, novas correntes de pensamento passaram a valorizar elementos como a simpatia, a sensibilidade e a paixão, os quais, apesar de sua natureza mais subjetiva, foram prontamente assimilados pelo projeto da nova ciência.

O século XVIII foi um período de intensas transformações culturais, sociais e intelectuais, marcado por surgimento de novas tendências filosóficas e científicas que desafiaram as concepções tradicionais e abriram caminho para o desenvolvimento da ciência moderna.

O imaginário da bruxa continuou a desempenhar um envolvimento significativo na cultura e na sociedade, embora de forma diferente em comparação com os períodos anteriores, como a caça às bruxas na Idade Moderna. Durante o século XIX, o contexto histórico e social influenciou a representação da bruxa, que passou por mudanças e ressignificações. A forma como a bruxaria era vista e representada, o avanço do racionalismo e dos ideais iluministas, que promoviam a razão, a ciência e o progresso como pilares da sociedade, resultaram em uma diminuição da crença em práticas mágicas e supersticiosas, levando a uma visão mais crítica e cética em relação à bruxaria. Consoante Federici (2017, p. 414), “na década de 1840, por exemplo, houve uma onda de queima de bruxas no oeste da Índia. Nesse período foram queimadas mais mulheres por serem consideradas bruxas do que por incorrerem na prática do sati³”.

Os costumes a estes atos de violência são motivados por superstições, crenças culturais e questões sociais que perpetuam a ideia de que as mulheres acusadas de bruxaria representam uma ameaça à comunidade. A partir desse período, entre século XV e XVIII, continuaram as mortes de mulheres ao redor do mundo, com movimentos sociais e religiosos, para erradicar as mulheres que praticavam bruxarias, a fim de prejudicar as pessoas daquela comunidade.

³ Sati era um antigo costume entre algumas comunidades hindus no qual as viúvas se sacrificavam na pira funerária de seu marido morto. Tornou-se uma prática proibida na Índia a partir do colonialismo britânico. (Federici, 2017, p. 414).

A caça às bruxas é um tema histórico que se refere a uma série de perseguições e execuções de pessoas acusadas de praticar bruxaria. Conforme Federici (2017, p. 294),

O que ainda não foi reconhecido é que a caça às bruxas constituiu um dos acontecimentos mais importantes do desenvolvimento da sociedade capitalista e da formação do proletariado moderno. Isso porque o desencadeamento de uma campanha de terror contra as mulheres, não igualada por nenhuma outra perseguição, debilitou a capacidade de resistência do campesinato europeu frente ao ataque lançado pela aristocracia latifundiária e pelo Estado, em uma época na qual a comunidade camponesa já começava a se desintegrar sob o impacto combinado da privatização da terra, do aumento dos impostos e da extensão do controle estatal sobre todos os aspectos da vida social. A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social.

O estudo da caça às bruxas é relevante para entender as dinâmicas de poder, discriminação e as consequências de movimentos sociais baseados no medo e na desinformação. Essas injustiças terríveis servem como um lembrete da importância de proteger os direitos individuais e promover a tolerância em sociedades modernas.

Em *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, reflete-se sobre a natureza instintiva e selvagem da mulher, como conceito central do livro, representando a parte mais autêntica, intuitiva e criativa da mulher, que muitas vezes é reprimida pela sociedade.

Para encontrar a Mulher Selvagem, é necessário que as Mulheres se voltem para suas vidas instintivas, sua sabedoria mais profunda. Portanto, vamos nos apressar agora e trazer nossas lembranças de volta ao espírito da Mulher Selvagem. Vamos cantar sua carne de volta aos nossos ossos. Despir quaisquer mantos falsos que tenhamos recebido. Assumir o manto verdadeiro do poder do conhecimento e do instinto. Invadir os terrenos psíquicos que nos pertenceram um dia. Desfraldar as faixas, preparar a cura. Voltemos agora, mulheres selvagens, a uivar, rir e cantar para aquela que nos ama tanto (Estés, 1994, p. 20).

A mulher selvagem, conforme traz a autora, simboliza a essência primitiva da mulher, ela representa liberdade, força, criatividade e conexão com a natureza. Essa discussão é com a mulher ao longo da história, que tem sido ensinada a reprimir seus instintos naturais e a se conformar a papéis sociais. A recuperação da mulher selvagem é, portanto, um processo de autodescoberta e libertação. Isso se relaciona às características do arquétipo da bruxa porque ela também tem ligação com a natureza. Ambas as figuras têm raízes em tradições culturais e mitológicas, e suas representações muitas vezes se sobrepõem. A conexão com a natureza, tanto da mulher selvagem quanto da bruxa são associadas ao mundo natural. A mulher selvagem

representa a intuição, a instintividade e a conexão com os ciclos naturais, enquanto a bruxa, tradicionalmente, é vista como uma figura que possui conhecimentos sobre ervas, cura e magia. Também em relação ao poder feminino, desafiam as convenções estabelecidas e reivindicam sua autonomia. Elas representam a resistência à opressão e a busca por identidades autênticas. Enfim, a mulher selvagem e a bruxa incorporam a dualidade da psique feminina, incluindo aspectos sombrios., A bruxa pode ser vista como uma personificação de medos e tabus, enquanto a mulher selvagem representa a liberdade. “Contudo, tudo o que é selvagem assusta a sociedade baseada na ascensão cultural, seja a natureza em seus movimentos, seja uma matilha ou uma mulher selvagem, aquela cuja reputação é tomada como má e que passa a ser simbolizada como bruxa” (Silva, 2021, p. 53).

Atualmente, a literatura infantil do século XXI representa as personagens bruxas de forma mais diversa e inclusiva, em vez de perpetuar estereótipos negativos e pejorativos. Muitas vezes, essas personagens são retratadas como heroínas empoderadas que usam seus poderes para fazer o bem, em vez de serem vistas como vilãs cruelmente malvadas. Também tem se dedicado a desconstruir estereótipos de gênero em relação às bruxas, mostrando que elas podem ser de qualquer gênero, idade ou aparência física, e que isso não afeta sua capacidade de fazer magia ou de ter uma personalidade empoderada e interessante.

A imagem da bruxa na contemporaneidade tem se transformado e se reinventando. Na Idade Média, as bruxas eram associadas principalmente à magia negra, feitiçaria e aliadas a Lúcifer. No entanto hoje em dia, muitas pessoas estão ressignificando a figura da bruxa e a visualizando de outra forma. Conforme Gama Khalil (2024, p. 3),

Na modernidade, a bruxa assume novas feições, encontra espaços diversos e, em novas narrativas, atravessa o passado, o presente e chega ao futuro. Em outros tempos, não se consideraria a ideia de bruxas atuando no futuro e, se colocarmos em evidência as muitas narrativas de nosso tempo que vislumbram o futuro, ficamos ainda mais curiosos quando se trata de uma distopia⁴ pós-apocalíptica, cuja autora é Lois Lowry.

Muitas vezes, a bruxa é vista como uma mulher empoderada, independente, sábia e conectada com a natureza. Ela é associada à prática de rituais de autocuidado, cura energética, proteção espiritual e conexão com o divino. Muitas mulheres estão resgatando a figura da bruxa como um símbolo de resistência, feminismo e espiritualidade.

⁴ A Escolhida é uma Distopia pós-apocalíptica da personagem bruxa no futuro, oferece uma oportunidade única de explorar a interseção entre o passado e o futuro, a tradição e a inovação, o simbolismo e a alegoria, desafiando as expectativas convencionais e convida os leitores a mergulharem em um mundo imaginativo, repleto de possibilidades e significados ocultos (Gama-Khalil, 2024).

No folclore, a bruxa passa a ser retratada como uma personagem mais ambígua, com a capacidade de trazer benefícios ou malefícios, dependendo de sua intenção e habilidades mágicas. Ela pode ser curandeira, uma protetora do povo ou uma pessoa capaz de trazer fortuna e prosperidade. Afirma Mendes (2000, p. 22):

[...], a mulher acabou desempenhando os papéis principais nas histórias populares, como princesa, camponesa, bruxa ou fada, que representam, por sua vez, a mulher humana e a mulher divina. E o papel do narrador também sempre esteve ligado à figura feminina, pois era a mulher que fiava e tecia tanto o tecido das roupas como o texto das narrativas.

A bruxa também pode ser vista como um símbolo em outro aspecto, representando as capacidades e habilidades das mulheres que eram marginalizadas e muitas vezes associadas à sabedoria, à intuição e à conexão com a natureza; ela é livre, independente e desafia as convenções sociais, sendo um exemplo de resistência e força.

As mulheres não podem fugir a isso. Se for preciso haver uma mudança, nós somos essa mudança. Nós temos dentro de nós La Que Sabé, Aquela Que Sabe. Se quisermos mudanças internas, cada mulher deverá empreender a sua. Se quisermos que haja mudanças no mundo, nós, mulheres, temos nossos próprios meios de ajudar a realizá-las. A Mulher Selvagem sussurra as palavras e os meios, e nós obedecemos. Ela esteve correndo, parando e esperando para ver se vamos alcançá-la. Ela tem algo, tem muitas coisas, a nos mostrar (Estés, 1994, p. 340).

O imaginário da bruxa pode ser relacionado à dualidade entre o bem e o mal, à luta entre a luz e as sombras. Ela possui a capacidade de fazer escolhas e de influenciar, essa dualidade é representada em diversas obras literárias, filmes e séries, em que sua figura é apresentada como uma personagem complexa, com suas próprias motivações e conflitos.

Essa positivação [da bruxa jovem e bela] cresceu nos filmes e séries exibidas, como as obras: A Feiticeira, As Bruxas de Avalon, Da Magia a Sedução, Jovens Bruxas, Harry Potter, João e Maria – caçadores de bruxas, e claro o seriado The Secret Circle e possui uma ligação direta e indireta com a prática religiosa da bruxaria ao trazer pesquisas de roteiro que incluem informações, alusões ou até recriações dessas práticas [...] (Silva, 2017, p. 4).

A personagem bruxa é uma das mais admirável na literatura, cinema e séries de TV. As bruxas e as fadas são figuras comuns em mitologias, folclores e histórias de fantasia e, embora compartilhem algumas semelhanças, elas possuem algumas características bem distintas. Conforme Jeffrey B. Russell (2019), as bruxas que conhecemos podem estar em festas à fantasia com suas roupas escuras e chapéus pontiagudos. Outras pessoas podem associar a bruxa a seus

poderes psíquicos, e muitos duvidam desses tais poderes. Em outra abordagem antropológica, dizem que a bruxa é uma feiticeira; ou a bruxa da abordagem histórica, afirmam que ela tem ligação com o diabo, e as bruxas mais modernas têm a prática com a magia para fazer o bem.

A comparação entre bruxas e fadas revela a riqueza e a diversidade das tradições culturais e narrativas. Enquanto bruxas podem simbolizar o poder do saber oculto e a ambiguidade moral, fadas representam a inocência e a magia da natureza. Ambas têm um lugar importante no imaginário popular e continuam a inspirar histórias e criações artísticas.

Assim, a bruxa geralmente está associada à prática de magia, muitas vezes com um foco na feitiçaria e rituais. Veremos como a fada é vista.

Fada. Mestra da magia, a fada simboliza os poderes paranormais do espírito ou as capacidades mágicas da imaginação. Ela opera as mais extraordinárias transformações e, num estante, satisfaz ou decepciona os mais ambiciosos desejos. Talvez por isso ela representa a capacidade que o homem possui para construir, na imaginação, os projetos que não pôde realizar (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 415).

Assim como as fadas, as bruxas também usam da magia, sendo associadas a certos elementos, como o gato preto, símbolos de má sorte e à vassoura, usada para voar; elas são consideradas bruxas noturnas, realizando rituais e feitiços na calada da noite.

No folclore, as bruxas são conhecidas por lançar maldições e feitiços sobre as pessoas, transformar-se em animais, como lobos e corujas, e até mesmo roubar crianças. Elas são consideradas seres do mal e muitas vezes são vistas como ameaças à sociedade, são personagens que despertam a imaginação e a curiosidade das pessoas, geralmente associadas à prática de magia, feitiçaria e eventos sobrenaturais. É possível identificar características comuns que as tornam reconhecíveis em diferentes tradições folclóricas.

A figura da bruxa tem como origem o imaginário coletivo de diferentes culturas ao longo do tempo. Além disso, a representação das antifadas e das bruxas na literatura moderna, como em contos de fadas clássicos, romances góticos e contos de horror, também é um objeto de estudo. Historicamente, a bruxa foi associada à prática da magia negra, o que levou à perseguição e morte de muitas mulheres na Idade Média. Nos contos de fadas, a feiura, a astúcia e a manipulação reforçam a imagem estereotipada da mulher como sendo má ou enganadora. À medida que as bruxas que conhecemos nos contos não desaparecem, mas sim se transformam, entendemos que elas são figuras que atravessam o tempo, carregando histórias, símbolos arquetípos e fazem parte do imaginário coletivo. Conforme Franz (1981, p. 35),

Tais invasões do inconsciente coletivo no campo de experiências de um único indivíduo, provavelmente, de tempos em tempos criam novos núcleos de histórias e mantêm vivos os materiais já existentes. Por exemplo, aquela história do moleiro reforçará naquela região a crença nas “bruxas-raposas”. A crença existia anteriormente, mas esta história manterá viva, ou modernizará, ou, ainda, trará uma nova versão à velha ideia de que as bruxas sob forma de raposas saem matando ou enfeitiçando pessoas.

Dentro desse contexto, as bruxas do passado e as bruxas na contemporaneidade podem ser vistas como expressões simbólicas e arquetípicas que ecoam tanto no inconsciente coletivo como no individual. Assim, a relação entre o inconsciente coletivo e a figura da bruxa nas diversas manifestações históricas e contemporâneas revela a complexidade e a profundidade das representações simbólicas e arquetípicas que moldam a experiência humana, desafiando-nos a analisar e compreender as múltiplas camadas de significado que permeiam a figura icônica da bruxa e sua relevância na cultura e na psique humana.

Ao analisar essa personagem, podemos perceber como essa figura icônica ressoa com os medos, desejos e conflitos presentes no inconsciente coletivo. Na maioria das histórias, a bruxa é retratada como uma vilã, cujo principal objetivo é causar mal às pessoas. Ela pode lançar feitiços, criar poções mágicas e até mesmo se transformar em animais. Sua moradia costuma ser uma cabana escondida na floresta ou em um lugar isolado, o que ajuda a reforçar sua natureza sombria e misteriosa. Para Jeffrey B. Russell (2019), a prática da feitiçaria e a figura da bruxa são fenômenos culturais que ocorrem em diversas sociedades ao redor do mundo, cada um com suas próprias crenças, mitos e tradições associadas. Ao estudar a bruxaria europeia, é importante considerar a influência de diferentes aspectos, como a religião, o folclore, a heresia e a teologia, que moldaram a percepção e a representação das bruxas na Europa ao longo da história.

Esses são apenas alguns aspectos do imaginário presentes na literatura infantil, a bruxa como arquétipo representa e desempenha um papel significativo, refletindo uma variedade de experiências que são relevantes para o desenvolvimento emocional e social do ser humano, bem como o empoderamento feminino, complexidade moral e conexão com a natureza. Agora vamos ver como a literatura infantil contemporânea representa a bruxa nas narrativas infantis selecionadas e analisar se a bruxa do século XXI tem os mesmos aspectos, valores morais e sociais presentes nas narrativas infantis.

4 PAPEL SIMBÓLICO DA BRUXA NAS NARRATIVAS INFANTIS

Neste capítulo iremos estudar e analisar as narrativas infantis selecionadas: *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, de Heloisa Prieto (2001), *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, de Arden Druce (2002), *Nem isso, nem aquilo*, de Nye Ribeiro (2006), *A vassoura mágica e a fada encantada*, de Nádia Aguiar (2009), e *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof (2014). Na literatura infantil clássica, a bruxa se opõe aos heróis com as seguintes características: feia, velha e má, mas encanta com seus poderes mágicos; a magia se sobressai às características da bruxa.

Nas narrativas infantis selecionadas, temos a participação da personagem bruxa em suas aventuras e desafios. Em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof, (2014), Uxa é uma personagem divergente. Ela é uma bruxa que não vive só de maldades, tem momentos agradáveis e harmoniosos, durante sua trajetória na narrativa. O livro conta a história de Uxa, uma bruxa que transita com essa dualidade, ora uma fada, ora uma bruxa. A narrativa se desenrola em um mundo mágico, com desafios e interações com outros personagens e objetos simbólicos. Uxa muda muito de opinião e tem uma fantasia para cada dia. Nos dias do sim ela se veste de fada, faz bombom, puxa-puxa e muitas caridades, realiza suas “fadices”, transforma o táxi em abóbora e vai para o palácio, onde ela precisa perder o sapato de cristal, mas, ao encontrar o príncipe, joga o sapato fora e se transforma em bruxa, pois tem medo de ser feliz para sempre. A bruxa logo troca de roupa, coloca seu chapéu, transforma a varinha em vassoura e prepara a sopa bem amaldiçoada e sai voando com sua vassoura mágica, vai para o castelo, encontra o príncipe e muda toda a realidade, fica moderna e acaba apaixonada pelo computador. O livro foi escrito por Sylvia Orthof, uma das escritoras mais irreverentes, engraçadas e inventativas da literatura para crianças no Brasil. As ilustrações são de Gê Orthof, artista e professor do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. A obra apresenta imagens coloridas, que capturam a imaginação das crianças e complementam a narrativa; é de porte pequeno, com os desenhos em conformidade com a escrita. A linguagem é acessível, de fácil compreensão para crianças, com idade entre cinco a onze anos.

A guerra dos gatos contra a bruxa da rua (2001) é um livro infantil escrito por Heloísa Prieto, escritora, pesquisadora e tradutora brasileira, com ilustrações de Vivian Suppa, colorista e escritora de livros infantis que combina elementos de aventura, humor e fantasia. A trama gira em torno de uma bruxa que se muda para uma rua tranquila e começa a causar confusão e desordem. Os gatos sentem-se ameaçados pela bruxa. A garotinha Sofia, com a ajuda de sua

gata Mimi e da sua amiga e vizinha Dona Carole, mostram para dona Eulália, a bruxa da rua, que gatos são amigos e bons companheiros. Assim, Dona Eulália obteve uma transformação, hoje vive com seus amigos gatos e muitas crianças, trabalha como pintora de quadros e diz estar melhor assim com suas melhores companhias.

O livro é ricamente ilustrado, com desenhos vibrantes, as ilustrações são expressivas e ajudam a trazer os personagens e os cenários à vida, tornando a leitura mais envolvente. As páginas de tamanho médio facilitam a leitura, com uma paleta de cores vivas e alegres, que capturam a essência da aventura e da fantasia. As cores ajudam a estabelecer o clima da história, alternando entre tons vibrantes durante as cenas de ação e cores mais suaves em momentos de reflexão. O texto escrito em uma linguagem simples e direta, adequada para o público infantil, com idade entre nove a doze anos, aborda temas como superação do medo, a importância da amizade e da colaboração.

Outra história é *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, de Arden Druce (2002). Uma garota pede que toda sorte de seres assustadores compareça à sua festa. E lá vão: bruxa, gato, espantalho, coruja, árvore, duende, dragão, pirata, tubarão, cobra, unicórnio, fantasma, babuíno, lobo, Chapeuzinho Vermelho e as crianças. Escrito por Arden Druce, escritora, professora e bibliotecária e defensora dos animais, ilustrado por Pat Ludlowe traduzido por Gilda de Aquino, que nasceu no Rio de Janeiro. Formada em Letras, traduziu mais de 200 livros da Editora Brinquebook. A história gira em torno de uma jovem que convida uma bruxa para sua festa. À medida que ela faz o convite, outros personagens também são mencionados. Cada convite é feito em um tom divertido e alegre, destacando a expectativa da festa e a natureza amigável da bruxa. O enredo leve e divertido e a repetição dos convites criam um ritmo envolvente que mantém as crianças interessadas. O livro de tamanho médio, fácil de manusear, com páginas coloridas, apresenta ilustrações que refletem o espírito festivo da história. A escrita é adequada para leitores iniciantes com idade entre dois a cinco anos, a repetição de frases e o ritmo da leitura tornam o livro ideal para ser lido em voz alta, promovendo a participação das crianças. O tema central da história é a amizade e a ideia de que figuras assustadoras podem ser amigáveis e divertidas.

Por sua vez, no livro *A vassoura mágica e a fada encantada*, de Nádía Aguiar (2009), conta a história de uma fada e de uma vassoura; ambas tinham o sonho de voar. Para realizar seu desejo, a fada deveria transformar-se em bruxa. Assim, a fada decidiu viver voando com sua amiga, colocou botas, vestido, chapéu e agora é uma bruxinha. A narrativa, ilustrada por Eurico Bivar, traz gravuras que encantam com o colorido e com a magia que vai ao encontro do

texto escrito. A bruxa e seus símbolos mágicos bem destacados despertam o prazer em ler a história. Nádia Aguiar nasceu em Fortaleza, professora, contadora de histórias, e apaixonada pelo teatro. Eurico Bivar, artista plástico cearense, tem mais de trinta anos nas trilhas dos traços e das cores. A história é direcionada para o público infantil, mas encanta os adultos com suas magias e travessuras.

No livro *Nem isso, nem aquilo*, de autoria de Nye Ribeiro (2006), narra-se a história de uma bruxa com cara de fada, que se chamava Bruxolinda e não sabe direito se é fada ou bruxa, nem mesmo se prefere ser fada ou bruxa. No caminho, ela encontra Fortunato, um bem-te-vi curioso, que se aproxima da personagem e acaba ajudando-a na decisão quando faz a fada bruxa praticar boas ações. Este é um livro de autoria de Nye Ribeiro, professora, escritora de Minas Gerais, foi na sala de aula que iniciou suas escritas para motivar crianças. A narrativa infantil é ilustrada por Ana Terra, que também é escritora e suas ilustrações participam de exposições dentro e fora do Brasil. As ilustrações são ricas em cores, a obra é uma exploração lúdica da natureza e dos animais, aborda temas como escolhas e a auto aceitação, refletindo sobre as incertezas que as crianças enfrentam ao tentar se definir e se encaixar em situações e ambientes. O livro se apresenta de tamanho médio, fácil manuseio, o design é amigável, com páginas que incentivam a exploração visual. A escrita é adequada para leitores iniciantes, de forma a ser facilmente compreendida, permitindo a conexão com a história e suas próprias experiências.

As bruxas carregam consigo uma série de simbolismos. Para compreendermos profundamente o papel que elas desempenham nas narrativas, é fundamental observar suas características físicas. A aparência das bruxas, ligada à imagem arquetípica, possui um impacto significativo na forma como as crianças as percebem e, por extensão, na maneira como compreendem a complexidade do mundo ao seu redor. Ela constitui um símbolo.

O pensamento simbólico não é domínio exclusivo da criança, do poeta ou do desequilibrado: ele é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade — os mais profundos — que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiquê; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser (Eliade, 1952, p. 13).

Nesse cenário, a personagem bruxa é seguidamente marcada por elementos simbólicos, roupas escuras que fluem em contrariedade à luz e ao brilho das vestes das heroínas, a vassoura que simboliza a capacidade de transcendência e deslocamento e características físicas, como cabelos desgrenhados instigando curiosidade e medo. Essas características não definem a bruxa

apenas como vilã nas histórias, mas também como a marca da resistência e empoderamento, destacando a luta da mulher contra um mundo que muito a marginaliza. Essa jornada de autodescoberta nas narrativas e de afirmação de sua própria identidade, a personagem bruxa tem enfrentado.

É pela busca da própria identidade que aparecem, nas narrativas, os arquétipos da velha [...], personificados por personagens que estavam cotidianamente ligados aos livros, o que detona o conhecimento como arma para a evolução psíquica das mulheres [...]. Os livros, do modo como são trazidos nas narrativas, representam o oposto da “ignorância” psíquica, isto é, do ego afastado do *self*. Entretanto, a sabedoria também se dá quando os personagens passam a ter contato com os conteúdos da ancestralidade. A sabedoria das Velhas e dos Velhos sábios dizem respeito ao retorno à Grande Mãe e aproximam, ainda mais, as mulheres do arquétipo da bruxa (Silva, 2021, p. 137).

As personagens enfrentam pressões externas, que muitas vezes tentam moldar sua identidade. O conflito entre o que é esperado delas e o que realmente desejam ser se torna um motor poderoso para as narrativas. Essa luta interna é uma representação das dificuldades que muitas pessoas enfrentam ao tentar se afirmar em um espaço que muitas vezes discrimina suas individualidades.

A representação física das bruxas variou enormemente entre culturas e períodos históricos. Em algumas tradições, a bruxa é uma mulher sábia, conhecedora de ervas e remédios.

Entretanto, uma curandeira mais típica foi Gostanza, uma mulher julgada por bruxaria em San Miniato, uma pequena cidade da Toscana, em 1594. Depois de ficar viúva, Gostanza havia se estabelecido como curandeira profissional, logo tornando-se bem conhecida na região pelos seus remédios terapêuticos e exorcismos. Morava com sua sobrinha e duas mulheres mais velhas, também viúvas. Uma vizinha, que também era viúva, fornecia-lhe especiarias para os medicamentos. Recebia os clientes em casa, mas também viajava quando fosse necessário, a fim de “marcar” um animal, visitar um enfermo, ajudar as pessoas a se vingar ou se liberar dos efeitos de encantamentos médicos (Cardini, 1989, p. 51-8). Suas ferramentas eram óleos naturais e pós, bem como artefatos aptos a curar e proteger por “simpatia” ou “contato”. Não lhe interessava inspirar medo à comunidade, já que a prática dessas artes era sua forma de ganhar a vida. Ela era, de fato, muito popular, todos a procuravam para serem curados, para que lhes lesse o futuro, para encontrar objetos perdidos ou para comprar poções de amor. Mesmo assim, ela não escapou da perseguição (Federici, 2017, p. 363).

A história das mulheres curandeiras é marcada por suas contribuições à medicina tradicional e pelo cuidado com pessoas e animais de muitas comunidades. Em diversas sociedades, essas mulheres eram respeitadas e reconhecidas como portadoras de conhecimento sobre ervas, práticas de cura e rituais. Com o passar do tempo passaram a ser vistas com desconfiança, e assim seguiu a saga, perseguição a essas curandeiras, acusadas de bruxarias.

Em outras culturas, ela é uma criatura aterrorizante e maligna. Através dessa pluralidade, as narrativas infantis nos convidam a refletir sobre o que é considerado belo e feio, permitindo

que as crianças desenvolvam uma conscientização crítica acerca da aparência e dos estigmas sociais.

Ao observar como a bruxa é revestida de uma aura mística, a qual atrai o interesse das crianças, entende-se que essa representação é essencial para a formação de uma visão de um mundo mais abrangente. Esse contraste é poderoso, as bruxas podem provocar uma reflexão sobre a dualidade presentes nas relações humanas e na sociedade, instigando debates sobre moralidade e escolha entre o bem e o mal.

Assim, compreender o aspecto físico da bruxa não é apenas uma questão de olhar superficial. Essa investigação nos permite mergulhar profundamente nas questões que a literatura infantil nos propõe, desafiando as percepções e conceitos que permeiam a imaginação infantil. Ao abordarmos esses aspectos, somos levados a questionar não apenas os estereótipos, mas também o papel que a literatura desempenha na formação da identidade e na construção de valores morais nas novas gerações. A figura da bruxa, desvelada em sua complexidade, nos guia por uma jornada de autodescoberta e reflexão, um verdadeiro convite à magia que reside na leitura e na interpretação dos mundos narrativos.

Ao adentrar no mundo da bruxa, percebemos que ela representa uma variedade de significados e simbolismos e muitas vezes a personagem tem sido explorada em diversas culturas ao longo da história de maneira estereotipada. Os aspectos físicos da bruxa não são meramente superficiais, eles carregam significados profundos e simbólicos. As relações sociais da bruxa podem ser analisadas através de diversos símbolos, que ajudam a entender como a bruxa se relaciona com o mundo. A personalidade da bruxa e seus poderes mágicos podem ser expressos e compreendidos através dos diversos símbolos, ou seja, cada personagem se apresenta com suas individualidades conforme sua cultura. As relações sociais da bruxa, expressas através dos símbolos, não apenas definem sua identidade, mas também moldam suas ações e interações no mundo. Aqui está uma análise do arquétipo da bruxa em termos de: aspectos físicos da bruxa; relações sociais da bruxa; a personalidade da bruxa e seus poderes mágicos; a bruxa como repertório de valores morais. Desse modo, vamos olhar para isso a partir do imaginário.

4.1 ASPECTOS FÍSICOS DA BRUXA

A figura da bruxa, com seu aspecto físico característico, é uma representação que está presente em muitas culturas. As bruxas, nos livros infantis, são visualizadas com cabelos

longos, vestes de cor escura e carregadas de símbolos mágicos. Agora veremos os aspectos da bruxa nas narrativas infantis analisadas.

Em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, a personagem Uxa é retratada como uma figura misteriosa que transita entre os universos da fada e da bruxa, revelando nuances e dualidades em sua personalidade e aparência. Diante de alguns traços encantadores, como fada, Uxa pode ser descrita com tons físicos delicados, como olhos brilhantes, cabelos longos e sedosos, pele luminosa e um ar de magia e mistério que envolve sua presença.

O uso de sapatos de cristais pelas personagens tem um valor simbólico, pois as histórias de fada trazem esse objeto; já a bruxa não apresenta estas características, como andar de sapatinhos e, durante essa transição, ela abandona os sapatos e segue seu caminho.

Uxa leva um susto e sai correndo. Larga os dois sapatos de cristal, que já estavam doendo (quer dizer: os pés é que doíam, os sapatos apertavam). E Uxa corre, com medo de virar princesa e ter que ser feliz pra sempre, credo, e vira bruxa, num de repente (Orthof, 1997, p. 24).

A figura da fada com sapatos de cristais é associada à história da princesa Cinderela, o sapatinho de cristal usado por Uxa aproxima a bruxa de uma princesa, que conecta o mundo mágico ao cotidiano, revelando uma relação intrigante entre as personagens.

O sapato de Cinderela, na sua primeira versão, que remonta o Elieno, orador e narrador romano do século III, confirma essa identificação do sapato com a pessoa. Quando uma cortesã, Rodopis, tomava banho, uma águia roubou-lhe a sandália e levou-a ao faraó. Este, impressionado com a delicadeza do pé, fez com que procurassem a jovem por todo lugar; ela foi encontrada e ele a desposou. Da mesma forma, o sapato que Cinderela abandonou no palácio do príncipe, quando fugiu, à meia-noite, se identificava com a moça. Grande foi a surpresa quando Cinderela tirou do bolso o sinal de reconhecimento, a prova irrefutável, *o outro sapatinho, que colocou no pé*: a prova da identidade da pessoa. O príncipe apático, desde o seu desaparecimento tendo-a enfim reencontrado, casa-se com ela por sua beleza, apesar de sua pobreza e dos seus farrapos (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 802).

A relação do sapato da Cinderela com a figura da bruxa, especialmente a bruxa de “Uxa” que transita entre os papéis de fada e bruxa, evoca uma relação traumática da sensualidade. O fato dela usar sapato de cristal, a identifica com Cinderela. O sapato de cristal da Cinderela como símbolo de autonomia pode ser um objeto de desejo que representa a busca pela aceitação, simboliza a transformação que conecta Cinderela ao príncipe, o ato de calçar o sapato é um momento de autoafirmação, no qual Cinderela reivindica seu direito ao amor e à felicidade, e ao retirá-lo de seus pés devido o desconforto, enuncia a renúncia, ou seja, o desgosto e o sofrimento. A bruxa de Uxa representa a aceitação da sexualidade como uma parte natural da

identidade feminina. Ela desafia o leitor ao interagir com a narrativa e mostra quem ela é ao usar o sapatinho, representando a magia e a sensualidade que pode ser uma fonte de poder e autoconhecimento.

A bruxa pode simbolizar mudança e crescimento pessoal. Em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, essa narrativa de transformação é uma poderosa metáfora para o desenvolvimento e a aceitação de si mesmo. Nesse conto infantil, a bruxa usa vestido de cetim e chapéu de bruxa. Veremos o que o chapéu apresenta em nossa cultura: “Representa poder, autoridade, respeito e valor. A depender do formato pode ter outros significados com a conclusão de curso, formatura, certificação etc” (Fausto, 2018, p. 44). Mas o chapéu da bruxa tem outro significado: pontudo e característico da bruxa, visto como um símbolo de poder, sabedoria e autoridade, bem como um emblema de conexão da bruxa com o sobrenatural e o oculto. Conforme Chevalier e Gheerbrant (2001), o chapéu é visto como símbolo religioso e de autoridade.

O mestre, na assembleia maçônica, jamais tira o chapéu: ele participa dos trabalhos com a **cabeça coberta**, como *senal de suas prerrogativas e de sua superioridade* [...]. Quer esse costume seja ou não mantido por razões práticas, isso em nada afeta o simbolismo do chapéu parece corresponder ao da coroa*, signo do poder, da soberania, sobretudo quando se tratava, antigamente, de um tricórnio. Julgou-se que o uso do chapéu podia significar o fim da função dos cabelos como instrumento receptor da influência celeste, e que, assim sendo, houvesse sido atingido o objetivo último da busca iniciática. No entanto, a consecução desse objetivo não interrompe – muito pelo contrário – a *função mediadora*; as pontas do chapéu ou as pontas da coroa são concebidas, assim como os cabelos, à imagem de *raios de luz* [...]. O chapéu em sua qualidade de peça que cobre a cabeça do chefe (*fr. couvre-chefe* = “*chapéu*”, trad. Literal: *cobre-cabeça*), simboliza também a cabeça e o pensamento. E, ainda, símbolo de **identificação**; como tal, assume toda a sua relevância no romance de Meyrink, *O Golem*: o herói tem os pensamentos e empreende os projetos da pessoa cujo chapéu está usando. Mudar de chapéu é mudar de ideias, ter uma outra visão do mundo (*Jung*). “Usar o chapéu” significa, em francês coloquial (*porter le chapeau*), assumir uma responsabilidade, mesmo por uma ação que não se tenha cometido (Chevalier& Gheerbrant, 2001 p. 232).

A figura da bruxa e da fada, representadas na história infantil, simboliza o oposto em muitas culturas. O uso do chapéu pela bruxa, que geralmente é pontudo e escuro, representa poder, mistério e a sabedoria oculta. Por outro lado, o sapato de Cinderela é um símbolo de pureza, transformação e esperança. Essa relação de oposição entre o chapéu da bruxa e o sapato de Cinderela pode ser vista como a dualidade entre o bem e o mal. Enquanto o chapéu da bruxa pode evocar medo e desconfiança, o sapato de Cinderela é um símbolo de amor e realização. Essa dualidade é importante na narrativa, na qual a personagem precisou confrontar suas sombras e encontrar a luz em meio à escuridão.

O chapéu é um acessório que transcende culturas e períodos históricos, carregando significados simbólicos variados que refletem status social, identidade, crenças e tradições. Em diversas culturas, o chapéu é mais do que um simples item do vestuário, ele é um símbolo que comunica mensagens profundas.

Outro símbolo importante ligado à bruxa é a abóbora, associada à colheita e à abundância. Durante festividades como o Halloween, a abóbora é um símbolo de gratidão e celebração. No conto infantil, Uxa faz suas travessuras e transformações. “E Uxa continua a passear sua fadice. Angelical, transforma, com a varinha de condão, um táxi em abóbora. O motorista fica danado e diz: - O que que é isso? – Isso? Se não for abóbora, quem sabe, pode ser chouriço?” (Orthof, 1997, p. 12).

A abóbora representa o ciclo da vida e da morte, sendo também um alimento que nutre e sustenta. Como símbolo e parte integrante da bruxa na cultura popular e na literatura infantil, enriquece as narrativas e fascina com suas transformações. A abóbora é o principal símbolo do Halloween em todo o mundo. As pessoas tiram o recheio da abóbora e desenham um rosto assustador em sua superfície. Dentro, colocam velas para afastar os espíritos. Esse é um dos símbolos. “A abóbora, em razão das suas inúmeras sementes, é, como a cidra, a laranja, a melancia, um símbolo de abundância e fecundidade. [...] Fonte da vida, a abóbora é também o símbolo da regeneração” (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 6).

Os símbolos desempenham funções e atendem a necessidades diversas, culturalmente. Servem como uma comunicação que transcende as palavras, eles podem transmitir ideias, emoções e conceitos impactantes.

A abóbora, muitas vezes associada à festividade e a celebrações, carrega consigo significados profundos que vão além de seu valor nutricional. Simbolicamente, a abóbora pode ser vista como uma ponte entre o mundo material e o espiritual, representando tanto a abundância da terra quanto a conexão com práticas e crenças espirituais.

Compreende-se então por que as sementes de abóbora são consumidas, como alimento de imortalidade no equinócio de primavera, que é a época de renovação, no início da preeminência do Yang. E por que as cabaças são postas no alto dos pavilhões de entrada das lojas da sociedade secretas; sinal de regeneração espiritual, de acesso à morada da imortalidade (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 6).

No contexto do Halloween, a abóbora está profundamente enraizada em tradições folclóricas e simbolismos; a abóbora esculpida em lanternas, representa a luz que afasta os espíritos malignos e ilumina o caminho. Assim, a abóbora e a bruxa se entrelaçam em um

simbolismo de busca e compreensão de si mesmo e do mundo. A abóbora, como símbolo da terra, de abundância e da importância de estar em sintonia com os ciclos, também é usada em suas diferentes formas, culinária e decoração. Assim como a bruxa Uxa, guardiã desse conhecimento, representa a conexão com a terra, com a colheita e com seus elementos naturais, de mudanças e adaptações, capaz de transitar entre mundos e estados de ser.

A abóbora esculpida e acesa representa também a ideia de iluminar o desconhecido e afastar as forças sombrias, isso se alinha com a bruxa que, ao mesmo tempo em que pode ser vista como uma figura do oculto, também possui capacidade de trazer luz, esclarecendo mistérios para uma nova compreensão de si mesma e do mundo.

Assim, a abóbora se apresenta como um símbolo, conectando a materialidade da vida com as dimensões espirituais. Na literatura infantil, a fada usa a abóbora como meio de transporte, em muitas histórias transforma-a em carruagem: “Num estilo mais picaresco, nos estúdios de Disney, a fada-madrinha de Cinderela entoa ‘Bibbity bobbity-boo!’, e abóboras viram carruagens e camundongos, cocheiros” (Estés, 1994, p. 44).

A presença de abóboras em contos de fadas, especialmente na história de Cinderela, é um elemento mágico que carrega significados importantes, pois na história de Uxa, ela aproxima-se de uma cinderela, usa sapatinhos, faz as magias; isso quer dizer que a fada de *Uxa ora fada, ora bruxa* pode também ser ou ter semelhanças com a fada madrinha do conto Cinderela.

Quando a fada assume sua faceta de bruxa, Uxa pode adquirir aspectos físicos mais sombrios e enigmáticos, como uma expressão mais severa, vestes escuras, unhas compridas e afiadas, e um olhar penetrante que faz conexão com o mundo das sombras e da feitiçaria.

A associação da bruxa com as roupas escuras e sua preferência pela noite está ligada ao mistério e ao oculto, representando simbolicamente o desconhecido, reforçando a figura da bruxa que opera nas sombras e nos recessos da magia. “O eufemismo que as cores noturnas constituem em relação às trevas parece que a melodia o constitui em relação ao ruído. Do mesmo modo que a cor é uma espécie de noite dissolvida e a tinta uma substância em solução” (Durand, 2012, p. 224).

O uso de roupas escuras pela bruxa Uxa pode simbolizar mistério e poder, as cores noturnas podem simbolizar um refúgio ou um espaço seguro, onde a bruxa Uxa pode apresentar sua verdadeira natureza sem a pressão do julgamento social.

Essa imagem da bruxa é uma celebração da individualidade, da resistência e da magia que reside nas sombras, desafiando as convenções sociais e celebrando a transformação e a

sabedoria. A dualidade entre fada e bruxa pode se manifestar visualmente na figura de Uxa, apresentado contrastes marcantes entre uma aparência mais sombria, enigmática e terrena. Essa dualidade ressalta a complexidade e a profundidade de sua natureza: “Uf, que alívio é virar bruxa! Uxa muda de vestido, coloca outro, bem folgado, pois Uxa já correu tanto, parece que criou asa, e já está mudando de roupa em sua casa” (Orthof, 2014, p. 25). Fada ou bruxa, Uxa pode exibir elementos mágicos em sua aparência física, como brilhos, aura de luz ou sombras que emanam de sua figura. Esses elementos visuais ressaltam sua ligação com o mundo sobrenatural e o domínio sobre forças ocultas.

Outra história infantil que representa elementos ocultos e características semelhantes de transformações é a *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*. Os aspectos físicos da bruxa podem ser descritos de acordo com a imaginação da autora, seus trajes envelhecidos, como manto na cabeça e óculos escuros. Essas roupas podem transmitir uma aura de mistério e magia associada à figura da bruxa. Seus olhos podem ser descritos como profundos e penetrantes, com poder de hipnotizar e intimidar aqueles que a encaram, sendo capaz de refletir uma sabedoria ancestral e um poder mágico. Os cabelos da bruxa podem ser descritos como longos, desalinhados e grisalhos, sugerindo uma conexão com a natureza e com o tempo.

Um dos traços mais significativos da literatura envolvendo bruxas é a habilidade delas ensinarem valores através de suas interações com outros personagens, como a bruxa Eulália, de *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua (2001)*. Em algumas interpretações, promovem a amizade e a lealdade. Ela representa a ideia de que, apesar da adversidade, a bondade sempre encontrará um caminho. Tão temida por seus vizinhos, com sua resistência de boa vizinhança, no decorrer das interações com os personagens, ela percebeu que a amizade e o respeito são valores muito importante para manter boas relações. “Quando dona Eulália acabou de fazer a promessa [quero todos os gatos na minha casa], dona Carole foi até o jardim e trouxe para a sala duas grandes caixas. Abriu-as e simplesmente retirou delas seus gatos (Prieto, 2001, p. 45).

Nesse conto infantil, a bruxa possui características bem peculiares antes de sua transformação, a pele pode ser descrita como pálida e enrugada, mostrando os sinais do tempo e da vivência. Suas rugas podem ser profundas e marcadas, revelando uma vida de experiências e conhecimentos acumulados. A bruxa da rua pode carregar acessórios místicos e amuletos em seu corpo, como colares de pedras preciosas; alguns podem representar seu poder e sua conexão com o mundo sobrenatural. A imagem da bruxa pode envolver diversos elementos que variam conforme a cultura e a representação. “Ter imaginação é gozar de uma riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens” (Eliade, 1979, p. 20). Isso pode variar bastante,

dependendo do contexto, seja em histórias infantis, lendas folclóricas ou representações modernas, mas, em geral, a figura da bruxa evoca um senso de mistério, poder e conexão com o oculto. “As características atribuídas a um demônio também podiam ser atribuídas a uma bruxa. Por exemplo, a devoradora megera Lilitu era um espírito, mas suas características foram transferidas na Idade Média para a bruxa diabólica” (Russel, 2019, p. 9).

A bruxa era tão má que eram atribuídas a ela características diabólicas; sua maldade era tanta com os animais, em especial gatos, seus vizinhos a repugnavam seu comportamento. Esses fatores ajudam a entender por que as bruxas são associadas à personificação do mal e retratadas como figuras malignas.

Após sua transformação, Dona Eulália apresenta um carinho especial pelos gatos. Agora compreendo a semelhança das bruxas nas outras narrativas infantis mencionadas, relacionando com a Dona Eulália. A fada Uxa se transforma em bruxa, Bruxolinda era bruxa com traços de fada e a fada de *A vassoura mágica e fada encantada* se transforma em bruxa para voar com a vassoura e, enfim, Dona Eulália tem essa conversão em vizinha amigável dos gatos, mantendo uma boa relação de respeito com todos, em especial com os animais.

Outra história infantil com a presença da personagem é *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, descrita com características marcantes e elementos típicos do imaginário popular sobre a bruxa, usando um chapéu pontiagudo e cônico, decorado com estrelas e luas, reforçando sempre o sobrenatural. Ela tem um nariz adunco, curvo e com verruga, conferindo-lhe um ar de mistério e malícia. Nessa narrativa, os convidados são os animais, constantemente vistos como símbolo de amizade e lealdade. Cada animal tem suas próprias características e personalidades.

Os animais são seres que possuem consciência em processo de evolução, assim como os demais seres. Muitos animais têm órgãos sensoriais (audição, visão, olfato e percepção etc.) superiores aos humanos. Como também habilidades emocionais elevadas como: coragem, determinação, alegria, resiliência, paciência entre outras que os humanos a ignoram ou não entendem (Fausto, 2018, p. 21).

A narrativa lúdica e mágica faz essa interação dos animais com a bruxa, cada um pode simbolizar diferentes aspectos da festa e a bruxa pode interagir com esses elementos, como lealdade, amizade, liberdade. Essa combinação de animais como símbolos e a presença de uma bruxa em uma festa de aniversário cria uma narrativa encantadora, pois foram convidados muitos animais, dentre eles, o gato, símbolo presente nas histórias de bruxa. “Gato. Simboliza independência, intuição, magia, visão noturna, autoestima, fecundidade e beleza. O gato é um

animal que combina um alto grau de sensualidade e possui uma natureza mística em diversas civilizações antigas” (Fausto, 2018, p. 25).

Na cultura popular, o gato muitas vezes é associado à bruxaria e à magia. Historicamente, o gato preto era visto como companheiro da bruxa. Em *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, a personagem menciona que iria à festa se o gato fosse, isso justifica que a personagem pode ser uma bruxa, pois elas gostam de gato; já em *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, dona Eulália convive com muitos gatos, isso aproxima a personagem do arquétipo bruxa.

No conto *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, percebemos a presença da magia e muitos símbolos ligados à personagem bruxa. Observando a bruxa nesta festa de aniversário com os animais, nós analisamos no conto: “Branca de Neve”. Essa personagem foge, vai para a floresta e convive com os sete anões e os animais, ela se sente acolhida e eles festejam e comemoram sua chegada. Essa festa da personagem bruxa, de *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, a qual é convidada para festejar com os animais, faz uma relação com a “Branca de neve”, traz uma aproximação, e assim conseguimos compreender o convívio e aceitação da bruxa na festa, pois ela é convidada e comemora juntamente com outros personagens. Esse momento de aceitação é celebrado com muita alegria.

Através de uma dimensão fundamental da condição humana, a imaginação, os indivíduos podem observar realidades que vão além do que é imediatamente acessível, permitindo a construção de significados. Nas narrativas infantis analisadas, a personagem bruxa traz essa oportunidade de imaginarmos suas transformações e magias: quando a fada Uxa se transforma em bruxa, quando dona Eulália aprende a conviver com os gatos e mantém a boa vizinhança, quando a bruxa voa com sua amiga vassoura, voam amigavelmente e, finalmente, quando a bruxa vai à festa e interage com os animais sem lhes causar terror.

As vestimentas da bruxa apresentam cores escuras e são volumosas, como um manto preto ou uma capa sombria, com adornos bordados e franjas. O sapato é pontudo e engraçado, ou botas desgastadas e surradas, indicando mistério. A bruxa segura a varinha mágica, um instrumento essencial para conjurar feitiços e realizar encantamentos. A expressão facial da personagem pode variar entre travessa e sorridente, um senso de humor ou uma atitude acolhedora. Seu rosto marcado por rugas ou por sorriso enigmático, revela sua personalidade única e cativante. Como definir uma bruxa? Envolve considerar uma série de aspectos que abrangem tanto sua representação cultural quanto suas características simbólicas e suas práticas.

Um grupo (o COG – Covenant of the Goddess) de bruxaria dos Estados Unidos, após estudos, declarou:

Não pudemos definir o que é uma Bruxa em simples palavras. Isto porque existem inúmeras diferenças. Nossa realidade é intuitiva. Simplesmente sentimos quando encontramos alguém que adora da mesma forma que nós, que segue a mesma religião. Esta é nossa realidade e isto tem de ser compreendido de algum modo, com relação a tudo o que fazemos (Russell, 2019, p. 207).

Ao adentrar no mundo misterioso da bruxa, percebem-se as inúmeras formas de sentir a presença da personagem, pois possui a essência ligada à religião, à natureza, aos mistérios ocultos, traz consigo segredos e desperta a curiosidade e reverência de quem a busca.

Nas narrativas analisadas, a bruxa se apresenta como fada; em alguns momentos se transforma em bruxa com característica de fada, de cinderela, enfim, é preciso olhar para todos os símbolos que a bruxa representa culturalmente.

A representação física da bruxa pode variar dependendo da adaptação ou da interpretação, mas, geralmente, as bruxas em histórias infantis são retratadas com alguns aspectos comuns, como o vestuário: muitas vezes, a bruxa é retratada usando roupas escuras, com detalhes místicos ou elementos que sugerem sua conexão com a magia. O chapéu é um dos elementos que simboliza a figura tradicional da bruxa, que também costumam ter cabelos longos e soltos. Esses aspectos físicos são representações estilizadas que ajudam a construir a imagem da bruxa dentro do enredo e a diferenciar seu papel na narrativa em relação a outros personagens, como a fada encantada, que pode ter uma aparência mais etérea e luminosa, com roupas mais claras e detalhes que refletem sua natureza mágica e benevolente.

Já em *A vassoura mágica e a fada encantada*, a fada tem um sonho de voar e ter liberdade com sua amiga vassoura. A fada, então, transforma-se em bruxa, com visual típico, com suas magias, mas é do bem, juntamente com sua amiga vassoura, um ser inanimado. A personagem bruxa se tornou uma figura empoderada e inclusiva, representando as mulheres. Nesta mesma história infantil Uxa era muito sozinha, em um dia atípico encontrou uma amiga a vassoura. “ De repente, viu aquela vassoura diferente, colorida, enfeitada, mas tristonha e abandonada[...]” (Aguiar, 2009, p. 8).

A vassoura, um dos símbolos associados à figura da bruxa, carrega uma rica gama de significados, que se estendem por diferentes culturas e histórias.

Vassoura. Humilde utensílio doméstico na aparência, em por isso a vassoura é menos signo e símbolo de poder sagrado. Nos templos e santuários antigos, a varredura é um serviço de culto. Trata-se de eliminar do chão todos os elementos que do exterior vieram sujá-lo, e essa tarefa só pode ser realizada por mão puras. []. Mas, se vassoura inverte seu papel protetor, torna-se instrumento de malefício, e montadas em cabos de vassoura é que as feiticeiras de todos os países saem pelas chaminés e vão para o Sabá. Símbolo fálico, talvez, mas também e sobretudo símbolos de forças que a vassoura deveria ter vencido, mas que dela se apoderam e pelas quais ela se deixa levar (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 932).

Ferramenta de magia e poder, a vassoura é associada à bruxa em muitas narrativas. Em *A vassoura mágica e a fada encantada*, a personagem a utiliza para voar, simbolizando a liberdade e a transcendência dos limites físicos. Essa capacidade de voar representa não apenas a habilidade mágica, mas também a ideia de escapar das restrições impostas pela sociedade. Outro símbolo importante presente nas narrativas é a varinha de condão.

Vara (mágica, ou de condão). Como o bastão, a vara é símbolo de poder e de clarividência, seja de um poder ou de uma clarividência, vindo de Deus, seja de um poder ou de uma clarividência mágicos, subtraídos às forças celestes ou de recebidos do demônio: a vara do mágico, da feiticeira, da fada (de condão). Sem uma vara encantatória, o adivinho não pode traçar o círculo no chão dentro do qual se encerra, a fim de evocar os espíritos; ou no céu, traçar o quadrado dentro do qual estarão contidos os pássaros, cujo o voo interpretará (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 930).

Os símbolos associados às bruxas são ricos e variados, refletindo a complexidade e a diversidade das tradições de bruxaria. Em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, a bruxinha faz suas magias e suas transformações com sua varinha. Algumas bruxas, acompanhadas de suas varinhas, representam poder, outras mantêm conexão com a natureza pela busca de conhecimento com suas ervas naturais. Através desses símbolos, a figura da bruxa evolui de uma imagem para uma representação menos assustadora.

A bruxa da narrativa *Nem isso, nem aquilo* é uma personagem que não se encaixa nos estereótipos tradicionais de maléfica. A abordagem da autora proporciona uma visão única e sensível, que é descrita de forma divertida, transcendendo a representação tradicional. O traje representado na narrativa entra em contraste com imagem sombria, com as roupas coloridas de fada, mas conecta a bruxa com o mundo sobrenatural. A bruxa Linda de *Nem isso, nem aquilo* possui um olhar perspicaz e sereno, que revela sabedoria, compreensão e um profundo conhecimento do universo, transmitindo uma aura de mistério e magia, que atrai e intriga aqueles ao seu redor. Ela possui a pele suave, iluminada e radiante, refletindo sua essência serena, emanando uma luz interna que irradia bondade e compreensão. “Com o tempo, Linda se tornou uma menina como as outras. E foi descobrindo seus novos poderes: o do amor, da

coragem, da alegria, da verdade, da amizade.... Concentrava-se e treinava todos os dias para poder usá-los, quando precisasse” (Ribeiro, 2006, p. 21).

Observam-se, através da literatura, os elementos que se manifestam para criar novas interpretações simbólicas. Eliade (1979) observa que muitos mitos e símbolos que circulam pelo mundo não são criações espontâneas de sociedades arcaicas, mas sim produções culturais elaboradas por determinados grupos. Essas criações simbólicas foram disseminadas para além de seus contextos de origem e incorporadas por outros povos que, de outra forma, não teriam acesso a elas.

Assim, conforme análise, percebemos que o arquétipo da bruxa evidencia nas histórias muitas imagens sombrias e incorpora temas culturais de transformação.

4.2 RELAÇÕES SOCIAIS DA BRUXA

As bruxas são consideradas uma entidade, figuras proeminentes na mitologia e no folclore e, através da literatura infantil, são representadas como personagens imaginárias. Frequentemente, essas imagens caricaturais não apenas perpetuam uma visão negativa da figura da bruxa, mas também desafiam normas sociais.

Bruxas, afirmarão eles, são personagens imaginários, representados como velhas horrorosas, com verrugas no nariz, chapéus compridos e pretos em formato de cone, montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas, bastante parecidas com cacarejos (Russel, 2019, p. 36).

Por isso, refletiremos sobre como as percepções da bruxa são moldadas por um contexto cultural e histórico específico, revelando a dualidade intrínseca da figura que pode ser tanto vilã quanto heroína.

A figura da bruxa, pode ser percebida de maneira oposta. A personagem pode ser vista tanto como protagonista quanto vilã, dependendo do contexto e da narrativa. Segundo a perspectiva de Durand (2001), a ideia de que um elemento existe pelo outro é fundamental para entender essa dualidade.

[...] Na afetividade (Freud), como qualquer projeção imaginária, há uma convivência dos contrários, uma cumplicidade onde um elemento existe pelo outro. Segundo um título de Bachelard, todo “pluralismo” é “coerente”, e o próprio dualismo, ao tornarse consciente, transforma-se numa “dualidade” onde cada termo antagonista precisa do outro para existir e para se definir. É o que denominamos um ‘sistema’ (Durand, 2001, p. 83).

Essa dualidade não apenas enriquece as histórias em que a bruxa participa, mas também provoca reflexões sobre a moralidade, o papel da mulher na sociedade e as dualidades que carregamos dentro de nós. Temos a convicção de que precisamos do herói, ou de um personagem para contracenar com a bruxa, ou seja, um depende do outro para existir, isso demarca a dualidade do caráter da bruxa. Nas narrativas analisadas encontramos a oposição entre diferentes personagens, a fada depende da bruxa, a bruxa depende da vizinha e dos gatos para representar seu papel de vilã.

O estudo sobre a bruxa é atraente, essas personagens não são vistas apenas como malignas e feiticeiras, mas como representantes de resistência e transformação. O simbolismo associado à bruxa evolui, em muitas narrativas, ela é uma figura marginalizada, um reflexo dos receios sociais, enquanto em outras, ela emerge como uma sábia mentora, uma guardiã do conhecimento ancestral que guia as crianças em suas próprias jornadas.

Por meio da literatura infantil, percebemos a relação entre a bruxa e as outras personagens; essa dinâmica tem sido explorada em histórias variadas, desde os contos de fadas tradicionais até as narrativas contemporâneas.

Esses conceitos se entrelaçam na interatividade entre a bruxa e as crianças. Dependendo da narrativa, a bruxa pode ser uma amiga ou um obstáculo, exemplificando a luta contra a opressão ou a realização do potencial. Nessa tensão, reside a beleza da literatura, ela instiga o leitor a refletir sobre seu próprio papel na sociedade.

Em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof, as relações sociais da personagem bruxa são exploradas, evocando a dualidade de sua trajetória na história e o papel que desempenha no decorrer da narrativa; ela transita entre personagens, fada e bruxa, desafiando as convenções sociais em relação ao seu comportamento e caráter. “Aí, Uxa pega a vara de condão e grita: Abóbora, ó abóbora, tenha a agilidade de uma cabrita! A abóbora sai pulando, o motorista berrando e pulam por cima de um padre que ia dizer missa, saltam por baixo de um pé de alpinista, dobram pra direita, buzina: mé! mé!” (Orthof, 1997, p. 15). Nas suas intervenções sociais, a bruxa experimenta várias emoções, amizades, incertezas e conflitos, confrontando com outros personagens da narrativa. Ela cria um laço de dualidade fada/bruxa. Este cenário ambíguo e incerto convida os outros personagens e leitores a questionarem suas próprias preconceções.

Aí, Uxa pega a vara, aquela de condão, pisca uma lente dos seus óculos de coração e grita: - Abóbora, ó abóbora, tenha a agilidade de uma cabrita: - Abóbora sai pulando,

o motorista berrando e pulam por cima de um padre que ia dizer missa, saltam por baixo de um pé de alpinista, buzinam: mé! mé! (Orthof, 1997, p. 15).

As relações sociais da bruxa Uxa podem ser comparadas como uma metáfora social, demonstrando, através dos seres humanos com traços de personalidades e comportamentos, a diversidade de expressões e identidades de cada indivíduo. Isso só pode acontecer conforme nossa capacidade de imaginação, uma via de acesso para a compreensão da experiência humana, ou seja, a imaginação tem um poder de transcender as limitações da realidade imediata.

O que podemos afirmar, tendo como base o que abordamos até aqui, é que as imagens têm um valor em si mesmas e isso se dá principalmente pelo poder que elas possuem de transmitir informações que não podem ser produzidas em palavras. As imagens são ferramentas poderosíssimas de comunicação (Almeida, 2016, p. 152).

A imaginação é uma ferramenta vital na demonstração da personalidade, de analisar símbolos, criar mundos internos e refletir nossas emoções. Assim Uxa tem essa capacidade de imaginar e enriquecer sua trajetória na história, e este poder favorece a personagem a descobrir e expressar as múltiplas facetas de quem somos e como nos conectamos com o mundo à nossa volta.

Já em *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, narra-se a história de uma bruxa que causa problemas na vizinhança, levando os gatos a se unirem para combater os ratos.

Quando dona Eulália acabou de fazer a promessa [de não machucar os gatos], dona Carole foi até o jardim e trouxe para a sala duas grandes caixas. Abriu-as e simplesmente retirou delas seus gatos. Parecia desenho animado. Os gatos saltavam nos ratos, prendiam os bichinhos na boca e corriam levando-os para fora (Prieto, 2001, p.45).

Nas relações sociais da bruxa nessa narrativa, podemos observar várias dinâmicas que refletem questões mais amplas sobre poder, autoridade, cooperação e resolução de conflitos. A bruxa da rua representa uma figura de antagonismo e ameaça na comunidade dos gatos, causando problemas e perturbações com suas ações. Seu comportamento desafiador e malicioso cria um clima de conflito e confronto entre ela e os outros personagens, levando a uma guerra de interesse e valores opostos. A personagem é retratada como uma figura poderosa e autoritária, que exerce controle e influência sobre os acontecimentos na história; sua posição de poder desafia a ordem estabelecida e coloca os gatos em uma situação de desvantagens. “Dona Eulália parecia ter enlouquecido. Portas batendo, pratos se quebrando. Eu achei que ela estava

dando uma surra no marido. Seu Jonas era tão calmo, tão magrinho, fiquei com medo de que ele fosse parar no hospital” (Prieto, 2001, p. 38).

Diante da ameaça representada pela bruxa, os gatos são obrigados a deixar de lado suas diferenças e rivalidades para se unirem em prol de um objetivo comum. A cooperação e a solidariedade entre eles se tornam essenciais para enfrentar os desafios e superar as adversidades que surgem durante a narrativa. A presença da bruxa da rua desencadeia um processo de transformação e crescimento nos personagens, que são desafiados a superar seus medos, preconceitos e limitações para enfrentar a ameaça em comum. A experiência de lidar com a bruxa os leva a amadurecer, a desenvolver novas habilidades e a fortalecer os laços de amizade e colaboração entre eles.

Em suas interações com os heróis, são retratadas como antagonistas, desafiando os protagonistas a confrontar seus próprios medos e preconceitos. As histórias contemporâneas tendem a reimaginar essas relações. A bruxa não é apenas uma figura que deve ser derrotada, mas uma personificação da transformação necessária que ocorre ao longo da narrativa. Por exemplo, em *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, ela faz uma ressignificação da sua trajetória, a personagem evolui de hostilidade para uma transição que ensina sobre aceitação e crescimento pessoal.

Agora sou uma pintora. Preciso admitir que estou um tanto famosa. Vivo da venda de meus quadros, viajo pelo mundo para participar de exposições, mas, como Carole, nunca tive filhos. Tenho gatinhos. Uns quarenta mais ou menos. Eles são minha alegria e inspiração. E, de qualquer modo, minha casa vive cheia de crianças (Prieto, 2001, p. 47).

A história *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua* culmina em um processo de resolução de conflitos, no qual os personagens aprendem a importância da compreensão mútua, do perdão e da empatia na construção de relações sociais saudáveis e harmoniosas; a superação das diferenças e a busca por soluções pacíficas revelam a capacidade dos gatos de transcender as adversidades e construir um futuro melhor juntos.

O livro *Bruxa, Bruxa venha à minha festa* narra a história de uma bruxa que é convidada para uma festa, onde ela vai encontrando diversos animais no caminho, pois as relações sociais da bruxa com os personagens que encontra durante a narrativa aparentemente são saudáveis. “Gato, gato, por favor, venha à minha festa” (Druce, 2006, p. 6). À medida que a bruxa visualiza outros animais no caminho, enuncia o convite para a festa e vai estabelecendo relações de amizade com eles, mesmo sendo uma bruxa e possivelmente sendo temida inicialmente; ela

demonstra ser amigável e acolhedora, o que ajuda a criar laços positivos com os outros personagens.

A bruxa encontra os animais em seu percurso, que formam parcerias temporárias para superar obstáculos e desafios juntos. Essa colaboração mútua mostra a importância da união e da cooperação na resolução de problemas e na conquista de objetivos em comum. Ainda durante o encontro com os diferentes animais, a bruxa demonstra aceitação das diferenças e respeito pela individualidade de cada um. Estando eles ali em uma situação de convidados, automaticamente sentem-se inseridos ao grupo; a bruxa, ao interagir com os animais, demonstra empatia e compreensão em relação às necessidades e aos sentimentos dos outros personagens. Essa capacidade de se colocar no lugar do outro e de demonstrar preocupação e cuidado contribui para a construção de relações sociais saudáveis e positivas ao longo da história. A festa para a qual a bruxa e os animais se dirigem representa um espaço de celebração da diversidade e da convivência harmoniosa entre seres diferentes.

Mesmo sendo uma figura incomum e diferente dos demais, a bruxa é acolhida e integrada ao grupo, o que ressalta a importância da união e da inclusão nas relações sociais. Os demais animais apresentam uma reação positiva em relação à bruxa, uma espécie de abrandamento do negativo.

Em *A vassoura mágica e a fada encantada*, uma obra com uma temática envolvendo bruxas e fadas, podemos analisar possíveis dinâmicas de relações sociais entre esses personagens. No contraste entre o bem e o mal, bruxas e fadas são vistas como arquétipos opostos, representando forças antagônicas, como a escuridão e a luz, o mal e o bem. Essa dicotomia pode gerar conflitos e tensões, mas também oportunidades para a reconciliação e a compreensão mútua. “Mas, espera aí, alguém veio dizer que só quem voa em vassouras são as bruxas. Se ela quisesse continuar voando, com sua mais nova amiga, teria que virar uma ...uma BRUXA??!!” (Aguilar, 2009, p. 18).

Bruxas e fadas possuem habilidades mágicas e poderes especiais, cada uma com suas próprias características e propósitos; a interação entre essas diferentes formas de magia pode resultar em colaborações inesperadas ou competições por influência e poder. Geralmente as narrativas que envolvem essas personagens muitas vezes exploram temas como resolução de conflitos, perdão e amizade. Através de situações desafiadoras e adversidades, esses personagens podem evoluir e desenvolver relações mais profundas. Em algumas histórias, bruxas e fadas podem se unir em uma aliança improvável para alcançar um objetivo em comum ou enfrentar uma ameaça maior, mas essas parcerias mostram a importância da cooperação e do

trabalho em equipe para superar desafios. Entendemos que a figura da bruxa permeia diversos mitos e culturas, representando uma variedade de significados.

Assim, o símbolo da bruxa está para além da mera imagem que a estereotipa de alguma forma. Ele [Jung, 2008] nos diz sobre a magia e o poder da morte, da cura e da metamorfose, dos mistérios noturnos, dos desejos, dos medos, das perturbações, da subversão e da desordem psíquica e social, dentre outros conteúdos, essas questões estão ligadas aos seres humanos de modo bastante profundo e complexo do que as representações conscientes são capazes de abarcar. É por isso que a figura da bruxa está presente em diversificados mitos (Silva, 2021, p. 38).

A bruxa de *A vassoura mágica e a fada encantada* representa tanto a mobilidade quanto a capacidade de transcender as realidades; a fada, ao se transformar em bruxa, necessita representar a personagem visualmente, ou seja, usar roupas de bruxa. A personagem usa da criatividade e imaginação para enfrentar os medos de sua transformação. Essas figuras não são apenas personagens de histórias, mas também são símbolos que nos inspiram a abraçar nossa própria magia e a jornada de autodescoberta que todos empreendemos.

A reflexão em torno da bruxa confronta e integra a complexidade das experiências humanas, por isso a importância das narrativas com a personagem, pois ela nos ajuda a superar desafios presentes em nossas vidas e caracteriza nuance e camadas de personalidades que refletem a diversidade e a riqueza dos seres humanos.

Nessa narrativa infantil, *Nem isso, nem aquilo*, podemos compreender as possíveis relações sociais da bruxa em um contexto geral, de muitas dúvidas e insegurança. A bruxa é retratada de forma diferente do estereótipo tradicional, sendo apresentada de maneira mais humanizada e poética, assim, sendo possível estudar essas dinâmicas sociais associadas à figura da bruxa em um contexto mais amplo, considerando os elementos comuns presentes que envolvem esse tipo de personagem.

“De volta para casa, foi dormir e sonhou que estava à beira do lago. Olhou, viu seu reflexo na água. Que estranho! Não era bruxa, mas também não era fada. ‘Quem sou eu, então?’, pensou. E ouviu uma vozinha dizendo: -Você é a Linda! -Linda? (Ribeiro, 2006, p. 18). Falar sobre a bruxa que viveu momentos de dúvidas ao ver seu reflexo, pode ser uma oportunidade poética para enunciar a sua identidade, a auto aceitação e a luta interna entre diferentes aspectos do ser humano.

A narrativa apresenta momento de isolamento e estigma social, as bruxas muitas vezes são retratadas como sendo isoladas da sociedade ou estigmatizadas devido aos seus poderes mágicos e à sua reputação de praticar feitiçaria. Esse isolamento pode levá-las a serem

marginalizadas e temidas pelos demais. As bruxas podem se envolver em diversos tipos de conflitos e interações sociais com outros personagens, tanto positivas quanto negativas. Em dinâmicas de poder, a personagem bruxa pode gerar admiração, respeito, medo ou desconfiança.

[...] Assim, a bruxa como sombra no plano psíquico ou como materialização do mal no plano histórico é a força motriz capaz de gerar o movimento do ser humano frente à individuação; enquanto demônio feminino, na esfera do imaginário cultural, ela é renegada e reprimida dentro da sociedade patriarcal e enquanto agente de transformação, ela é o duplo oposto necessário para a tomada de consciência dos seres humanos (Silva, 2021, p. 14).

A bruxa, uma figura de poder e mistério, sempre foi vista como a guardiã de segredos e práticas mágicas. No entanto, por trás de sua aparência enigmática e de suas habilidades, ela enfrenta uma luta interna que a torna mais humana e vulnerável. Assim entendemos a Uxa, em alguns momentos fada, em outro momento bruxa, as vezes com práticas de bruxa e características de fada, e assim segue a jornada de Uxa.

Além da análise visual, a forma como a bruxa é retratada em diversas narrativas, também contribui para discutir os valores e normas sociais; uma delas em *A vassoura mágica e a fada encantada*.

Então, ela se lembrou da lenda das vassouras. Essa lenda dizia que a vassoura tinha de ouvir crianças dizerem palavras de gentileza para poder voar. A fadinha levou a vassoura para onde várias crianças estavam brincando e pediu que elas falassem as tais palavrinhas mágicas. Todas começam a gritar: POR FAVOR! OBRIGADO! COM LICENÇA! DESCULPA... (Aguiar, 2009, p. 10).

Nesta história a bruxa procurou as crianças para interagir e brincar; em muitas narrativas infantis, a bruxa aparece como um ser solitário, afastado da comunidade, uma caricatura de práticas sociais que excluem aqueles que são diferentes ou não se conformam às convenções. Esse isolamento, embora seja uma representação do medo ou de ser rejeitada, também oferece uma chance de diálogo sobre a importância da inclusão e aceitação da diversidade.

Assim como qualquer personagem, a bruxa pode ter essa dualidade que pode enriquecer a caracterização e torná-la mais verdadeira, enfrentando seus próprios erros, até encontrar um novo propósito.

A figura da bruxa, logo, deve ser valorizada não como um mero estereótipo, mas como uma representação da força, resistência e transformação que permeia as relações sociais. Com suas histórias contemporâneas, a bruxa exige que a sociedade considere a complexidade de suas identidades e funções nas narrativas que nos moldam e inspiram à autodescoberta. Em uma era

de crescente valorização da diversidade e aceitação, a bruxa se posiciona como um ícone essencial da luta por voz e espaço em um mundo dominado por normas patriarcais e discursos homogêneos.

A interatividade da bruxa com as crianças nas histórias infantis nos apresenta um campo rico de interpretações e reflexões. O papel da bruxa varia conforme as narrativas, fazendo com que ela seja tanto uma inspiradora quanto uma personagem que evoca medo. Quando uma criança se depara pela primeira vez com a figura da bruxa, é comum que sinta uma mistura de curiosidade e temor.

Histórias como *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua* exemplificam como a personagem bruxa pode ajudar no entendimento emocional dos jovens leitores. Nessa narrativa, a bruxa se apresenta como uma vilã e, no decorrer da história, compartilha seu conhecimento com as crianças e seus gatos, uma figura acolhedora, que divide seu conhecimento sobre o mundo mágico e os desafios que ela implica. Assim, podemos perceber essa transformação em outras histórias, com relação à personagem bruxa, em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, que apresenta uma magia de transformação e descoberta, aproximando das narrativas infantis que encantam o leitor; já a obra *A vassoura mágica e a fada encantada* tem uma aproximação de realidades semelhantes a de *Nem isso, nem aquilo*, em que ambas as personagens transitam na narrativa em uma relação de amizade e cumplicidade, oferecendo às crianças um convite à exploração e à descoberta de valores sociais e emocionais através da literatura infantil. Por meio de diálogos e interações, a bruxa cria um espaço no qual a criança é encorajada a questionar, aventurar-se e, acima de tudo, acreditar em suas próprias capacidades.

Essas representações são fundamentais para o desenvolvimento emocional, também contribuem para uma reflexão crítica sobre os arquétipos associados à figura da bruxa.

Assim percebemos a bruxa, uma personagem que incita discussões sobre preconceito, mostrando como a sociedade pode marginalizar aqueles que não se encaixam nos padrões normativos.

4.3 A PERSONALIDADE DA BRUXA E SEUS PODERES MÁGICOS

No universo dos contos de fadas e das narrativas infantis, poucas figuras são tão intrigantes quanto a bruxa. Com sua trajetória entre magias e mistérios, ela está sempre envolvida entre o bem e o mal, revelando aspectos obscuros presentes em nosso inconsciente.

Em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, a personagem é retratada transitando entre o universo da fada e da bruxa. A dualidade de Uxa se reflete nos aspectos luminosos e benevolentes da fada quanto às características misteriosas e enigmáticas da bruxa. Sua natureza híbrida permite ao leitor visualizar novas emoções, motivações e dilemas internos. A figura da bruxa realiza suas magias nos mostrando parte de seus poderes.

Nesses dias - no dia do “sim” - ela, Uxa, faz um bombom puxa-puxa...tão puxa, que puxa, como puxa! Aí, ela coloca a peruca, põe um chapéu de fada e faz uma porção de bondades. Só que Uxa, sendo bruxa, não acerta de verdade. Para uma bruxa, é difícil fazer tanta caridade. Mas Uxa tenta... e o mundo... aguenta (Orthof, 2014, p. 10).

Como bruxa, Uxa pode ser detentora de conhecimentos e sabedoria ancestral, adquiridos ao longo de sua jornada mágica; seus poderes podem estar enraizados na compreensão da natureza, nos segredos do universo e nas artes místicas que dominam o mundo sobrenatural. Ainda sobre o poder de se transformar e transcender suas próprias limitações, transitando entre formas e estados diferentes de existência, sua capacidade de mudar e evoluir reflete a natureza fluida e dinâmica de sua essência mágica.

A bruxa Uxa pode ter uma forte familiaridade com a natureza e com os elementos, manipulando o fogo, a água, a terra e o ar em suas práticas mágica; sua habilidade de se harmonizar com o mundo natural e de invocar os poderes dos elementos a torna uma guardiã da vida e da magia que permeiam o universo. A dualidade entre fada e bruxa em Uxa pode representar a luta entre a luz e a sombra, o bem e o mal, presente em todos os seres humanos.

Nessa interpretação percebo a semelhança entre a personagem de *Uxa, ora fada, ora bruxa* com a personagem de *Nem isso nem aquilo*, ambas são fadas e bruxas, tem momentos confusos de transtorno de personalidade, pois Uxa muda muito de opinião e Bruxolinda também vive essa indecisão, se é bruxa ou fada de coração.

Em *O homem e seus símbolos* (1964), o autor traz essa abordagem da individuação, conceito central de Carl Gustav Jung, que se refere ao processo de desenvolvimento da personalidade. Ou seja, as bruxas das narrativas analisados passam por estes diferentes aspectos de si mesmas, de auto aceitação, reconhecendo suas fraquezas e fortalezas.

Já para Franz (1964), a individuação envolve a integração dos diferentes aspectos da psique, incluindo o consciente e o inconsciente. Na infância, as crianças estão em uma fase de descoberta e formação de consciência. Elas enfrentam o mundo com curiosidade e uma necessidade inerente de entender seu lugar nele. As bruxas, como figuras simbólicas,

representam tanto o poder quanto o mistério. Elas podem ser vistas como guias que ajudam as crianças a navegar pelo caos, oferecendo uma perspectiva mágica e transformadora. Por isso, a importância de histórias infantis com a personagem bruxa.

Nesta primeira fase muitas crianças buscam ardentemente algum sentido na vida que as possa ajudar a medir-se com o caos existente dentro e fora delas. Há outras, no entanto, que ainda se deixam conduzir inconscientemente pelo dinamismo de esquemas arquetípicos herdados e instintivos (Franz, 1964, p. 166).

Entretanto, a busca por sentidos não é isenta de conflitos, as crianças muitas vezes se sentem presas em diferentes arquétipos que moldam suas percepções de si mesmas e do mundo ao seu redor. Esses arquétipos podem ser representações de heróis, vilões, ou mesmo figuras ambíguas, como a bruxa, que desafiam as normas estabelecidas. Essa dinâmica de conflito e identidade pode ser explorada de forma admirável na história.

No conto *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, observamos a complexa interação entre a bruxa, dotada de poderes mágicos, e os gatos, cujas personalidades são distintas. A guerra entre esses dois grupos não é apenas um confronto físico, mas também uma batalha simbólica que revela as tensões internas enfrentadas pelas crianças ao tentarem encontrar seu lugar em um mundo repleto de arquétipos. Ainda podemos analisar a personalidade da bruxa e seus possíveis poderes mágicos com base em elementos típicos do imaginário popular sobre as bruxas. A bruxa da rua pode ser retratada como uma figura sinistra, enigmática, envolta de mistérios e segredos. Marcada por uma aura de malícia, manipulação e poder oculto, transmitindo medo e desconfiança aos que cruzam seu caminho, Dona Eulália é uma personagem retratada convivendo com pessoas que amam animais. Sua trajetória na narrativa de rejeição aos gatos é marcante e repugnante, mas no decorrer da história ela aprende a amá-los. Isso pode servir como uma rica alegoria sobre preconceitos, transformação pessoal e capacidade de abrir o coração para o amor e para a empatia.

Existe, porém, um outro jeito. Toda emoção, mesmo a raiva, possui conhecimento, insight, o que alguns chamam de iluminação. Nossa raiva pode, por algum tempo, ser nossa mestra... algo de que não devemos nos livrar tão rápido, mas, sim, pelo que devemos escalar a montanha, algo a ser identificado, algo com que aprender, algo a ser tratado internamente e depois ser transformado em algo útil para o mundo, ou algo que deixamos voltar ao pó. Na vida selvagem, a raiva não é um item isolado. Ela é uma substância à espera de nossos esforços transformadores. O ciclo da raiva é como qualquer outro ciclo: ela sobe, cai, morre e é liberada como energia nova (Estés, 1994, p. 262).

Ao observar o comportamento de Eulália, tomada de raiva e ódio, parecia um vulcão prestes a entrar em erupção, uma fúria contra os gatos, como uma nuvem negra. No entanto, assim que a poeira da raiva começou a assentar, a realidade começou a se infiltrar em sua mente e a culpa começou a tomar conta de seu coração. A maneira de lidar com esses monstros internalizados fez dona Eulália refletir e perceber que, em sua frustração, havia perdido de vista o amor que esses pequenos seres lhe ofereciam. Assim, essa transformação de raiva para arrependimento oferece uma poderosa lição sobre a importância da compreensão, do perdão e da empatia. Através da experiência, aprendemos a lidar com nossas emoções de maneira mais saudável.

Corremos para a casa vizinha, abrimos o portão da frente. – Entrem! Me ajudem! A porta da frente está aberta! Quando entrei, não acreditei! Parecia que estava no meio da história do flautista mágico. Ratos, ratos e mais ratos. O chão da sala toda acarpetada de branco estava lotadinho deles, correndo em tudo quanto é canto. Dona Eulália, de pé, sobre a mesinha de centro, *bobbies* na cabeça, creme no rosto, berrando, completamente alucinada! (Prieto, 2001, p. 44).

As bruxas, muitas vezes, simbolizam as partes sombrias da psique humana, os medos, as inseguranças e os aspectos que a sociedade tende a rejeitar ou ignorar. Ao incluir bruxas nas histórias infantis, os autores oferecem uma forma de descrever esses temas de maneira benéfica, como vimos na narrativa citada acima. Assim, entendemos a dimensão da psique humana, explorando o inconsciente através do imaginário.

Cada ser histórico traz em si uma grande parte da humanidade anterior à História. Eis um ponto, por cento, que nunca foi esquecido, mesmo nos tempos mais inclementes do positivismo: quem, melhor do que um positivista para saber que o homem é um “animal”, definido e regido pelos mesmos instintos que seus irmãos animais? (Eliade, 1991, p. 09)

A aceitação a essa dualidade da natureza humana, a luz e a sombra, o bem e o mal, demonstra que todos temos diferentes aspectos em nossa personalidade e que é normal ter sentimentos ambivalentes. Isso e nos ajuda a entender que não precisamos ser perfeitos e que é aceitável errar e aprender com seus erros. Assim, dona Eulália se apresenta na história, pois tem momentos de raiva, nos quais demonstra a maldade, porém com as mudanças ela passa a ser uma pessoa do bem.

A personagem deixa claro, no decorrer da história, possuir poderes de transformação, sendo capaz de mudar de forma e criar ilusões para confundir e enganar. Ela causa muito mal, semeando o caos entre os gatos da rua e isso comprova essa dualidade após sua transformação:

passa a ser cuidadora de gatos, e isso nos remete às mudanças internas que inclusive os seres humanos podem realizar e melhorar.

Outra história interessante de observar a trajetória da bruxa é em *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*. A personagem central da história pode ser descrita de forma única, refletindo a atmosfera lúdica e fantástica da narrativa. Travessa e divertida, que gosta de brincar com aqueles que encontra em sua jornada, curiosa, enérgica e misteriosa, tornando sua presença encantadora e imprevisível. Seus poderes mágicos podem ser usados para divertir e entreter os convidados da festa, transformando o ambiente em um espetáculo encantado. A bruxa da história se apresenta como uma figura amigável, cujos poderes são usados para trazer alegria e diversão aos que a cercam. Ela pode conjurar truques mágicos, realizar feitiços inofensivos e encantar o público com sua habilidade e graça, conquistando a simpatia de todos. “Gato, gato, por favor venha a minha festa. – Obrigado, irei sim, se você convidar o espantalho. - Espantalho, espantalho, por favor, venha à minha festa. – Obrigado, irei sim, se você convidar a coruja. – Coruja, coruja, por favor, venha à minha festa” (Druce, 2006, p. 3).

Convidar a bruxa para a festa de aniversário pode ser uma maneira de mostrar que a magia está presente em todos os aspectos da vida, incluindo celebrações e momentos de alegria. A personagem, em um ambiente festivo, pode ser vista como uma figura que traz alegria, sua presença simboliza a conexão entre o mundo humano e o reino mágico da natureza. Portanto, esse cenário é uma maneira de apresentar a bruxa como uma figura positiva e inspiradora, que desempenha um papel fundamental na celebração da vida, da natureza e das relações que formamos com os outros.

Na história *A vassoura mágica e a fada encantada*, a bruxa possui uma personalidade misteriosa e determinada, ela é conhecida por sua sabedoria milenar e sua determinação em proteger com harmonia o mundo ao seu redor. A fada é conhecida por sua energia positiva que emana com dedicação e coragem.

A figura da fada que se transforma em bruxa encapsula a dualidade da personalidade humana; inicialmente a fada é vista como um símbolo de luz e esperança. No entanto, sua transformação em bruxa pode representar uma sombra de sua personalidade, revelando aspectos que foram reprimidos ou negligenciados. O que acontece quando essa imagem de benevolência é confrontada com pressões externas e influências coletivas? A transformação da fada em bruxa não é apenas uma mudança de forma, mas um profundo reflexo da dinâmica social que molda nossas identidades e ações.

Quanto menor for a personalidade, tanto mais imprecisa e inconsciente se torna a voz, até confundir-se com a sociedade, sem poder distinguir-se dela, privando-se da própria totalidade para diluir-se na totalidade do grupo. A voz interior é substituída pela voz do grupo social e de suas convenções; em lugar da designação aparecem as necessidades da coletividade (Jung, 1986, p. 182).

A bruxa de *A vassoura mágica e a fada encantada* faz essa transformação, devido às cobranças da sociedade. Ao analisar essa dinâmica, somos convidados a refletir sobre o impacto que a sociedade exerce sobre a identidade e a moralidade. A jornada da fada para se tornar bruxa é um convite à reflexão sobre como, muitas vezes, as circunstâncias externas podem transformar nossos ideais e valores. Assim, essa transformação se torna uma metáfora para a luta entre a luz e a sombra que todos enfrentamos em nossas próprias vidas.

A bruxa possui a vassoura mágica para voar pelos céus e proteger o reino mágico. Além disso, ela é mestra na arte da adivinhação, sendo capaz de prever o futuro e orientar os habitantes com sua sabedoria. Apesar de sua reputação temida, a bruxa tem um coração bondoso e protetor, ela se preocupa com a paz e a felicidade de todos e está sempre disposta a ajudar e orientar aqueles que precisam de seu auxílio. Sua generosidade e compaixão fazem dela uma figura querida e respeitada por todos. Essa aceitação contemporânea da bruxa reflete essa mudança nas percepções sobre o poder feminino, a diversidade e a complexidade da experiência humana, inclusive politicamente.

Podemos perceber em *A vassoura mágica e a fada encantada* os valores compartilhados na história que envolve a interação entre os personagens; os elementos fantásticos se entrelaçam com lições de vida e ensinamentos morais que podem inspirar crianças e adultos a refletir sobre questões importantes. Alguns valores que podem ser identificados: a amizade, com relação entre vassoura mágica e a fada encantada, o empoderamento das personagens que descobrem e desenvolvem seus próprios poderes e habilidades, numa relação de autoconfiança e respeito com a natureza. A história apresenta muitas dificuldades e desafios enfrentados pelas personagens, mostrando a importância de persistir usando a criatividade para a resolução dos problemas.

Um belo dia, apareceu uma fada encantada. Ela vivia à toa, sem varinha de condão, sem amigos, sem alegria, sozinha... De repente, viu aquela vassoura diferente, colorida, enfeitada, mas tristonha e abandonada... Logo se imaginou, em cima dela, voando, feliz, numa liberdade nunca antes experimentada. Sem saber as duas tinham o mesmo sonho (Aguiar, 2009, p. 8).

A vassoura mágica é associada à bruxaria e à magia, ela é um instrumento que permite a bruxa voar, isso pode simbolizar a aceitação do potencial transformador que todos têm dentro de si.

Uma bruxa não se constitui apenas do próprio corpo, mas de um espaço somente seu onde diversos objetos são reunidos no intuito de lhe dar condições para construir seu mundo de magia. Não se tratam necessariamente de grandes e poderosos utensílios, na verdade são objetos comuns que podem ser encontrados nas casas de muitas pessoas que não apresentam propensão para a bruxaria. [...] “alguns instrumentos da bruxa (a vassoura, o caldeirão e o bastão mágico) assumiram papéis importantes no folclore e na mitologia contemporâneos” (Gama-Khalil, 2024, p. 6).

A vassoura mágica é um dos símbolos mais icônicos da história, *A vassoura mágica e a fada encantada*, associados à figura da bruxa, carrega um profundo significado, tanto em termos simbólicos quanto de função.

Neste contexto, a vassoura pode simbolizar a capacidade de transformação, tanto no sentido literal quanto figurado. Ela representa a possibilidade de mudar a realidade, de voar para novos lugares e de visualizar o desconhecido, refletindo a imaginação e o desejo de aventura das crianças.

Com efeito, essas vassouras que fazem desaparecer a poeira, poderiam também machucar e pôr em fuga os hóspedes invisíveis, os gênios protetores do lar. [...]. Mas se a vassoura inverte seu papel protetor, torna-se instrumento de malefício, e montadas em cabos de vassoura é que as feiticeiras* de todos os países saem pelas chaminés e vão para o sabá. Símbolo fálico, talvez, mas também e sobretudo símbolo de forças que a vassoura deveria ter vencido, mas que dela se apoderam e pelas quais ela se deixa levar (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 932).

Nessa outra história temos semelhanças da personagem de *Nem isso, nem aquilo*; a personagem bruxa é apresentada de uma maneira única e poética, desafiando estereótipos, oferecendo uma visão mais humanizada. A protagonista pode ter uma personalidade enigmática, caracterizada por sua sabedoria e introspecção. Ela é uma figura contemplativa, que questiona o mundo ao seu redor e busca compreender os mistérios da existência de uma maneira profunda.

– Mas, Dona Fada, ou melhor, Dona Bruxa...não tem um jeito, não dá para criar uma poção mágica que a transforme em uma fada completa? – Hum...já tentei várias vezes. Resultado: de bruxa virei meio fada. Aí tentei virar bruxa de novo. Não funcionou. –

Dona Fada, quer dizer Dona Bruxa, a senhora está feliz assim: meio bruxa meio fada?

– De jeito nenhum! – Então, vou descobrir um jeito de ajudá-la! (Ribeiro, 2006, p. 9).

A bruxa da história pode ter uma forte conexão com a natureza e com o sobrenatural, percebendo e respeitando as forças invisíveis que regem o mundo, seus poderes mágicos podem estar ligados à harmonia dos elementos e à compreensão dos ciclos da vida. Além de seus poderes mágicos, a bruxa pode desempenhar outros papéis, bem como curandeira e conselheira espiritual das comunidades onde vive. A dualidade da bruxa e sua intuição representam a complexidade e a integridade do ser humano.

Em *Nem isso, nem aquilo*, a figura da bruxa transita, com repertório de valores, trazendo reflexões e dualidade. A aceitação da diversidade e a experiência das emoções humanas experimentadas pela fada e bruxa, o autoconhecimento e a busca pela autenticidade, o respeito e a empatia da bruxa na construção de relações encorajam o leitor a se conectar com essas individualidades de forma genuína. Os personagens buscam se aproximar da bruxa com um certo receio.

Um dia, Fortunato, um bem-te-vi muito curioso, se encheu de coragem. Chegou perto, bem pertinho, e perguntou: - Dona Bruxa, ou melhor, Dona Fada... me explique uma coisa: a senhora é bruxa ou fada? - Sou fada quando estou feliz. E quero ver todo mundo feliz também. Sou bruxa quando tenho inveja, quando fico com raiva. E quero que todo mundo fique infeliz como eu (Ribeiro, 2006, p. 6).

Assim sendo, reconheçamos os poderes mágicos que essas narrativas carregam, as bruxas com suas lições sobre escolhas e consequências. Conforme Camila da Silva Mendes, (2002, p. 10),

Dessa maneira, quando as crianças entram no “mundo” da fantasia e da imaginação, por meio dos contos de fadas, elas conseguem elaborar hipóteses para a resolução de problemas do seu cotidiano, sempre buscando maneiras de modificar a sua realidade. Através desse processo, de modificar a realidade, as crianças, inconscientemente, vão trabalhando com aspectos internos, como os emocionais e cognitivos.

As narrativas analisadas retratam conflitos universais que ressoam com as experiências das crianças, as jornadas de autodescoberta de Uxa, que muda de fada para bruxa, mas que é parecida com muita gente, pois muda de opinião a todo momento. A fada que voava com a vassoura, pois se transformou em bruxa para manter a amizade com a vassoura. A dona Eulália se transformou em vizinha amiga para manter boa vizinhança, essas são algumas alternativas que o leitor pode observar e modificar a sua realidade, tendo as bruxas como exemplo.

A ampla paleta de significados carregada pela figura da bruxa se desdobra em várias direções, permitindo uma rica análise sobre seu papel. O modo como essas personagens são

estilizadas e inseridas em enredos infantis não é mero capricho literário, é uma forma deliberada de provocar reflexões essenciais e morais. Assim, nessa parte, vamos mergulhar nas nuances que a bruxa representa, como sua figura misteriosa, um símbolo arquétipo da cultura.

[...] Bruxas, afirmarão eles, são personagens imaginários, representados como velhas horrorosas, com verrugas no nariz, chapéus compridos e pretos em formato de cone, montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas, bastante parecidas com cacarejos. A Rainha Má de A Branca de Neve de Walt Disney, o desempenho de Margaret Hamilton como a Bruxa Malvada do Oeste em O Mágico de Oz e, por trás delas, uma longa tradição artística que se estende do século XIII a Goya, fixaram essa imagem em nossas mentes. Provavelmente, nenhuma bruxa, em tempo algum, jamais teve as características desse estereótipo (Russell, 2019, p. 36).

As bruxas apresentam muitas características em comum, as personagens são vistas como arquétipos e contêm muitos símbolos que fazem parte da cultura: a bruxa convidada para o aniversário tem nariz grande com verruga, dona Eulália usa roupas escuras e parece ser assustadora com suas maldades, já parece um pouco mais moderna, baixinha e gorducha, com roupas de fada. A fada encantada vem com um jeito angelical e logo se transforma em bruxa do bem. Enfim, cada bruxa traz um pouquinho de sua cultura, de suas magias e seus conhecimentos.

Dentre as lições mais impactantes que podem ser extraídas das histórias de bruxas, encontram-se a empatia e a solidariedade. Muitas vezes, essas personagens exibem traços de altruísmo que desafiam a noção errônea de que as bruxas são sempre malevolentes. Um exemplo disso é a bruxa da floresta, que em muitas histórias é vista com desconfiança, mas na verdade, muitas vezes a bruxa se dedica a ajudar aqueles que buscam conforto e cura em momentos de aflição. Isso nos leva a entender que a bondade e a compaixão podem surgir até das fontes mais inesperadas. Essa ligação com a natureza e com os símbolos demonstrou sabedoria e espírito de empatia.

Em meio a esse período “anti-bruxa”, uma outra visão também estava se formando na virada do século XIX para o século XX e tinha um contato muito íntimo com os eventos relacionados à natureza: a mulher usava fogo, o vento, as plantas, a água, os símbolos e a energia do próprio corpo para boas ações e, por trabalhar com a energia da natureza, sua prática foi reconhecida como bruxa natural, deixando de ser aquela bruxa perseguida por pseudos salvadores à época (Gama-Khalil, 2024, p. 3).

Nesse contexto, o fogo vem como algo transformador, aquilo que é derretido e transformado, no caso da fada linda que se transformou em uma fadinha que voa com sua amiga vassoura em noites de lua cheia. Dona Eulália se transforma em cuidadora de gatos, aprende a

amar os bichos, em especial os gatos; essa transformação pode ser associada ao símbolo do fogo.

O fogo tem sido um símbolo poderoso, especialmente nas tradições associadas à bruxaria. Ele vem como um instrumento transformador, de mudanças pessoal e espiritual. Também como um meio de purificação, queimando o que é considerado impuro ou negativo. Uma fonte de energia e poder, representando a força e a determinação das bruxas em seu caminho espiritual.

O fogo e o calor fornecem meios de explicação nos domínios mais variados porque são, para nós, a ocasião de lembranças imperecíveis, de experiências pessoais simples e decisivas. O fogo é, assim, um fenômeno privilegiado capaz de explicar tudo. Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sabe das profundezas da substância e se oferece como um amor. Torna a descer à matéria e se oculta, latente, contido como o ódio e a vingança. Dentre todos os fenômenos, é realmente o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal [...] (Bachelard, 1994, p. 11).

Esses aspectos do fogo como símbolo nas práticas de bruxaria refletem a complexidade e a profundidade das crenças e rituais. A bruxa traz consigo o fogo como um símbolo importante nas narrativas, muitas vezes representa poder e transformação. As bruxas analisadas em narrativas infantis modernas muitas vezes possuem arcos narrativos que refletem sua resistência, solidão e anseios por aceitação. Tal aspecto nos ensina sobre o valor de aceitar as diferenças e sobre a complexidade do ser humano. Em vez de rotular a bruxa como vilã, somos convidados a questionar as circunstâncias que a levaram a ser vista assim.

Dessa maneira, não podemos negar o valor dessas narrativas ao longo da história humana, pois elas foram vitais para a construção do imaginário popular, bem como da manutenção das narrativas históricas relativas a diferentes povos. Também cabe destacarmos que nas sociedades arcaicas, as histórias consideradas sagradas, que buscavam retratar o real, contavam a criação do mundo e os feitos heroicos daquele povo. Essas histórias não serviam para entreter a população, mas sim para registrar fatos históricos e a tentativa de compreensão de fenômenos primordiais de surgimento da vida e do universo, regendo os padrões culturais e sociais de determinada sociedade. Já as narrativas profanas são aquelas que serviam para entreter a população com seu teor cômico, além de apresentarem curiosidades que aguçavam o interesse daqueles que as ouviam (Faqueri, 2018, p. 4).

Histórias nas quais bruxas se tornam mentoras, como a dona Eulália, revelam não apenas a formação de laços de amizade, mas também a transmissão de conhecimentos ancestrais que foram esquecidos pela sociedade. A aplicação da magia, como a bruxa que ajudou a encontrar os filhotes de dona Gertrude, são momentos importantes para entendermos a situação da bruxa,

realizando seus feitos para ajudar. Lembrando que, por trás de cada feitiço, há uma escolha que se desdobra em consequências tanto positivas quanto negativas.

A feitiçaria é amplamente difundida em muitas sociedades. Deve, portanto, ser útil, caso contrário já teria desaparecido há muito tempo. Uma das funções da feitiçaria é, justamente, a de aliviar tensões sociais. A feitiçaria simples, pelo menos em suas linhas benéficas, frequentemente é aceita como parte da cultura de algumas comunidades. A crença na feitiçaria ajuda a definir e a sustentar certos valores sociais; explica eventos assustadores e mesmo fenômenos aterrorizantes. Dá ao indivíduo um senso de poder diante de um mundo muitas vezes incompreensível e amedrontador. A feitiçaria também pode servir como um estranho sistema de justiça, uma forma de corrigir erros ou de quitá-los: em geral, as maldições são empregadas pelos fracos contra os fortes, a quem não podem atingir de outra maneira. Contudo, tal gesto pode facilmente sair pela culatra, porque há a possibilidade de que a suposta vítima se torne o centro das atenções e de compaixão (Russell, 2019, p. 47).

Entretanto, é essencial discutir a dualidade de sua representação. Um significativo de narrativas ainda perpetua o estigma da bruxa como um ser maligno, reforçando que podem prejudicar o entendimento da criança sobre características como a vingança, o desdém e a marginalização. Exemplo disso se vê na Dona Eulália, de *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, apresentada como uma figura repleta de ressentimento. A história é um ótimo veículo para que esses estigmas sejam confrontados e transformados em novos entendimentos sobre aceitação e reconstrução.

- E agora, Eulália, quer que eu te traga os meus gatos? Dona Carole, com seu sorriso largo, irônico, chegou bem nessa hora. Caminhou no meio dos ratos com toda a calma do mundo, olhou bem para dona Eulália, depois cruzou os braços e disse assim: - Vamos Eulália, repetiu e dona Carole prosseguiu: - Eu adoro gatos! - Eu adoro gatos! - obedeceu à dona Eulália, trêmula, morta de medo. - Quero todos os seus gatos aqui na minha casa! - disse dona Carole, e dona Eulália repetiu (Prieto, 2001, p. 45).

Porém, essa dualidade também pode ser um chamado à ação para autores e educadores, um convite a reverter essas imagens e propor narrativas que se concentrem na resiliência e na capacidade de reinventar, promovendo não só a empatia, mas a conscientização sobre preconceitos e como eles moldam a sociedade. E assim, ao despir a bruxa de sua vilania, as novas histórias podem abrir espaço para discussões sobre empoderamento e solidariedade.

4.4 A BRUXA COMO REPERTÓRIO DE VALORES MORAIS

A bruxa ao longo da história e da literatura, têm sido associadas a uma variedade de valores morais e simbólicos, que variam de acordo com o contexto cultural e com as narrativas

em que são representadas. Sua imagem tão multifacetada se impõe como uma figura central na educação moral nas histórias infantis tradicionais; como personagem nas narrativas contemporâneas, o leitor pode se identificar ao buscar nuances sobre suas próprias jornadas e desafios, encontrando assim um espelho de suas experiências. Através das histórias em que as bruxas figuram como protagonistas, nós somos desafiados a refletir sobre a complexidade da natureza humana, a escolha entre o bem e o mal e as consequências das nossas ações. A bruxa muitas vezes representa as consequências das escolhas humanas, simbolizando a ideia de que cada ação tem um efeito, tanto positivo quanto negativo. A seguir veremos como essa personagem foi sendo construída ao longo da história.

O fato de que a figura da bruxa fosse uma mulher também era enfatizado pelos demonólogos, que se regozijavam por Deus ter livrado os homens de tamanho flagelo. Como fez notar Sigrid Brauner (1995), os argumentos que se usaram para justificar esse fenômeno foram mudando. Enquanto os autores do *Malleus Maleficarum* explicavam que as mulheres tinham mais tendência à bruxaria devido à sua “luxúria insaciável”, Martinho Lutero e os escritores humanistas ressaltaram as debilidades morais e mentais das mulheres como origem dessa perversão. De todo modo, todos apontavam as mulheres como seres diabólicos (Frederici, 2017, p. 323).

A figura da bruxa como mulher carrega uma série de significados e implicações em relação aos valores morais, refletindo as percepções sociais e culturais sobre gênero, poder e moralidade.

Arquétipos da mulher. A mulher é usada no marketing por simbolizar a sexualidade. A mulher representa a que possui os traços físicos e tentação sexual. Esse padrão foi posto no comercial da Hope Lingerie. Contudo a mulher pode simbolizar vários padrões: a jovem, a patricinha, a velha, a mulher de sucesso, a pobre, a sedutora, a fêmea fatal, a menina tímida, a mulher inteligente, a mulher burra, a corajosa, a medrosa, a heroína, a bandida, a prostituta, a líder, a trabalhadora, a mulher feliz etc. Assim o arquétipo da mulher pode ser associado a qualquer estado e habilidade social (Fausto, 2018, p. 52).

A bruxa por várias vezes é retratada como independente, poderosa e, em muitos casos, desafiadora das autoridades. Isso pode ser uma crítica às expectativas sociais que limitam a expressão feminina.

Deste modo, desde os primeiros livros infantis, a bruxa é personificada como uma figura dual, refletindo a linha tênue entre o benevolente e o malévolo. Em uma leitura cuidadosa, fica claro que as histórias da bruxa não servem apenas como entretenimento; elas carregam lições profundas sobre escolhas e consequências que podem guiar as crianças em sua própria jornada de autoconhecimento.

A bruxa de *Uxa, ora fada, ora bruxa*, mistura elementos de fantasia, magia e dualidade entre as figuras da fada e da bruxa. Nesse contexto é possível identificar alguns valores morais comuns atribuídos que podem ressoar com a personagem. A dualidade e equilíbrio entre a luz e a escuridão, o bem e o mal, a transformação e a estabilidade. Esses valores morais associados a essa dualidade incluem a busca pelo equilíbrio entre forças opostas e a aceitação da complexidade do ser.

Em *Uxa, ora fada, ora bruxa*, a bruxa protagonista adiciona um aspecto de dualidade, alimentando a ambiguidade em torno de sua verdadeira natureza. No desenrolar do enredo, a bruxa vai andando e realizando suas magias conforme o ambiente e suas necessidades. Afirma Orthof (2014, p. 6): “Uxa muda muito de opinião: tem dias em que ela só diz: - Sim, claro, lógico, é verdade, naturalmente, concordo plenamente. Mas tem dias em que Uxa acorda dizendo: - Não, escuro, ilógico, é mentira, negativamente, não concordo plenamente.”

A dualidade entre bruxa e fada é recorrente na literatura infantil e na cultura popular, simbolizando diferentes aspectos da feminilidade, da magia e da moralidade. Nessa perspectiva, veremos como estes símbolos são representados.

[...] De início, a fada, personagem que se confunde com a mulher, é uma das mensageiras do outro mundo. Muitas vezes, ela viaja sobe a forma de um pássaro, preferentemente a de um cisne. Essa qualidade, porém, deixou de ser compreendida a partir da cristianização, e os transcritores fizeram da fada a figura da mulher enamorada, que vinha em busca do eleito do seu coração (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 415).

A fada muitas vezes é representada na literatura como uma personagem feminina e cheia de magias, associada a aspectos positivos da vida, como amor, proteção e alegria, um poder que é acolhido e celebrado. A bruxa de *Nem isso, nem aquilo* tem essa nuance de fada e bruxa e aproxima da bruxa Uxa, pois ela se apresenta como fada com traços de bruxa. Em outra dimensão, a bruxa muitas vezes é ligada a elementos sombrios com poderes sobrenaturais.

Aí Uxa diz: Chega de ser fada, estou enfadada! Quero uma boa sopa de bruxa, bem amaldiçoada, com rabo de rato, morcego assado, pum de velha, melado de faniquito amanteigado! Faço a sopa, mudo de roupagem, a peruca é de cabelo lelé da cuca, o chapéu tem uma lua, a varinha de condão virou vassoura, e lá vou eu, cansei de ser tão boa... e loura! (Orthof, 1997, p. 26).

Aqui a figura da bruxa como catalizadora de mudança na história, a bruxa com seu poder mágico desafia as normas, trazendo muitas transformações, e rejeição, isso pode simbolizar a vontade de romper com as expectativas e normas sociais impostas às mulheres, ou,

mais amplamente, aos indivíduos na sociedade. A bruxa opta por uma identidade mais poderosa, afirmando seu direito de ser o que quiser. Em contraste, a fada encanta com sua magia e delicadeza. Essa dualidade mostra que a magia pode ter diferentes dimensões e propósitos. Assim como enriquecemos nossa imaginação com a fada e a bruxa, de *Uxa, ora fada, ora bruxa*, agora veremos a dona Eulália e sua transformação com os gatos.

Na história, *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, a vilã é clássica, às vezes se apresenta como a Bruxa má, muitas vezes maltrata os animais. Em sua percepção dentro do seu universo de bruxa, usa toda sua sabedoria; em certos momentos especiais de transformações, Dona Eulália viaja conhecendo outros lugares e mostrando seu trabalho pelo mundo, expondo suas obras de arte.

Em outro momento, a personagem que contracenava com a dona Eulália, passa por momentos de medo, insegurança, em uma noite escura em tempestade. “Fui correndo para casa e, assim que entrei, a tempestade começou. As luzes se apagaram” (Prieto, 2000, p. 37).

A tempestade e o escuro trazem o suspense e convida o leitor a adentrar neste universo misterioso e obscuro, ambiente propício para as bruxas. Alguns dos símbolos são a noite e a tempestade. “Tempestade. Símbolo teofânico manifestado a temível onipotência de Deus. Enquanto a tormenta pode pronunciar uma revelação, a tempestade é uma manifestação de cólera divina e, às vezes, um castigo” (Chevalier & Gheerbrant, 2001, p. 874).

A tempestade é vista como um símbolo de conflito, tanto interno quanto externo. Em histórias, ela pode representar momentos de crise, tumulto emocional ou uma luta entre forças opostas. Já a noite, associada à escuridão e à incerteza, pode simbolizar o desconhecido e os medos que surgem na escuridão. Ou seja, a noite é como um pano de fundo para eventos inquietantes.

Para os gregos, a noite (Nyx) era a filha do caos e a mãe do Céu (Urano) e da terra (Gaia). Ela engendrou também o sono e a morte, os sonhos e as angústias, a ternura e o engano. As noites eram frequentemente prolongadas segundo a vontade dos deuses, que paravam o sol e a lua, a fim de realizar melhor as suas proezas[...] (Chevalier & Gheerbrant, p. 639).

A noite também pode ser vista como um contraponto ao dia, simbolizando a dualidade da existência, destacando contrastes, como o bem e o mal, luz e escuridão e a complexidade das experiências humanas. Em algumas histórias com a personagem bruxa, ela apresenta a dualidade e muitas vezes entra em confronto consigo mesma, como a bruxa Linda, que não sabe se é fada ou bruxa. A confusão entre ser fada ou bruxa pode ser uma busca de autoconhecimento,

nos mostrando que a identidade não é fixa, mas sim uma construção contínua. Uxa também se confunde, às vezes fada, às vezes bruxa. Essa dualidade é necessária para que haja momentos de magias e também para aproximar a bruxa da fada. Ao mesmo tempo ela pode transitar entre o bem e o mal, isso simboliza a necessidade de discernimento e ética, no uso de qualquer poder ou capacidades que possuímos. Assim como os seres humanos diariamente apresentam momentos conflitantes em suas vidas de diferentes impulsos e desejos.

Já em *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, nessa perspectiva, a bruxa é convidada para ir à festa, e ela segue convidando os animais e também as crianças para a comemoração, aqui a bruxa está sendo inserida em uma comemoração de aniversário. “– Bruxa, bruxa. Por favor, venha à minha festa” (Druce, 2008, p. 1). E assim a bruxa vai sendo inserida como personagem central da história, como primeira convidada e como a grande incentivadora da ideia da dinâmica de inserir mais personagens.

Importante este contexto cultural de festas e comemorações da vida, pois têm um significado profundo em nossa sociedade, refletindo aspectos sociais e emocionais da experiência humana; salientamos a festa das bruxas, inserida na nossa cultura. Uma das festas, ou seja, reuniões comemorativas, uma das mais importantes da época a caça às bruxas, conhecida como o sabá.

Algumas das mais importantes festividades adquiriram sinistra reputação e acabaram associadas, durante a caça às bruxas, às assembleias ou “sabás”. As bruxas contemporâneas, apoiando-se orgulhosamente nos próprios festejos antigos e em sua associação com as bruxas medievais e modernas, fizeram dessas antigas festas o alicerce de seus próprios e mais importantes “sabás” (Russell, 2019, p. 65).

Ao observar a festa da bruxa com animais e outros personagens, bem como chapeuzinho vermelho, isso nos remete à festa das bruxas, na qual também tinha esse encontro, denominada “Sabá”, comemoração realizada entre as bruxas, momento de comemoração e integração entre elas. Em outro momento, essa reunião de personagens de outras histórias já conhecidas do público infantil me remete a uma semelhança da bruxa com o lobo mau, pois a bruxa afirma que vai à festa na qual não é temida por nenhum dos convidados. Assim que o lobo é convidado, ele deseja a participação da Chapeuzinho, passando uma imagem amigável; esse movimento traz entendimento de que ele não é tão mau assim, se até a bruxa é amável, ele (o lobo) pode ser também, para assim se aproximar da personagem chapeuzinho vermelho. Agora vamos analisar se nas outras histórias infantis a bruxa tem a mesma manifestação e transformação.

A relevância de conhecer esses aspectos morais se estende também para as bruxas que personificam desafios sociais. A bruxa do conto *A vassoura mágica e a fada encantada*, por

exemplo, galvaniza a coragem e a criatividade. Ao mesmo tempo que é percebida como uma antagonista, suas ações revelam que podemos mudar nossas atitudes e adequar-nos às situações diárias. Ao observar os livros infantis com a personagem, nos deparamos com o dilema de que as bruxas são nossas sombras e sabemos da importância delas para nosso aprendizado, o que as impele a refletir e a reconhecer o valor da coragem inabalável frente à diversidade.

E a fadinha, à toa, foi repetindo com as crianças: - Com licença, Dona Vassoura, desculpa incomodar, por favor, voa comigo sem destino, pra qualquer lugar... E antes mesmo de a fadinha terminar, as duas já estavam voando. Só se ouviam os gritos da fadinha: - Obrigadaaaaaa!!!! (Aguiar, 2009, p. 12).

Entretanto, é preciso também deliberar sobre as críticas e limitações mediante as representações da bruxa como modelo moral. A dualidade da representação da bruxa levanta questões sobre as lições contraditórias que emergem, como o medo do desconhecido contraposto à aceitação do diferente. Bruxolinda, de *Nem isso, nem aquilo*, a bruxa que persiste em sua caminhada em busca de saber se é fada ou bruxa, e a sua aceitação, com um propósito maior, é sobre o que pode acontecer quando se permite que o medo guie a vida. Ribeiro destaca (2006, p. 5): “Todos olhavam para Bruxolinda (assim ela se chamava), de longe, sem saber se era bruxa ou fada”. Observando isso, as crianças são confrontadas não apenas de que a empatia deve ultrapassar o medo, inculcando a importância da aceitação.

Na história *Nem isso, nem aquilo* centramos nas personagens fada e bruxa, delineando um quadro dual. Cada uma delas traz à tona uma série de aprendizados que ressoam nas experiências diárias dos jovens leitores. A bruxa gentil, que usa seus poderes mágicos para ajudar os necessitados, representa a ideia de que a bondade pode ser uma força transformadora. Nesse contexto, a narrativa em torno das bruxas em histórias infantis promove autonomia e comportamentos éticos e também permeia a complexidade e diversidade da experiência humana. Ao abordarem questões de moralidade e ética, essas histórias se tornam uma poderosa ferramenta do imaginário da criança e sua compreensão do mundo. O legado da bruxa, portanto, está longe de ser um mero traço de fantasia. A bruxa nos ensina que a vida, como as histórias infantis, é tecida com escolhas e cada caminho escolhido abre uma nova via de conhecimento e reflexão.

As histórias populares, assim como os sonhos, expressam as preocupações do inconsciente em símbolos; o significado da figura da bruxa, como o de qualquer símbolo, varia com a história. Geralmente, porém, ela representa uma força natural elementar detentora de enormes e inesperados poderes contra os quais uma pessoa normal é incapaz de se preparar ou defender, uma força não necessariamente maléfica,

mas tão alheia e remota ao mundo dos homens que constitui uma ameaça à ordem social, ética e até física do cosmo. Essa maneira de retratar a bruxa é muito antiga e provavelmente arquetípica. Essa bruxa não é uma simples feiticeira, nem uma demonólatra, nem uma pagã. É uma presença hostil oriunda de um outro mundo. O terror visceral inspirado por essa bruxa arquetípica ajuda a explicar o excesso de ódio e o medo acumulados durante a caça às bruxas (Russell, 2019, p. 62).

Compreender essas mudanças é fundamental para interpretar as narrativas associadas a esses símbolos e para apreciar como eles continuam a ressoar na cultura contemporânea.

Outra história é *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, uma narrativa com personagens gatos e com a bruxa da rua, que não apenas entretém os leitores, mas traz algumas experiências das relações humanas. Os protagonistas da história demonstram coragem e determinação ao enfrentar a bruxa da rua. A solidariedade e a união dos gatos em torno de um objetivo comum evidenciam a importância da solidariedade e do trabalho em equipe para superar as adversidades. A busca por justiça e equilíbrio na resolução dos conflitos, como a personagem, evidencia a empatia na construção de relações harmoniosas. No início da narrativa, a personagem que contracena com a dona Eulália tem um sonho, o qual representa o início do desfecho da história.

Sonhei que estava no meio do campo de trigo, usando roupas antigas, com bolinha [sua gata] deitado enroscadinho no meu colo. Homens vestidos de preto entravam numa casa à minha frente, a casa era uma espécie de cabana, eles gritavam numa língua que eu não entendia direito, chutavam a porta da casa e tiravam de dentro dela uma mulher loira, alta e magra (Prieto, 2001, p. 37).

Um sonho pode ser uma representação simbólica rica em significados e mensagens ocultas, o autor tem um sonho confuso e descreve como toda trama aconteceu envolvendo bruxas e fogueira. O simbolismo da bruxa nos sonhos pode refletir aspectos do inconsciente, desejos reprimidos e medos. Prieto (2001, p. 37) relata que, ao contrário da maioria dos sonhos — geralmente confusos e difíceis de lembrar —, teve uma experiência onírica tão vívida e sequencial que se assemelhava a um filme, com cenas claras que permanecem nítidas em sua memória até hoje.

O sonho, como uma dimensão sagrada em algumas culturas, acontece em forma de comunicação entre o mundo humano e o mundo da imaginação, essa visão é particularmente evidente em sociedades tradicionais, onde os sonhos são interpretados como presságios ou revelações. Para Eliade (1979), os sonhos não são apenas reflexos do inconsciente, mas experiências significativas que podem levar a um entendimento mais profundo.

[...] O «inconsciente», como é designado, é muito mais poético — e nós acrescentaríamos: muito mais «filosófico», mais «mítico» — do que a vida consciente. Nem sempre é necessário conhecer a mitologia para viver os grandes temas míticos. Os psicólogos sabem-no de sobejo, eles que descobrem as mais belas mitologias no «sonho acordado» ou nos sonhos propriamente ditos seus pacientes. Porque o inconsciente não é apenas povoado por monstros: os deuses, as deusas, os heróis, as fadas também lá habitam; e, além do mais, os monstros do inconsciente são também mitológicos, uma vez que continuam a desempenhar as mesmas funções que lhes pertenceram em todas as mitologias: em última análise, ajudar o homem a libertar-se, completar a sua iniciação (Eliade, 1979, p. 14).

Os sonhos são muito mais do que fenômenos psicológicos, eles são manifestações significativas que conectam o indivíduo ao sagrado, à cultura e a sua própria experiência de vida. A garotinha Sofia tem um sonho confuso, com fogueira na praça, onde possivelmente queimavam as bruxas, isso parecia uma premonição do que poderia acontecer logo adiante no decorrer da história: confusão e maldade.

Uma experiência de vida que pode ser associada a essa história, *Bruxa, Bruxa venha à minha festa*, é a aceitação do diferente e a celebração da diversidade. A figura da bruxa, tradicionalmente vista como uma personagem sombria ou maligna, é transformada nessa história em uma aparência amigável, que é convidada a se juntar a uma festa. Aborda questões importantes presentes em nosso inconsciente, as quais são essenciais ao desenvolvimento moral da criança. Ao convidar a bruxa para a festa, tem-se uma tentativa de inserir a bruxa socialmente, ou seja, para o leitor é como se fosse um ambiente novo, ou o primeiro dia de aula, ou aceitar uma colega nova, é a abertura para novas experiências e relações. Vejamos a seguir como esse convite é direcionado para a celebração do aniversário: “– Bruxa, bruxa. Por favor. Venha em minha festa” (Druce, 2008, p. 01). Com essa participação junto de seus futuros amigos, a bruxa sente-se valorizada e percebe a empatia por parte dos outros personagens. Jung (2000) trata da figura bruxa em um contexto psicológico, de “sombra”, que se refere aos aspectos reprimidos ou não reconhecidos da psique. A bruxa pode ser vista como um dos símbolos do medo e preconceitos da sociedade. Ao integrar a figura da bruxa em narrativas, as pessoas podem começar a aceitar e entender as partes sombrias de si mesmas e de algumas situações diante a sociedade.

A sombra faz parte do complexo de arquétipos conscientes e inconscientes que compõem o Self ou si-mesmo. É tudo o que nós, de algum modo rejeitamos, tentamos esconder, é o nosso lado escuro, que não é revelado aos outros, que nos incomoda e nos coloca diante do outro lado da nossa essência. Como afirmou Jung, ao longo do desenvolvimento de sua teoria, a sombra não é má, ela é multifacetada, é a variável que possui sua construção na experiência adquirida, é a portadora de vida e de mudança que vivifica o ego pertencente ao Self. A sombra como conceito psicológico,

refere-se ao lado obscuro, ameaçador e indesejado da nossa personalidade (Silva, 2001, p. 44).

Na fronteira entre o místico e o real, emerge uma figura nem sombra, nem luz total, ou seja, duas personagens em contradição, Uxa e a bruxa de *Nem isso, nem aquilo*, são figuras sem definição, transitando entre mistérios e magias.

Podemos compreender a bruxa não apenas como uma figura marginalizada, mas como um símbolo de resistência, transformação e reinterpretação das normas sociais. As histórias que centramos em bruxas muitas vezes delineiam um quadro dual, a bruxa benevolente e a bruxa vilã. Cada uma delas traz à tona uma série de aprendizados que ressoam nas experiências diárias dos jovens leitores. A bruxa gentil, que usa seus poderes mágicos para ajudar os necessitados, representa a ideia de que a bondade pode ser uma força transformadora. Podemos perceber em *Nem isso, nem aquilo*, de Ribeiro (2006, p. 13):

- Não precisa ficar assustada não, Gertrudes. Ela está aqui para nos ajudar- disse o bem-te-vi aliviado, apontando para Bruxolinda e percebendo que ela estava meia fada. [...] Fortunato olhou para Bruxolinda e disse: - Chegou a sua vez! Está na hora de usar os seus poderes mágicos! – Como? – perguntou Bruxolinda? – Fique bem quieta e concentre-se! – ordenou Fortunato. – Assim! Agora, use seus poderes para localizar os filhotes da Gertrudes.

Por outro lado, bruxas que encarnam o papel de vilãs desafiam as crianças a pensarem criticamente sobre escolha e consequências. As crianças aprendem não só lidar com figuras de autoridade muitas vezes tiranas, mas também a se colocar no lugar do outro, tendo empatia por personagens que, em sua própria narrativa, podem agir por motivos que não compreendemos de imediato. Assim, ao longo da história, a bruxa, foi retratada através de símbolos arquétipos que associam a características negativas, como maldade e feitiçarias. No entanto, essa imagem é limitada e não representa a complexidade e a diversidade das figuras que podem ser classificadas como bruxas em diferentes culturas e períodos.

Assim, o símbolo da bruxa está para além da mera imagem que a estereotipa de alguma forma. Ele nos diz sobre a magia e o poder da morte, da cura e da metamorfose, dos mistérios noturnos, dos desejos, dos medos, das perturbações, da subversão e da desordem psíquica e social, dentre outros conteúdos, essas questões estão ligadas aos seres humanos de modo bastante profundo e complexo do que as representações conscientes são capazes de abarcar. É por isso que a figura da bruxa está presente em diversificados mitos (Mendes, 2002, p. 8).

Em *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, a bruxa traz nova representação, como relações conflituosa e reconciliação. A bruxa tem essa guerra com os gatos, mas no decorrer da

narrativa surge a oportunidade de se reconciliar e a bruxa e os gatos aprendem a respeitar uns aos outros. Isso se apresentava como uma desordem social e, por esse motivo, a bruxa se faz presente para resolver o problema. Já em *Bruxa, bruxa venha à minha festa*, a bruxa é apresentada como um símbolo de aceitação e diversidade, como quebra de estereótipo, a personagem que desafia as normas tradicionais de beleza e comportamento, mostrando que a verdadeira beleza vem da essência do ser humano. Isso pode inspirar as crianças a aceitarem suas próprias diferenças e a valorizarem o que a sociedade reprime.

Por fim, é crucial ressaltar que o legado da bruxa na literatura infantil transcende as páginas de um livro. As lições que emergem, as escolhas morais e a aceitação revestem-se de um significado que prepara uma nova geração. Portanto, ao refletirmos sobre a figura da bruxa, é impossível não perceber que ela é muito mais que uma personagem de fantasia; é uma mestra que continua a nos guiar por entre as complexidades da vida, preparando os leitores com conhecimentos e espiritualidade para navegar em suas próprias jornadas. A bruxa, com todas as suas cores, é um convite à magia de sermos verdadeiramente humanos. Em *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, enuncia-se uma mensagem no decorrer da narrativa, a bruxa tem uma grande mudança em relação a seus vizinhos, as crianças e os animais: “Não vou dizer que elas tenham ficado amigas; como eu já disse, impossível ter duas vizinhas mais diferentes. Mas, quanto a mim, tornei-me cada vez mais próxima de dona Carole. Afinal, foi ela quem começou a me ensinar o meu ofício” (Prieto, 2001, p. 47).

A palavra da bruxa ecoa pela clareira iluminada pela luz da lua. Sua presença desafiadora inspira medo e respeito em partes iguais. Nas narrativas, ela não é apenas vista como uma figura temida, mas, para muitos, uma guardiã de conhecimentos ancestrais e de valores esquecidos. Sua imagem está entrelaçada com histórias e mitos que se tornam quase uma extensão do próprio imaginário popular; uma figura que representa tanto a sabedoria quanto a rebeldia. Nesse contexto, a bruxa torna-se um receptáculo de valores e princípios que ecoam através das gerações.

A criatividade sem limites, essa experiência imaginária é a capacidade de o leitor visualizar cenários e personagens, como bruxa que pode ser tanto uma fada quanto uma bruxa, também apresenta a ideia de que as figuras mágicas não precisam se encaixar em categorias rígidas, mas podem transitar entre diferentes papéis e identidades.

As bruxas representadas em narrativas infantis e em especial nas analisadas, frequentemente simbolizam a luta interna entre a moralidade e os impulsos sombrios do ser humano. Sua magia serve como uma metáfora para a complexa tapeçaria emocional que todos

carregamos. A conexão entre a figura da bruxa e os valores sociais que se instalam nas narrativas é algo que merece mais deliberações. É sobre essa perspectiva que o papel da bruxa se torna não apenas uma simples representação mágica, mas uma verdadeira lição de moral e ética, seja no contexto histórico ou em narrativas contemporâneas. Vamos analisar, portanto, as nuances dessa figura que, pela percepção popular, permanece ambivalente, mas que, na essência, nos guia nos caminhos da escolha e das consequências associadas.

A imagem da bruxa é uma das mais icônicas e fascinantes figuras da literatura, permeando a imaginação humana há séculos e, provavelmente, a primeira coisa que vem à mente de muitos ao se mencionar uma "bruxa" é a imagem de uma velha senhora corcunda, nariguda, com uma verruga na ponta do nariz. Essa imagem, entretanto, passou por uma transformação significativa ao longo do tempo, dando lugar a uma representação mais complexa e empoderada, tal mudança na percepção dessa imagem está intrinsecamente ligada a questões políticas, particularmente relacionadas à história das mulheres e ao capitalismo (Sbardelini, 2024, p. 4).

A imagem da bruxa nas histórias infantis pode ser um repertório que vai além do tradicional de uma figura maligna; ao longo das análises das narrativas infantis selecionadas e estudadas, a personagem se torna um símbolo de valor que pode representar diferentes aspectos da experiência humana e da transformação pessoal.

Por fim, é inegável que a figura da bruxa na literatura infantil oferece caminhos ricos para a formação de valores. Ela não é uma mera caricatura, mas uma representação profunda das lições que surgem das adversidades. Ao olharmos através da lente das narrativas que a envolvem, percebemos que estas nos convidam a questionar nossas próprias escolhas e reações, provocando uma autocrítica que pode ser transformadora.

Um dos traços marcantes ao olhar para essas narrativas infantis, envolvendo bruxas, é a habilidade delas de ensinar valores através de suas interações com outros personagens, o que nos leva a refletir sobre a personagem “Branca de Neve”, em algumas interpretações, pois promove a amizade e a lealdade. Ela representa assim, como as personagens bruxas, a ideia de que, apesar da diversidade, a bondade sempre encontrará um caminho.

A bruxa, portanto, emerge não apenas como uma protagonista mágica, mas como uma guardiã das lições da vida, um elemento vital que nos guia na busca pela sabedoria em um mundo que construímos a cada história que contamos.

5 CONCLUSÃO

A literatura e o folclore deram início à disseminação da figura bruxa, afirmando que ela tem pacto com o demônio, reforçando o imaginário das nossas sombras. Em virtude do que aconteceu no início da Idade Média, fatos e registros que se encontram na atualidade fazem parte da nossa imaginação, da nossa cultura, dos arquétipos e dos símbolos presentes em todo mundo. A trajetória da bruxa ao longo da história é interessante e observamos grandes mudanças culturais. Desde suas origens em mitologias até a representação contemporânea, a personagem passou por diversas transformações. A bruxa era vista com sabedoria, associada ao uso de ervas medicinais para cura de doenças e a poderes mágicos. Por isso, em algumas sociedades elas realizavam seus cultos e rituais juntamente com sua medicina alternativa de ervas. Sabe-se que houve outro período; na Idade Média, a bruxa era observada com pavor e desconfiança, pois ela era vista como a grande aliada do diabo. Na Idade Moderna, no período do Renascimento, com o surgimento do cristianismo, muitas práticas pagãs foram demonizadas, isto é, as bruxas ainda eram vistas como associadas ao demônio, e foram perseguidas e acusadas de fazer o mal para as pessoas, ou seja, a prática da bruxaria. Por isso, nesse mesmo período aconteceu a caça às bruxas; muitas mulheres detentoras de conhecimentos foram humilhadas, torturadas, executadas e queimadas em praça pública.

Portanto, somente no Iluminismo houve uma diminuição da caça às bruxas, mas não o fim, as personagens ainda eram vistas com olhares de medo e superstição. No entanto, no período do Romantismo, aconteceu o renascimento da bruxa, autores começaram a observar a personagem como trágica, direcionando para a opressão que as mulheres sofreram.

É por isso que a figura da bruxa historicamente carregou um peso profundo nas narrativas infantis, simbolizando muito mais do que simples maldições e feitiços. Ao longo do tempo, essa personagem foi se transformando, adaptando-se às mudanças sociais e culturais, revelando em sua essência uma riqueza de lições e significados que vão muito além do que as primeiras histórias apresentadas. Assim, ao estudarmos o contexto histórico e as nuances que cercam a bruxa na literatura infantil, somos levados a perceber sua transformação como um reflexo das constantes transformações da sociedade.

Assim, a partir do século XVIII, a bruxa passou por transformações no imaginário coletivo, com um movimento de símbolo do medo e superstição para uma representação de poder e resistência. Por isso, a personagem bruxa passa a fazer parte da literatura infantil, representando a sociedade e a cultura atual.

Desta forma, o sobrenatural desempenha um papel fundamental nas narrativas infantis, ela vem em forma de magia, bem como feitiços e poções, ou seja, poderes de transformações, desafiando as leis da física. Geralmente quem possui esses poderes sobrenaturais são as fadas, as bruxas e outros seres místicos. Percebeu-se que muitas histórias infantis incluem situações e espaços mágicos, modificando a realidade, permitindo ao leitor experimentar a imaginação, oferecendo uma fuga do seu cotidiano, com uma oportunidade de examinar o desconhecido, confrontar seus medos, fazendo uma reflexão de suas experiências e suas emoções.

Observou-se um enriquecimento da personagem bruxa nas histórias para crianças; antes a bruxa era vista como uma figura maliciosa, símbolo de temor e desapego. No entanto, com o passar do tempo, este cenário foi sendo desafiado e transformado, e hoje temos a representação da figura menos assustadora, presente nas narrativas contemporâneas

No século XX, nascem muitos movimentos feministas, trazendo a imagem da bruxa como uma figura importante, símbolo de autoridade da mulher, vistas como sábias e detentoras de conhecimentos ancestrais. Em virtude dos fatos mencionados e movimentos, as bruxas obtiveram um sinal de valorização e, por isso, entende-se a importância da personagem para compreendermos os traços obscuros presentes em nosso inconsciente.

Refletindo na pesquisa e alinhando às muitas leituras, juntamente com a análise dos livros infantis, direciono para a literatura com um olhar na personagem: em muitas histórias, ela é vista como herói, ou seja, para solucionar problemas presentes na sociedade, seja ele individual ou coletivo. Por esse motivo, muitos autores trazem as bruxas em narrativas infantis, pois essa figura se apresenta como um símbolo de resistência, muitas vezes enfrentam os gigantes presentes no inconsciente da humanidade. Dessa forma, a bruxa passa uma imagem de resistência e poder, ou seja, uma sombra, uma força, que somente a bruxa pode desmistificar. Portanto, percebemos a importância das personagens bruxas na literatura infantil, a qual a criança tem acesso e pode experimentar situações de conflitos, medos e ansiedade. Enfrentar a bruxa em uma história pode ser uma forma de liderar suas emoções, proporcionando uma sensação de segurança ao ver essas abordagens.

Por isso, abordar o imaginário da bruxa através das narrativas para crianças é um processo lúdico e repleto de simbolismo, arquétipo e magia. Todavia, o estudo se debruçou sobre a análise das narrativas infantis, buscando desvendar os elementos que compõem o imaginário e como estes se relacionam com o arquétipo da bruxa e seus símbolos. Tendo em vista os aspectos observados, sabemos que a literatura infantil contemporânea brasileira explora a figura da bruxa menos assustadora. Dado o exposto, podemos esperar que a bruxa continuará

a evoluir à medida que a sociedade muda, ela também poderá incorporar novos elementos, bem como a inovação das tecnologias, criando um espaço de magia no mundo moderno.

A escolha dos livros infantis para analisar com base na teoria do imaginário, apresenta as personagens bruxas do gênero feminino, sendo todos os enredos das histórias com transformações e resoluções de problemas, envolvendo a magia e o sobrenatural. Podemos perceber nas fadas de *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof (2014), e em *Nem isso, nem aquilo*, de Nye Ribeiro (2006), que as personagens se apresentam com a dualidade entre fada e bruxa, representando o contraste da vida moderna. As pessoas na sociedade contemporânea muitas vezes assumem múltiplas identidades e papéis, adaptando-se às situações e às circunstâncias. Essa fluidez é uma característica do mundo moderno, no qual as expectativas e os contextos sociais estão em constante mudança.

A literatura infantil muitas vezes representa a personagem como heroína. A dona Eulália, de *A guerra dos gatos contra a bruxa da rua*, de Heloisa Prieto (2001), oferece uma reflexão sobre a sociedade, com base na história e relacionando ao imaginário da bruxa. Entendeu-se, como mensagem principal e como reflexão das relações sociais da atualidade, que a convivência harmoniosa entre gatos e bruxa pode simbolizar a necessidade de construir pontes entre diferentes comunidades e respeitar as diferenças. Espera-se que todos os envolvidos aprendam a se adaptar e encontrar novas formas de coexistir. Levando em conta o que foi observado, mostrou-se que a bruxa representa o crescimento pessoal e coletivo, como também o respeito aos animais nos dias atuais. Concluiu-se que a bruxa pode representar a ideia de que todos têm o poder de influenciar positivamente o mundo a sua volta, mesmo em situações desafiadoras.

O que podemos esperar das bruxas representadas nas narrativas *Bruxa, Bruxa venha à minha festa*, de Arden Druce (2002), e de *A vassoura mágica e a fada encantada*, de Nádia Aguiar (2009), são muitos ensinamentos, principalmente sobre amizade. A bruxa do primeiro conto é convidada para a festa, essa celebração é um convite ao leitor abraçar sua própria identidade e a se conectar com os outros. Levando em conta o que foi observado na primeira história, relacionamos com a segunda, pois a fada também tem essa relação de amizade com a vassoura, mostrando que, mesmo aqueles que parecem diferentes ou tem características incomuns, podem se conectar e formar laços.

Portanto, as narrativas analisadas são histórias direcionadas para crianças. Assim, a análise da personagem bruxa nas narrativas infantis revela seu papel e sua importância dentro do imaginário coletivo, retratadas como figuras terríveis e amigáveis, as quais questionam

padrões e promovem autonomia. Levando-se em conta o que foi observado, as bruxas contemporâneas nos ensinam a olhar além das aparências e a valorizar a diversidade da atualidade.

Desta forma, as narrativas infantis analisadas trazem a bruxa como personagem principal, com uma lição, ajudando as crianças a se tornarem indivíduos mais compreensivos e confiantes em suas jornadas e capazes de enfrentar os desafios da vida. Fica evidente como imaginário infantil é importante no contexto do desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Por isso, ele não se limita a meras fantasias, mas contribui para a compreensão das relações humanas.

É por isso que a literatura infantil contemporânea considera a bruxa uma personagem com conhecimento e personalidade, refletindo sua sabedoria através dos ciclos que regem o comportamento e a imaginação. A bruxa, então, passa a representar não apenas a conquista do medo, mas também a importância de olhar para além das aparências, uma lição vital em um mundo que pode ser impiedoso em suas expectativas. Com isso, a personagem bruxa vem sendo representada nas histórias infantis como sábia e atenta às mudanças sociais, profundamente conectada com os ritmos naturais e os ciclos da vida, respeitando os elementos da natureza.

Desta forma, as bruxas evoluíram simbolicamente, mas seguidamente as narrativas trazem a figura associada à magia e ao sobrenatural, o que permite ao leitor observar esses elementos e refletir sobre seus próprios desafios e o mundo ao seu redor. Entendeu-se que a bruxa é uma personagem que se mantém viva na imaginação infantil, preservando a dualidade entre o bem e o mal; em certos momentos usam seus poderes para causar destruição, em outros são vistas como heroína, para ajudar os outros.

Além disso, o simbolismo da bruxa como um reflexo de questões sociais contemporâneas se torna uma parte integral desse discurso. O impacto dessas representações é inegável, ao confrontar com histórias que desafiam preconceitos e assimetrias de poder, os leitores são levados a repensar não apenas suas percepções sobre a figura da bruxa, mas sobre sua própria posição no mundo.

Com isso, a figura da bruxa se transforma em uma aliada na luta pela justiça e pela aceitação das diferenças, permitindo que as novas gerações reflitam sobre suas próprias histórias e experiências. E, assim, pode-se perceber que, ao reformular a bruxa nas narrativas contemporâneas, os autores não apenas reverenciam a riqueza da figura histórica, mas trazem à tona lições vitais para as crianças de hoje, em um mundo que demanda solidariedade e amor ao próximo.

Portanto, essa pesquisa finaliza, com a certeza do movimento da personagem, pois as narrativas contemporâneas trazem a figura da bruxa mais dócil e amigável, mas com a mesmo encanto. Essa mudança pode ser atribuída a vários fatores culturais, ou seja, a bruxa tradicional vista como malvada está sendo desconstruída em muitas histórias. Com isso, essa imagem das personagens modernas promove uma visão positiva da bruxa, demonstrando uma figura forte e respeitável, em vez de uma vilã.

Conclui-se que a dissertação sobre o imaginário da bruxa na literatura infantil contemporânea pode oferecer contribuições significativas para a área de letras, abrangendo aspectos literários, culturais, educacionais e sociais. A pesquisa promove questões críticas e prepara o terreno para o entendimento mais profundo da literatura como representação e um agente de transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Nádia. **A vassoura mágica e a fada encantada**. Secretaria da educação, Fortaleza: SEDUC, 2009.

ALMEIDA, Sergio Cesar Prates de. Mircea Eliade e a valorização do imaginário religioso. **Revista Eletrônica Correlatio**, V. 15, n. 1, 2016.

AMARAL, Bibiana Borges. A Literatura Fantástica: Percurso Histórico e Conceitual. Porto Das Letras, 8 (Especial), 185–203. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/14906>. Acesso em: fev. 2025.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BOURGUIGNON, Laurence. **Branca de Neve, Jacob Grimm e Wilhelm Grimm**. São Paulo: Comboio de Corda, 2013.

CERNICCHIARO, Ana Carolina. Daniel Munduruku, literatura para desentortar o Brasil. **Crítica Cultural**, v.12, n. 1, jan/jun, Palhoça, 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, 1906. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras. ed. cores, números. 16ª ed.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CHEVALIER, Jean, Alain Gheerbrant, 1906. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras. ed. cores, números).** 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo. Moderna, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de Fadas**. São Paulo. Editora Ática, 1987.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

DRUCE, Arden. **Bruxa, bruxa venha à minha festa**. Ministério da educação, FNDE, PNBE, 2008.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Trad. Maria Adozina Oliveira Soares. Lisboa-Portugal: Coleção Artes e Letras/ Arcádia. 1979.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. Trad. Sonia Maria Tamer. Martins Fontes. São Paulo. 1991.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAQUERI, Rodrigo de Freitas. Mulheres monstruosas no folclore asiático: uma análise da figura de Pontianak em “Nobody”. **Letras & Letras**, v. 40. Uberlândia, 2018.

FAUSTO, Berg. **Dicionário do Símbolos dos arquetípicos: Simbologia - Mossoró/RN**, 2018.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo, Elefante, 2017.

FRANZ, Marie- Louise Von. **A interpretação dos contos de fadas**. Tradução: BABOSA, Maria Elci Saccaquerche. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

FRANZ, Marie-Louise Von, 1915. **A interpretação dos contos de fada**. Tradução: BABOSA, Maria Elci Saccaquerche. São Paulo: Paulus, 1990.

GAMA-KALIL, Marisa Martins, Persicano & Melo. Bruxas, Feiticeiras e os objetos mágicos e a Escolhida. **Letras & Letras**, v. 40. Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/download/71348/38800/339302>. Acesso em: 15 jan. 2025.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Tradução: Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 6ª ed. Tradução: Maria Lúcia Pinho; Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1964.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo, 1875-1961**. Tradução: APPY, Maria Luiza; SILVA, Mariana Ferreira da. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur**. C.G. Jung; tradução de Lorena Richter. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 74–82, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2001.15.3123. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3123>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MENDES, Camila da silva. Ana Paula Uliana Mason. **A magia dos contos de fada**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.8. n.10. 2022.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault**. Editora Unesp, São Paulo, 2000.

ORTHOF, Sylvia. **Uxa, ora fada, ora bruxa**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

PRIETO, Heloisa. **A guerra dos gatos contra a bruxa da rua**. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

RIBEIRO, Nye. **Nem isso, nem aquilo**. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.

RUSSELL, Jeffrey B. Brooks Alexander. **História da Bruxaria**. Tradução Álvaro Cabral e William Lago, 2ª edição, São Paulo: Aleph, 2019.

SBARDELINI, Rodrigo dos Santos. Bakhtin, o leitor e a bruxa urbana: o eu, o outro e o outro eu na construção do discurso estético da narrativa fantástica “Porém Bruxa”, de Carol Chiovatto. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 40, n. único, p. e4005 | p. 1–22, 2024. DOI: 10.14393/LL63-v40-2024-05. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/71239>. Acesso em: 8 dez. 2024.

SILVA, Andressa de Souza. **Bruxas e suas casas: integração da sombra do feminino em Carola Saavedra e Alina Paim à luz da psicologia profunda**. Dissertação Pós-graduação em literatura. Universidade de Brasília, 2021.

SILVA, Dartagnan Abdias. A bruxa moderna e a personagem ressignificada: relações entre o religioso e a mídia. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 3–22, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26901>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Inter Saberes, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ANEXO A – CAPAS DAS NARRATIVAS INFANTIS ANALISADAS

Figura 01- <https://www.amazon.com.br>



Fonte: <https://www.amazon.com.br>, 2001, 2002, 2006, 2009,2014, capas.